

ComSertões

Revista de Comunicação e Cultura no Semiárido



UNEB - DCH III - NUPE - EDUNEB

Juazeiro-BA - Vol. 01, N° 03
Julho/Dezembro 2015
ISSN Elet: 2357-8963
ISSN Imp: 2318-4507

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH)
CAMPUS III – JUAZEIRO
CURSO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS

REITOR

José Bites de Carvalho

DIRETORA DO DCH III

Márcia Guena

COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS

Luiz Adolfo de Andrade

EDITOR

João José de Santana Borges

EDITOR ASSISTENTE

Paulo César Pedroza Marques

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

César Bolano/Universidade Federal de Sergipe

Cicilia Peruzzo/ Universidade Metodista de São Paulo

Giovandro Marcus Ferreira/ Universidade Federal da Bahia

Ismar de Oliveira/ Universidade de São Paulo

Maria Immacolata Lopes/ Universidade de São Paulo

Thomas Tufte/RoskildeUniversity Center da Dinamarca

Israel Rocha/Universidade Federal da Bahia

Miguel Almir de Araújo Lima

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

David Werson

FOTO DE CAPA:

Lizandra Martins- Oficina do artesão - (artesão José Nildo) - (2014)

ASSISTENTE EDITORIAL

Estagiária -Jaqueline dos Santos

COLABORADORES

Cecílio Ricardo de Carvalho Bastos e David Werson

APOIO

Departamento de Ciências Humanas (DCH) CAMPUS III – Juazeiro

ComSertões: Revista de comunicação e cultura no semiárido. / Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. - n. 3, (jul/dez, 2015) - Juazeiro: UNEB/DCH, 2015.

Semestral

Revista eletrônica: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/consertoos/index>

ISSN 2357- 8963 (versão on-line)

ISSN 2318- 4507 (versão impressa)

1. Comunicação 2. Cultura I. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, 2015.

CDD 302.2

Sumário

- 1- **Discursos ideológicos sobre a seca construídos na literatura e na música**, por Emanuel Andrade Freire – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pág. 7.
- 2- **O semiárido brasileiro na grande mídia: da estereotipia à proposição de novas perspectivas comunicacionais contextualizadas**, por Uilson Viana de Sousa – Universidade do Estado da Bahia (UNEB-PPGESA). Pág. 19.
- 3- **O lugar das pessoas nos projetos de desenvolvimento no Sertão da Bahia: histórias e memórias a partir de vozes ignoradas**, por Aurilene Rodrigues Lima – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pág. 32.
- 4- **Radiodifusão Comunitária no Território Sertão do São Francisco**, por Érica Daiane da Costa Silva e Karine Pereira da Silva – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pág. 47.
- 5- **Lexicografia catingueira em vozes do mato**, por Lauana Sento Sé Vieira Santos e Cosme Batista dos Santos – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pág. 58.
- 6- **Complexidades no semiárido baiano: novos significados sobre o território nos municípios de Uauá e Canudos**, por Cecílio Ricardo de Carvalho Bastos, Márcio Pedro Carvalho Pataro de Queiroz e Uilson Viana de Sousa – Universidade do Estado da Bahia (UNEB-PPGESA). Pág. 70.
- 7- **Urbanidades e ruralidades no semiárido da Bahia: o olhar de um grupo de pesquisa da UNEB**, por Celso Antonio Favero - Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pág. 80.
- 8- **Corpo, ética e práxis: por uma sociologia pública da comunicação no campo da saúde**, por João José Borges – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pág. 96.

EDITORIAL

Estamos em festa, celebrando mais uma edição da ComSertões. Depois de tantos perigos, aqui estamos para ofertar à comunidade acadêmica textos ricos em sertanias. E tão afoitos pela leitura de vocês, estamos. Afinal, esses artigos fomentam reflexões, debates, convidam e convocam para a atuação crítica, cidadã, científica e existencial nessas paisagens vivas.

O texto de abertura é um protótipo de uma geração de artigos que conduzem nosso olhar para as pessoas do sertão do São Francisco, nos enfrentamentos com o poder do Estado, essa ausência que se fez presente em momentos de avidez pelo desenvolvimento desidratado dos projetos da construção das barragens, desconsiderando os ignorados que já viviam em seus lugares, e que desde já reinventavam modos de vida em tempos de esquecimento. Um enfoque metodológico da proximidade, da escuta e mesmo do sentido tátil, quando, por exemplo, Aurilene sente no ombro de um antigo remeiro, a marca do açoite do tempo na lida com o remo das embarcações que cruzavam o São Francisco. E também os sentidos da luta de resistência são vizinhos a uma imaginação que recria as cenas de ignorados e suas lutas ignoradas, para que não caiam no esquecimento e sejam honrados, como memória viva do povo de um lugar.

Numa visada mais panorâmica, estudantes do Programa de Mestrado em Educação Contextualizada (PPGESA) nos apresentam uma leitura generosa e otimista das práticas de convivência com o semiárido, relatando, a partir da vivência acadêmica de uma disciplina do Mestrado (PPGESA), formas mais recentes de institucionalização em que saberes tradicionais são descortinados, modos de existência percorridos. Ao denunciar "bolsões de miséria dentro de uma legislação obsoleta que não demonstra importar-se tanto com tais problemas", referindo-se aos processos de urbanização de parte da região por ele visitada, Cecílio menciona o papel de agentes diversos, como a própria UNEB, nas formas de emancipação que enuncia.

Em uma perspectiva distinta, Celso expõe resultados do trabalho do grupo de pesquisa "territórios, hegemonias, periferias e ausências", em que descortina categorias de ser rural e urbano, cada vez mais em confluência e em desiguais condições. "Desses lugares, enfim, também miramos a cidade, o urbano e a urbanidade dos urbanos, distante ou próxima, assimilada nos gestos dos camponeses, na feitura das casas, no

artesanato da vida, nas falas e nos silêncios, tantos lugares e modos de desencontros de mundos. Ao mesmo tempo em que nos embecemos da roça, do rural e do modo camponês de relacionamento, nós outros somos mais urbanos, somos a universidade e a cidade. Contradição escancarada, adentrada nos corpos e nas mentes; contradição que, mediada por grandes empreendimentos que reocupam atualmente a região e a transformam em nova fronteira do capital".

Também um relato de grupo de pesquisa é apresentado em um artigo de minha autoria, em que procuro refletir as significações das práticas de cuidados com a saúde em um Centro de Terapias Naturais, o CETGIB, em Juazeiro-BA. Procuro desbravar uma área controversa, a socio-antropologia da comunicação, tendo a saúde como objeto de estudo, em uma perspectiva interdisciplinar, como é a tônica da maioria dos artigos aqui publicados.

"Para não dizer que não falei de flores", leia-se, de mídia, os leitores se beneficiarão com pelo menos dois oportunos textos sobre os meios de comunicação. Um deles é o relato do projeto de extensão "Radiodifusão no território do Sertão do São Francisco. "Trata-se de um mapeamento prévio das rádios comunitárias na região do Vale do São Francisco que, apesar de panorâmico, já aponta as discrepâncias entre a dimensão teórica (Peruzzo), a dimensão legal e a dimensão empírico-prática, em que "pouco se constata a participação das pessoas" na tomada de decisões e definição da linha editorial". Ainda assim, Ericka salienta, é importante "destacar o protagonismo da comunidade neste processo de troca de informação". A luta contra a marginalização dos veículos comunitários faz parte da luta pela democratização dos meios de comunicação. Este combate deve enfrentar o poder hegemônico da grande mídia e as imagens estereotipadas que a mesma propaga. É o que obtemos com o artigo de Uilson, que também apresenta elementos " como subsídios de visibilização do trabalho desenvolvido pelos agentes sociais, atores, atrizes e profissionais, indo para além do combate ao discurso do combate à seca, mas passando a exercer um olhar crítico sobre o modo de ver, ouvir e analisar a mídia".

Por que não mencionar outros meios, alternativas linguagens? Outras vozes são trazidas para a cena da revista ComSertões pelo artigo de Emanuel Andrade. Agora é a literatura e a música, tematizadas como produtoras de discursos e imagens sobre o semiárido, ora reproduzindo as visões habituais típicas, ora realçando a beleza árida e a bravura doce dos povos sertanejos. Temática semelhante se apresenta de modo mais circunspeto e especializado no artigo de Lauana Sento-Sé, em que procura revalidar a

voz sertânica, através de uma lexicografia própria do meio. Ao atentar para a linguagem própria desse universo, atentamos certamente para o genuíno modo de pensar, legitimando-o.

A que se destinam os textos dessa terceira edição? Eis que nos provocam. Estão em aberto, destinados a serem preenchidos por outras provocações, inquietudes e interpretações diversas. De modo geral, pode-se dizer que os artigos reunidos nessa edição intentam pelo menos dois esforços em comum: o primeiro deles é a confirmação da natureza interdisciplinar dos estudos em comunicação, e sobretudo considerando que estes estudos não se restringem à mídia, mas também se referem às práticas e aos processos comunicacionais lato sensu, investindo em cultura e imaginário, saúde e história, espacialidades e temporalidades plurais. O outro esforço, traduzido pela imagem da capa, reside em compreender as pessoas nesses lugares, suas histórias, suas fragilidades e suas potências, o sentido em comum, ser-tão pleno de significações próprias, múltiplas reinvenções. Boa leitura!

1-Discursos ideológicos sobre a seca construídos na literatura e na música

Emanuel de Andrade Freire¹

Resumo:

O cenário das consecutivas secas que atingiram o Nordeste brasileiro nos últimos cem anos sempre esteve presente nas narrativas literárias e poético-musicais, abrindo um debate através de seus discursos objetivos ou subjetivos, sobre o fenômeno natural que, na maioria das vezes, deixa marcas na geografia o semiárido nordestino, diante a escassez de chuvas, provocando impactos na rotina do sertanejo, como perda de lavouras, falta de água para consumo humano e animal. Atualmente, esse mesmo cenário se traduz numa outra realidade, de certa forma, distante das superadas frentes de emergência e da saga das migrações para os grandes centros. Este artigo faz uma análise da temática e do discurso ideológico utilizados por alguns autores no campo da literatura e da Música Popular Brasileira, ajudando a compreender, muitas vezes de forma lúdica, a visão de quem conhece de perto o problema em relação aos que produzem conteúdos estereotipados sobre o tema.

Palavras-chave: Seca; Sertão; Literatura e Música Popular

Summary

The scenery of dry consecutive that hit the Brazilian Northeast in the last one hundred years has always been present in the literary and poetic-musical narratives, opening up a debate through their objective or subjective speeches on the natural phenomenon that, for the most part, leaves marks in geography the semi-arid northeast, on the lack of rain, causing impacts on routine backcountry, such as loss of crops, lack of water for human and animal consumption. Currently, this same scenario translates into another reality, in a way, far exceeded the emergency fronts and the saga of migration to the big cities. This article analyzes the thematic and ideological discourse used by some authors in the field of literature and of Brazilian popular music, helping to understand, often playful way, the vision of those who closely know the problem than those who produce content stereotyped on the subject.

Keywords: Drought; Hinterland; Literature and Popular Music

Resumen:

El paisaje de sequías consecutivas que azotó el noreste de Brasil en los últimos cien años ha estado siempre presente en la narrativa literaria y poética-musical, la apertura de

¹Emanuel Andrade é jornalista, mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, e professor do curso de Comunicação Social Jornalismo em Múltiplos Meios, da Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

un debate a través de sus discursos objetivas o subjetivas, sobre el fenómeno natural que, en su mayor parte, las hojas marcas en la geografía del nordeste semiárido, por la falta de lluvia, causando impactos en la travesía de rutina, tales como la pérdida de las cosechas, la falta de agua para consumo humano y animal. Actualmente, este mismo escenario se traduce en otra realidad, en cierto modo, superó los frentes de emergencia y la saga de la migración a las grandes ciudades. En este artículo se analiza el discurso temático e ideológico utilizado por algunos autores en el campo de la literatura y de la música popular brasileña, ayudando a comprender, a menudo de manera lúdica, la visión de aquellos que conocen de cerca el problema de aquellos que producen contenidos estereotipado sobre el tema.

Palabras clave: Sequía; Hinterland; Literatura y Música Popular

INTRODUÇÃO

O universo árido da seca com seus cenários de escassez não está somente no plano real da rotina geográfica do Nordeste nem nas abordagens estereotipadas da grande mídia. Também se perpetua na literatura, na música e no cinema. Os impactos das médias ou longas estiagens e suas consequências na ecologia humana sempre estiveram presentes no noticiário jornalístico, sendo que, muitas vezes, os produtores de conteúdos informativos seja para televisão, rádio ou jornais impressos se utilizam dos impactos provocados pelas estiagens para desenhar de várias maneiras um cenário de destruição e atraso que acabam formatando ideias preconceituosas por parte do olhar das regiões Sudeste e Sul. Há veículos, contudo, que ampliam a cena como uma tragédia anunciada. Mapeando secas históricas do último século, podemos perceber que as abordagens se mantiveram estereotipadas, geralmente com imagens fotográficas repetitivas de chão calcinado, reservatórios vazios, panelas sem alimento e, na maioria das vezes, os ossos do gado espalhados pelo chão.

Há décadas o tema da seca se faz presente na realidade dos nordestinos tanto no sentido de proximidade geográfica como no discurso que aponta o fenômeno como a responsável pelo atraso econômico de uma das maiores regiões do país. É possível pontuar que a sua caracterização pelos diversos segmentos da sociedade se ancora no termo seca enquanto fenômeno climatológico a partir da falta de chuvas, do empobrecimento do solo ou da baixa do nível de água dos açudes, como por outro lado, mexe com a dimensão social, como reporta a imprensa, ao observar os desdobramentos provenientes dos períodos de estiagem.

Além disso, o cenário das consecutivas secas que atingiram o nordeste brasileiro nos últimos cem anos sempre esteve presente nas narrativas literárias e poético-musicais, abrindo um debate através de seus discursos sobre o fenômeno natural que, na maioria das vezes, deixa marcas na geografia do semiárido nordestino, diante da escassez de chuvas. Este artigo faz uma análise da temática e do discurso ideológico sobre o semiárido presente na literatura e em composições musicais, que apresenta, de forma lúdica, a perspectiva de mundo e vivências de quem conhece de perto o problema em relação aos que produzem conteúdos estereotipados sobre o tema. Para tanto, neste artigo, discuto alguns dos aspectos presentes na construção literária e musical, buscando entrever questões que estão relacionados ao bioma caatinga e aos homens e mulheres que vivem nesse sertão e que produzem arte e cultura.

No plano da abordagem presente neste universo literário e musical, as cenas de retirantes e filas das emergências, criadas até início dos anos 80, ficaram no passado, mas nortearam muitas criações através da arte, como na música e literatura, conforme abordaremos neste artigo. Em certas situações provocaram uma espécie de catarse ancorada no discurso ideológico de seus autores. Contudo, composições recentes já circunscrevem outros espaços geográficos que também sofrem com a seca, o que pode assinalar uma outras perspectivas de enfrentar o problema social.

Antes de entramos nos argumentos expostos no horizonte da linguagem artística, podemos reforçar sob a ótica de vários pesquisadores sociais que a seca é apontada como fator determinante para a demarcação da região Nordeste. “O tema da seca foi, sem dúvida, o mais importante, por ter dado origem à própria ideia da existência de uma região à parte, chamada Nordeste, e cujo recorte se estabelecia pela área de ocorrência deste fenômeno” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.120). Os primeiros relatos sobre esta problemática datam de 1552, três anos após a chegada do primeiro governador-geral, Tomé de Souza, ao recém-descoberto Brasil (VILLA, 2000, p.17). Desde então, uma construção histórica realizada, em alguns casos, através da música, dos filmes, da mídia e da literatura fizeram com que o Nordeste, muitas vezes, fosse associado à ideia de seca - longe de formarem a imagem definitiva da região, porém, contribuindo para a construção do imaginário popular sobre este território.

Além disso, tal região acabou se transformando, principalmente após a estiagem de 1877-1879 (na qual aproximadamente 5% da população brasileira morreram), em uma “região problema” (VILLA, 2000, p.83). Contudo, os diferentes cenários de cada seca também foram expostos nas telas de cinemas, nas telenovelas, na literatura, na poesia,

na música popular. Muitas vezes, existe a presença de um discurso político que converge para apropriações dedisputas de poder, marcadamente de caráter eleitoreiro. Apesar das mudanças e avanços ocorridos, no âmbito das políticas públicas, atualmente, os diversos discursos midiático colocam o Nordeste na órbita das mazelas sociais.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) observa que a crítica literária passa a explicar até mesmo o estilo dos autores nordestinos, a partir das imagens ligadas a este espaço:

Os autores são áridos, secos, pontiguados, lembram o deserto, o cacto. A identidade do autor é estabelecida com base na relação dele e de suas obras com o espaço que quer representar embora alguns, como Graciliano Ramos, procurem realmente afirmar no próprio estilo, na textura da linguagem, na sua forma de expressão, a imagem da região que constrói (ALBUQUERQUE, 2011, p.124).

A literatura abraçou um amplo papel como veículo de informação e debate ao trazer para a sociedade a problemática nordestina. Euclides da Cunha publicou *Os Sertões* em 1902, dividido em três partes: A terra, O homem e A luta, como estudo antropológico, sociológico, científico, poético e romanceado daquele povo mítico conduzido pelo líder messiânico, Antônio Conselheiro, chefe dos homens do Sertão de Canudos, conforme definiu a mídia do Sudeste.

A Guerra de Canudos foi o que seria improvável território desconhecido para Euclides da Cunha, jornalista e escritor, tido como um dos intelectuais mais conceituados e respeitados do país no começo do século XIX. No auge da carreira, tinha 43 anos quando morreu, numa trágica história familiar. Obra clássica lançada em 1902, *Os Sertões* entra no ranking dos clássicos da literatura brasileira. O escritor, para muitos pesquisadores, aportou no Sertão da Bahia, caracterizado pelo bioma caatinga, sem talvez, conhecer com maior afinco sobre a fauna e a flora. Há historiadores que ainda hoje criticam a concepção e o olhar de discriminação que Euclides da Cunha desenhouem suas descrições ao falar da longa estiagem do ano em que se deu a guerra, tendo de um lado os seguidores de Antônio Conselheiro e do outro os homens da Guarda Nacional.

Especialista em geografia cultural e professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Caio Maciel, em texto publicado no livro- reportagem *Os Sertões*, assinado pela jornalista Fabiana Moraes (2010), traduz novas configurações para o Semiárido do ponto de vista estético e da convivência. Para ele, “as paisagens do Sertão

seja do ponto de vista humano ou do quadro natural, possuem uma expressividade estética que tem magnetizado o olhar da sociedade brasileira desde muito tempo”(apud MORAES, 2010, p.91).

Nesse contexto, o professor reflete sobre a retórica das secas e traz à luz do debate argumentos mais fortes na construção de soluções. Segundo Maciel, a retórica das secas é o exemplo mais banal de como se pode construir um discurso carregado de negatividade a partir dos elementos paisagísticos marcantes da região. Nesse sentido, o pesquisador questiona:“quem não reconhece facilmente o Nordeste seco através das imagens dramáticas de um açude esgotado ou da desolação de uma família de trabalhadores rurais diante da caatinga ressequida?(apud MORAES, 2010, p 91).

A despeito da veracidade contida nos espetáculos do fracasso social diante de um bioma semiárido que nem é das mais hostis do planeta, o imaginário sobre o sertão vem sofrendo uma reviravolta significativa nos últimos anos. Apoiando-se nessas visões trágicas e acrescentando-lhes ícones do atraso técnico e do tradicionalismo político – a desprezada lavoura de sequeiro, os coronéis travestidos de líderes democráticos e por aí vai, surgiu de uma antítese poderosa: o Sertão do agronegócio, da irrigação e das transposições das bacias hidrográficas (MACIEL apud MORAES, 2010, p.91).

São muitos os discursos reproduzidos que associam a região à tradição de um ambiente de longa estiagem costurando aspectos informativo, crítico e até de denúncia. Uns ganham descrições coerentes e reais de quem, realmente, conhece de perto, como nativo, a realidade do que muitos chamam de fenômeno natural, enquanto outros deturpam de forma tendenciosa a realidade das estiagens, para compor uma imagem crítica em torno do povo da região, principalmente os que vivem nas áreas rurais.

Mergulhando um pouco na memória da temática na plataforma da literatura, é só dar um salto lá na segunda metade da década de 30, quando o alagoano Graciliano Ramos escreveu *Vidas Secas* que se traduz numa significação menos aparentemente, contudo central. Com sua narrativa forte, o romance foi construído a partir do núcleo do conflito representado pelo casal de retirantes Fabiano e Sinhá Vitória. Ele ajuda a conduzir a narrativa, como personagem que se ligou de forma visceral ao meio e sobrevive às secas por sua intimidade com a terra, com seu mundo na imensidão da caatinga.

Como bagagem, traz os comportamentos hereditários e uma certeza de ser vitorioso. Depois de sobreviver a mais uma seca quando se estabelece uma nova fazenda, ele

enaltece sua resistência exclamando sozinho: “Fabiano você é um homem” (RAMOS,1997, p. 18). Nessa frase, há toda uma satisfação de ser alguém que se sobrepõe às dificuldades de uma região impiedosa. O personagem passa logo do orgulho para uma fase de dúvida, vendo como um simples cabra “ocupado em guardar as coisas dos outros”. E depois, em outro momento, murmura: Você é um bicho Fabiano, esbravejou.

Como bem conduziu Graciliano, seu personagem se orgulha de ser parte de uma paisagem que só admite os mais resistentes. Lá pelo meio do romance, percebe-se que os acontecimentos conduzem Fabiano a concluir que sem a linguagem não se é nada. A linguagem verbalizada tende a se tornar efetiva e se condiciona a dois fatores: à língua e à fala. Como bem observa Saussure (1966, p. 25) um signo é uma relação entre um significante (um som, uma imagem acústica ou um grafema) e um significado (um conceito). Assim, podemos compreender que são tantos os significados e conceitos que se entrecruzam no universo das interpretações.

Todavia a seca não é fator determinante na obra, como muitos pensam, mas é pano de fundo em várias passagens. A seca é tema frequente na literatura que aborda desde um simples fenômeno climático, estando na origem de todos os problemas do espaço onde ocorrem e até mesmo um problema que alavanca implicações econômicas, políticas e sociais, agravando uma estrutura socioeconômica de desigualdades sociais profundas. Em *Vidas Secas*, conforme pontua Albuquerque Júnior (2011), importam menos as consequências externas da seca do que o espírito dos personagens como manifestação do humano.

O espaço surge por meio dos olhos diferenciados de seus personagens. Um espaço fruto de diferentes visões que tecem uma rede de estranhezas; um espaço que se apodera dos personagens, porque está atravessado por um poder humano, por uma dominação que não estão perceptíveis a todo os olhares: os mistérios na natureza (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.265).

Nascido em Quebrangulo, Graciliano era um intelectual de olhar aguçado para as mazelas da época. Chegou a ser prefeito, em 1928, de Palmeira dos Índios até rumar para o Sudeste com o objetivo de exercer a brilhante profissão de escritor, jamais como um retirante. Certa vez, o escritor José Lins do Rêgo aportou em Palmeira dos Índios, em busca do homem que mais sabia de mitologia no sertão. A pacata cidade era a segunda terra natal do Velho Graça, como era chamado pelos amigos, para onde sua

família se mudara em 1910, depois de alguns anos na capital Maceió. Era o “homem sábio” que publicara seu primeiro conto *O pequeno pedinte*, no jornal do internato onde estudava, era o mesmo que varava madrugadas com caneta e papel, cachaça, fumo e dicionário.

No texto *A Descoberta da Linguagem*, escrito para integrar o Dossiê Graciliano Ramos - No meio do caminho tinha um estilo de Pedra-, da Revista *Entre Livros*, o jornalista e crítico Miguel Sanches Neto (2006) acena que *Vidas Secas* tem sido lido como narrativa sobre retirantes e dramas sociais, mas se refere sobretudo a um romance que se refere à urgência da leitura e ou a descoberta da linguagem.

O discurso poético-musical sobre o sertão

O Rei do Baião, Luiz Gonzaga, o compositor Catulo da Paixão Cearense, o maranhense João do Vale e o poeta cearense Patativa do Assaré talvez sejam os autores das mais representativas canções com narrativas sobre a seca. Através das letras e músicas pungentes, ambos denunciaram, de forma poética, os nós que, historicamente, a seca provoca na rotina de populações atingidas, mas nenhum deles jamais deixou de lançar um olhar esperançoso sobre o problema.

Para falar de seca, dor e saudade na teia dos versos, é só mergulhar nos versos do clássico *Asa Branca* (1947), parceria de Luiz Gonzaga com Humberto Teixeira:

“Quando olhei a terra ardendo
Com a fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão”

No seu último show, Luiz Gonzaga declarou querer ser lembrado como sanfoneiro que amou e cantou muito seu povo, o sertão, as aves, os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes, os valentes, os covardes e o amor. Em quase todos os seus discos, o Rei do Baião traduziu de fato, as alegrias e as dores dos sertanejos, sempre desenhando o cenário real dos vários sertões em um só. Em *Vozes da Seca* (1963), uma toada-baião que trafega numa mistura de discurso político e manifesto, Luiz Gonzaga e

Zé Dantas coletivizam os apelos, num grito de desilusão, pelo viés político, provocando as autoridades:

“Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage.
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage.
Livre assim nós da ismola, que no fim dessaestiage.
Lhe pagamointé os juru sem gastar nossa corage
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!”

Ao final, a esperança permeia a problemática, com o sonho de inverno e chuva. Caracteriza-se aí mais uma construção poética que denuncia o descaso e a omissão dos governantes no que se refere ao combate à seca. A toada Vozes da Seca continua atual e pode funcionar como um ‘tapa de luva’ na classe política brasileira. Os autores não deixam escapar a ideia de que a seca é um fenômeno climático que irriga em muitos casos interesses eleitorais e oportunismo.

Outra canção que se tornou referência e apelo no contexto da seca nordestina foi Súplica Cearense, do cantor, radialista, humorista e artista de circo baiano Waldeck Artur Macedo, mais conhecido como Gordurinha, em parceria com o compositor Nelinho, lançada em 1960 e gravada pelo próprio Gordurinha. A canção, conhecida pela gravação original em 1960, chegou a vender naquela época sem internet cerca de 400 mil cópias. A música foi composta em um programa de televisão que arrecadava dinheiro para ajudar a população do nordeste, desta vez, não por conta da seca, mas por uma enchente que destruíra centenas de casas.

Gordurinha e Nelinho, com seus talentos unidos, fizeram a música no camarim e apresentaram ao vivo. Posteriormente, foi regravação por Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Elba Ramalho, Fagner e até, mais recentemente, em 2014, pelo grupo jovemFalamansa, em homenagem ao rei do baião. A letra segue também em tom de apelo emocional:

“Oh! Deus, perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem parar
Oh! Deus, será que o senhor se zangou
E só por isso o sol arretirou
Fazendo cair toda a chuva que há
Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho
Pedir pra chover, mas chover de mansinho
Pra ver se nascia uma planta no chão
Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe,
Eu acho que a culpa foi

Desse pobre que nem sabe fazer oração”

Meio século atrás, as letras eram feitas com realismo sem deixar de evocar o sentimentalismo do sertanejo. No final dos anos 60, o Brasil ganhou a forte, bela e politizada Carcará, de João do Vale, que pontua também, o cenário da seca/inverno, usando a ave de rapina da família dos falconídeos como personagem central pra imprimir também cenas agonizantes da estiagem.

“Carcará, lá no sertão.
É um bicho que avoa que nem avião.
É um pássaro malvado
Tem o bico volteado que nem gavião.
(...) O sertão não tem mais roça queimada
Carcará mesmo assim num passa fome
Os burrego que nasce na baixada
Carcará, pega, mata e come.

O mesmo João do Vale, no começo dos anos 80, compôs para um disco de Raimundo Fagner uma espécie de crônica-canção que a batizou de Orós 2, neste caso confronta os estragos da seca e da cheia no Nordeste:

“Não é só fala de seca
Não tem só seca no sertão
Quase acabava meu mundo
Quando o Orós impanzinô
Se rebentasse matava
Tudo que a gente plantô
Se não é seca é enchente
Ai, ai, como somosofredô
Eu só queria saber
O que foi que o Norte fez
Pra vivê nesse pená
Todo nortista é devoto
Não se deita sem rezar
Se não é seca, é enchente, dotô
Que explicação me dá?”

No campo da música nordestina, há sempre expressões de uma realidade muitas vezes sofrida, mas costuradas em seus versos com irreverência e criatividade. Na escalada de grandes temas, no livro Luiz Gonzaga: A música como expressão do Nordeste, José Farias dos Santos(2004) sintetizou os temas-chaves da canção nordestina em quatro: crueldade da seca e migração; proteção divina; relação homem-natureza e desejo de retorno e contraste-rivalidade entre Nordeste e Sudeste.

A geração da chamada MPB surgida na transição de década de 60 para 70 e que bebeu na fonte do rei do baião, a exemplo de Fagner, Belchior, Zé Ramalho, Alceu Valença, Geraldo Azevedo e Djavan - todos nordestinos, mantiveram os discursos de seu ídolo, mas também deram nova roupagem em alguns clássicos e, ainda, carimbaram novo olhar direcionado aos problemas que se repetem no Nordeste. O compositor Djavan, no disco *Malásia* (1996) com sacadas jazzísticas e abordagens rurais (através da regravação de *Correnteza*, de Tom Jobim), traz também a bela e descritiva *Seca*. Na letra, o compositor questiona, perante Deus, o fenômeno e suas consequências:

“A terra se quebrando toda
A fome que humilha a todos
Vida se alimenta de dor
Que pobre povo sem socorro
Por que será que Deus pôs ali
O ser pra ser assim sofredor
Sob a brasa do sol padecer
O desdém do poder fingido
Sem saber o que é ser feliz
Viver, como se diz, dá medo
Apesar de se ter céu azul
O mesmo lá do sul, mesmo Deus”

No panorama do cancioneiro nacional, vale perguntar que papel as palavras desempenham numa canção. As respostas são inúmeras. Diante da temática da seca, é notório que, em cada composição, seus autores não escondem o sentimento de lamentação e a condição de pertencimento sobre a realidade de seu povo. A música atravessou a ponte do século XX para o XXI, mas a seca continua ganhando novas abordagens.

Curiosamente, as canções mais contemporâneas saem do foco apenas nordestino e se espalham por outras geografias. No novo Cd *Carbono*, Lenine (2015), em parceria com o compositor, letrista e jornalista Carlos Rennó, descreve em *Quede a água?* a seca que ultrapassa os limites do sertão nordestino e migra para outras regiões Sudeste:

“A seca avança em Minas, Rio, São Paulo
O Nordeste é aqui, agora
No tráfego parado onde me enjaulo
Vejo o tempo que evapora
Meu automóvel novo mal se move
Enquanto no duro barro
No chão rachado da represa onde não chove
Surgem carcaças de carro
Os rios voadores da Iléia
Mal desaguam por aqui

E seca pouco a pouco em cada veia
O Aquífero Guarani
Assim do São Francisco a San Francisco
Um quadro aterra a Terra
Por água, por um córrego, um chovisco
Nações entrarão em guerra
Quede água? Quede água?
Quede água? Quede água?
Agora o clima muda tão depressa
Que cada ação é tardia
Que dá paralisia na cabeça
Que é mais do que se previa
Algo que parecia tão distante
Periga, agora tá perto
Flora que verdejava radiante
Desata a virar deserto”

A canção é bem imagética, relacionando passado com o presente, mas no mesmo horizonte do fenômeno da estiagem, os compositores - um pernambucano (Lenine), outro paulista (Rennó) - unem as forças poéticas para exprimir os novos aspectos da seca que sai da caatinga e avança nas metrópoles brasileiras, como São Paulo, que tem enfrentado problema de abastecimento de água e longa estiagem com seca, que, contraditoriamente, é chamado pela mídia de crise hídrica. Quase no final da letra os autores chamam a sociedade para agir antes que seja tarde:

“Agora é encararmos o destino
E salvarmos o que resta
aprendermos com o nordestino
Que pra seca se adestra
E termos como guias os indígenas
E determos o desmate
E não agirmos que nem alienígenas
No nosso próprio habitat”

O Brasil sempre respirou o Nordeste. Não por acaso o país começou a traçar sua história pela Bahia com o desembarque dos portugueses. O Nordeste sempre marcou presença em todos os aspectos principalmente na diversidade cultural. Já se escreveu em forma poética a idéia de tornar o Nordeste independente. Seja em letra ou música, com seca ou chuva, o Nordeste tem suas cores e seus encantos. Há discursos mais humanizados em favor de toda essa riquíssima região, mas por outro lado, há sempre vestígios de outros discursos polifônicos principalmente na agenda da imprensa e que associam a região apenas à seca e à falta de perspectiva, quando na verdade a realidade tem se configurado de outra forma com olhar mais positivo por parte do Nordeste e dos nordestinos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KÜNSCH, Dimas Antônio. Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume, 2000
- MORAES, Fabiana. **Os Sertões** – um livro reportagem. Recife: Ed, Cepe, 2010.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 2002.
- Falta o autor deste**. Jornalismo X Literatura – Fronteira entre ficção e realidade. In: **Revista Entre Livros**: Ano 1, nº 11, São Paulo: Ed. Duetto, 2005.
- SANCHES NETO, Miguel. Dossiê letras Secas de Graciliano: no meio do caminho tinha um estilo de Pedra. In: **Revista Entre Livros**: Ano 2, nº19, São Paulo: 2006, Ed Duetto.
- SANTOS, JOSE FARIAS. **Luiz Gonzaga**: A música como expressão do Nordeste. São Paulo: Ibrasa:2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de - Cours de Linguistique Générale. Paris:Payot, 1966. P. 25
- VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão**: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2000.

DISCOGRAFIA

- DJAVAN. Malásia[Cd]: Rio de Janeiro: Sony Music, 1998.
- GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. Asa Branca “Disco de Ouro”[Vinil]: Rio de Janeiro: RCA, 1975.
- GONZAGA, Luiz; DANTAS, Zé. Luiz Gonzaga canta seus sucessos com Zé Dantas [Vinil]: Rio de Janeiro: RCA, 1970.
- GORDURINHA. “Súplica Cearense”, Gordurinha(reedição-[Vinil]: São Paulo: Phonodisc Mid: 1987.
- LENINE; WINISK, José Miguel. Carbono[Cd]: Universal Music, 2015.
- VALE, João do. Qualquer Coisa[Vinil]: Rio de Janeiro: CBS, 1982.
- VALE, João do; CANDIDO, José. Nova História da Música Popular Brasileira[Vinil]: Rio de Janeiro: Editora Abril Cultural, 1977.

2-O semiárido brasileiro na grande mídia: da estereotipia à proposição de novas perspectivas comunicacionais contextualizadas

Uilson Viana de Souza²

Resumo

O presente artigo é uma produção inédita que tem como objetivo discorrer sobre como o semiárido brasileiro é veiculado na e pela grande mídia brasileira. Ele é fruto de uma pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão do curso da Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido³, onde tomou como base a análise de 07 matérias jornalísticas da Rede Globo de Televisão sobre a seca no Semiárido Brasileiro, a fim de identificar o discurso da reprodução midiática da seca e o da convivência com o semiárido. A metodologia perpassou pela catalogação, descrição e análise do discurso jornalístico presente nas matérias. O trabalho conclui com as análises do autor apontando os resultados e propondo caminhos para uma outravisiabilização sobre esta região, além de fazer uma discussão sobre as alternativas voltadas para a educação para os meios de comunicação.

Palavras-chave: mídia; semiárido; análise de discurso; educação; comunicação.

The Brazilian semiarid in the mainstream media : the stereotype to propose new perspectives contextualized communication .

Resume

This article is an original production that aims to discuss how the Brazilian semiarid region is transmitted in and by the great Brazilian media. It is the result of research conducted in the course of Completion Work of Specialization in Contextualized Education for Coexistence with the Semi-Arid, which was based on the analysis of 07 news stories of the Globo Television Network on the drought in the semiarid Brazilian in order to identify the discourse of media reproduction of drought and the coexistence with the semiárido. A methodology pervaded by cataloging, description and analysis of journalistic discourse in this matérias. O work concludes with the author's analysis pointing out the results and suggesting ways for another visualization about this region, in addition to making a discussion of the alternatives facing education for the media.

Keywords: media; semiarid; discourse analysis, education, communication.

El semiárido brasileño en los medios de comunicación : el estereotipo de proponer nuevas perspectivas de comunicación contextualizada .

² Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA-UNEB).

Resumen

Este artículo es una producción original que tiene como objetivo discutir cómo la región semiárida brasileña se transmite en y por los grandes medios de comunicación brasileños. Es el resultado de la investigación llevada a cabo en el curso de Finalización Obra de Especialización en contextualizada Educación para la Convivencia con el Semiárido, que se basó en el análisis de las 07 historias de las noticias de la cadena de televisión Globo sobre la sequía en el semiárido brasileño con el fin de identificar el discurso de los medios de reproducción de la sequía y la convivencia con la metodología semiárido. A impregnado de catalogación, descripción y análisis del discurso periodístico en este trabajo materias. O concluye con el análisis del autor señalando los resultados y sugerir maneras para otra visualización sobre esta región, además de hacer un análisis de las alternativas que enfrenta la educación para los medios.

Palabras clave: medios de comunicación; semiárido; análisis del discurso, la educación, la comunicación.

A seca no contexto histórico do semiárido brasileiro

A seca na região semiárida é compreendida como um período de estiagem das chuvas com duração de oito meses, geralmente indo de Março a Outubro, sendo interrompido com o período chuvoso entre os meses de Novembro a Fevereiro. É tida como um fenômeno natural do clima semiárido, onde as chuvas são cíclicas, porém possíveis de serem previstas nesta região (IRPAA, 2001, p.31). Assim, ela sempre existiu nesta região, sendo definida pela característica do clima, tendo em vista a sua precipitação pluviométrica variável de uma região para outra. “No litoral leste, as chuvas são superiores a 1.000 mm e, à medida que se vai adentrando no Semiárido, passando pela zona Agreste e se dirigindo para o Sertão, as precipitações diminuem e alcançam valores médios inferiores a 500 mm anuais” (EMBRAPA, 2005, p.39).

Partindo de tais constatações é possível afirmar que a previsibilidade de secas é um potencial instrumento ou para a prevenção dos governos no sentido de institucionalizar políticas públicas para amenizar as dificuldades deste período, criando possibilidades concretas de manutenção das famílias no campo, ou serve por outro lado para a manutenção de uma situação assegurada pelo discurso do combate, do favoritismo, sustentada numa política de indústria de seca a partir de ações paliativas. Os agricultores por sua vez se tivessem acesso a tais informações através de órgãos de pesquisa e de assistência técnica que também é responsabilidade do estado, teria como prevenir contra a estiagem, começando pelo plantio de culturas adaptadas e com o

aproveitamento da vegetação propicia para a alimentação animal em fartura no tempo chuvoso, transformando-a em fenagem e silagem⁴.

Ao contrário do que se podiam fazer tendo em mãos a previsão das secas, os atores desta indústria a exemplo de políticos, fazendeiros, coronéis por muito tempo se fartaram dos recursos destinados a estas políticas e por sua vez, fizeram uso desta previsão de seca para executarem políticas emergenciais sem garantia de uma política permanente para as famílias do campo no intuito de perpetuarem no poder. Para Muniz de Albuquerque (2011) o discurso da seca é um dos responsáveis pela unidade dos interesses regionais e de práticas políticas e econômicas. Ele afirma ainda que o discurso da miséria e do flagelo tenta criar o imaginário de um lugar abandonado pelos poderes públicos. Por sua vez, este discurso tem a seca como a principal arma para dar visibilidade a um Nordeste miserável, pedinte e sofrido.

Esta região sofreu forte influência tanto do ponto de vista político como econômico, a partir da sua formatação enquanto região, que vai sendo definida pelos órgãos públicos. Primeiro foi-se inventando o Nordeste, que até então não existia com esta definição, antes se definia como região Norte. Por isto o fato de até hoje as pessoas que migram do Nordeste para São Paulo serem tratadas como nortistas (CARVALHO, 2011). Por conseguinte o que havia sido definido em 1936, como polígono das secas que delimitava a principal área de ocorrência das secas passa em 1989 a ser tratado de região semiárida, definida pela SUDENE (CARVALHO, 2011).

O Sul seria o fundamento da nação, em detrimento daquelas áreas onde dominavam as camadas plebéias, mestiças, profusa mistura de sangues bárbaros, inferiores psicologicamente, ou desorganizadas em sua oralidade. O destino do Norte era ficar cada vez mais subordinado à influência dominante dos grandes campos de atração do sul. O Norte estaria condenado pelo clima e pela raça à decadência. Discursos partidos de ambos os espaços explicavam assim o atraso do país e reivindicavam a “realização providencial de injeção concentrada de sangue restaurador europeu, já que o nortista era geralmente pequeno e descarnado (ALBUQUERQUE, 2011. p70 e 71).

Os órgãos federais que vão sendo implementados com o intuito de mitigar a seca, persistiram por muito tempo no discurso do combate e continuaram a desenvolver as mesmas políticas sem efetivar de fato as mudanças necessárias. O direcionamento

⁴ Tecnologia social desenvolvida pelos agricultores para aproveitamento e armazenagem da vegetação verde como ração animal para uso durante o período seco.

dos recursos voltados para programas de combate à seca sempre foram destinados às prefeituras municipais em forma de frentes de serviços, cestas básicas, carros-pipas. Isto fortalecia velhas práticas e favorecia grupos políticos e coronéis. Assim os políticos detinham o poder do controle e mantinham seus eleitores numa constante dependência política do chamado cabresto⁵. Deve-se muito a esta conjuntura que se instalou no Nordeste, a visão de desenvolvimento que foi sendo concebida, voltada apenas para uma problemática climática.

Ao considerar estas questões para o semiárido brasileiro e como se estabeleceu a relação natureza, território e desenvolvimento pode-se avaliar que essa trilhou no sentido de limitar a realidade à descrição da problemática climática, a seca, os seus efeitos socioeconômicos, combatidos e corrigidos via infraestruturas hídricas, ou seja, desfocando as problemáticas dos reais mecanismos estruturais, criadores e reprodutores da concentração do poder e da riqueza, cujos expoentes, concentração fundiária, domínio sobre a água armazenada, e outros monopólios ficaram escamoteados pela presença fatídica da seca (CARVALHO, 2011, p.61)

A construção do imaginário popular reforçado pela grande mídia faz desta região e da seca uma representação uniforme, homogênea, desconsiderando a sua biodiversidade de fauna, flora, solos e hábitos culturais e de cultivos diferentes. Uma das principais características do semiárido brasileiro é sua multiplicidade em se tratando de seca e chuva, ou seja, há uma diferenciação em termos de quantidade de chuvas e de distribuição da mesma de uma região para outra. Em relação a isto Favero e Santos (2002) afirma que existe três tipos de seca “ a hídrica, pequena, dando suporte apenas para a agricultura e a pecuária de subsistência, a seca agrícola, ocorre quando há chuvas, mas mal distribuídas em termos de tempo e espaço e a seca efetiva, caracterizada pela baixa precipitação e má distribuição de chuvas”. (FAVERO e SANTOS, p.73)

Esta é uma perspectiva pouco ou quase nada considerada pelos meios de comunicação e os centros de pesquisa que caracterizam a seca em sua singularidade, sem considerar suas especificidades de lugar, de tempo e de consequências. Neste sentido a imagem da seca do Nordeste é disseminada pelos veículos de comunicação de forma redundante e estereotipada. Historicamente a região semiárida tem se caracterizado enquanto um território demarcado e delimitado por uma dependência política, quando pensa o desenvolvimento deste território. Para Albuquerque Junior

⁵ Termo utilizado para denominar a dependência política, já que cabresto diz respeito ao instrumento que domina o animal (cavalo), podendo ser conduzido pelo homem por onde este desejar.

(2011) esta visão específica dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço.

As políticas desenvolvimentistas desencadeadas e gestadas por governos conservadores tiveram significativa influência na afirmação e repetição do discurso do combate à seca, para isto desenvolveram políticas e frentes de trabalho que segundo Oliveira (1981) fortaleceram as práticas de assistencialismo e o beneficiamento de coronéis, alimentando-se da miséria do povo sertanejo. Se a seca no Nordeste sempre existiu, então de fato ela sempre foi financiada a fim de ser “combatida”, como afirmava os discursos e programas governamentais, alimentando ano após ano uma indústria da seca fomentada não só por políticos, mas historicamente por um modelo latifundiário sustentado pelos coronéis do Nordeste.

Recrutava-se a mão de obra desocupada pela estiagem e empregava-se na construção das barragens e das estradas; os resultados deste trabalho concretizavam-se nas barragens feitas nas propriedades dos grandes fazendeiros e nas estradas, às vezes estradas privadas no interior dos grandes latifúndios. Alguns estudiosos críticos dos próprios quadros do DNOCS chegaram a calcular que se essa mão de obra em todas as secas de que há memória no Nordeste, desde a criação do INFOCS, tivesse sido utilizada na construção das barragens públicas, a grande maioria delas estaria construída a muito tempo. (OLIVEIRA, 1981, p.55).

A má utilização dos recursos públicos e do direcionamento das políticas influenciou deste feito a dependência política, a cultura do individualismo, do receber algo em troca, impossibilitando assim o empoderamento e a organização social dos sujeitos, fomentando assim a famigerada política assistencialista das vítimas deste sistema, tendo apenas a seca como discurso estruturante deste sistema.

Abordagens e reproduções do semiárido brasileiro na grande mídia

Historicamente a região do semiárido brasileiro é vista pela grande mídia como lugar pobre, sem condições de vida. Esta afirmativa se repete a cada reportagem em que enfatiza as grandes secas desta região. Para Albuquerque (2012), os grandes meios de comunicação tratam o sertão como um lugar à parte do planeta terra, já que afirmam que “lá” no sertão não há condições de vida. O período de estiagem no semiárido nordestino tem pautado os principais veículos de comunicação ocupando um espaço privilegiado nos noticiários a nível regional e nacional. No campo da comunicação o semiárido tem sido divulgado de forma preconceituosa, com uma imagem distorcida, sendo

reproduzida pelos grandes veículos de comunicação. Vemos a repetição das mesmas cenas de seca, mostradas pelo mesmo ângulo sem apontar o avanço social e tecnológico das experiências que foram sendo desenvolvidas ao longo de décadas por agricultores e entidades, que encontram aqui alternativas viáveis de conviver com o clima.

A imprensa a cada ano repete a mesma cena: no primeiro semestre mostra as famílias plantando milho e feijão com muita esperança na terra, agora molhada pelas chuvas. No segundo semestre, mostra as famílias com as lavouras queimadas pelo sol e uma senhora, mãe de família, mostrando uma panela com alguns grãos de feijão como a única alimentação do dia. Caso a imprensa usasse uma pequena parte de seu senso investigativo, veria que aquela família está em situação de miséria não por conta da seca, mas por causa da falta de políticas apropriadas para o Semiárido (SANTOS, 2008, p.02)

Esta delimitação é uma opção de enquadramento (CHRISTOFELETTI, 2010) escolhida pelas empresas de comunicação que leva a um direcionamento tendencioso, A grande mídia tem se aproveitado desta produção pré-concebida sobre o Nordeste e tem reproduzido a imagem enquanto lugar pobre e sem condições de vida. Para a ASA (2011) as políticas de combate a seca acabaram por contribuir com este imaginário negativo e os meios de comunicação por sua vez passaram a priorizar apenas os fatos voltados para a estiagem. “O que era resultado da falta de infraestrutura hídrica virou apenas a falta de água. O que era ausência do estado enquanto provedor de políticas públicas passou a ser a incapacidade de seu povo de inovar e criar alternativas de conviver com as condições de semiaridez da região” (ASA, 2011, p.04).

Vejamos um trecho de uma matéria veiculada no mês de Fevereiro sobre a seca na região de Petrolina PE. “O milho plantado em fevereiro já sofre com a falta de chuva, a seca esta devastando o sertão pernambucano e os agricultores sofrendo as consequências, a situação é cada vez mais difícil” (TV GRANDE RIO, 2011). Matérias como esta apontam para uma visão cada vez descontextualizada, levando a entender a tendência do veículo em repetir chavões a cada matéria que fala de seca. De antemão a matéria já os dá base para identificar um dos aspectos da linha editorial da empresa jornalística, ou seja, há uma falta de apuração sobre o assunto, a busca de fontes oficiais que possam debater a questão. Entrevistar um engenheiro agrônomo, por exemplo, ajudaria a esclarecer que o milho é uma cultura inapropriada para esta região, tendo em vista a quantidade de chuva que necessitaria para concluir o seu ciclo produtivo. Portanto poderia reforçar o cultivo de culturas adaptáveis, apontando caminhos de

convivência com o semiárido e discutindo o período de plantio que a reportagem mostra neste caso o mês de Fevereiro com baixa precipitação ou sem a existência de chuva.

Santos, (2008) em seu artigo “seca é seca”, falta de água é justiça, ajuda-nos a pensar no aspecto produtivo no semiárido, quando aborda a questão da distribuição de chuvas e ao mesmo tempo reforça a presente observação feita acima sobre a matéria da TV Grande Rio afiliada à Rede Globo, em relação às possibilidades de outros enquadramentos que poderiam ser considerados pela mídia.

Sendo a região imprópria, na sua maior parte, para o cultivo de plantas sensíveis à irregularidade das chuvas, uma possibilidade de produção sustentável é a pecuária. Outra possibilidade segura de renda seria o extrativismo, principalmente de frutas nativas. Mesmos nos anos de seca, as plantas da caatinga conseguem armazenar água suficiente pra garantir a frutificação que, se aproveitadas e transformadas geram renda muitas vezes superiores à conseguida com a agricultura (SANTOS 2008)

A esta falta de sensibilidade discursiva repetida nas reportagens, Rogério Cristhofoletti (2010) refere-se a um processo de enquadramento da notícia. Para ele o enquadramento é a maneira como o repórter vai abordar e mostrar a notícia, tendo em vista que este enquadramento deve proporcionar ao leitor ou telespectador uma visão ampla, capaz deste entender o processo de produção e se nortear a partir de suas próprias visões. Ao contrário disto a notícia se torna restrita, parcial e por sua vez distorce e reduz a compreensão do fato por inteiro (CHRISTOFELETTI, 2010). No contexto político esta veiculação que deveria servir para sinalizar demandas e apontar políticas permanentes ainda continua a serviço de um modelo de comunicação restritivo e atrasado que ainda está longe de romper com os velhos jargões empresariais.

Mesmo com mudanças significativas na política brasileira, não se pode negar que as políticas compensatórias dos governos ainda persistem em forma de programas sociais que tem contribuído muito com a permanência das famílias nesta região, mais que precisam avançar para um processo de legítima e efetiva participação de autonomia dos sujeitos, capazes de se libertarem dos estereótipos que nos perseguem desde a criação do Nordeste, sendo tachados de preguiçosos, ignorantes e sem capacidade de produção intelectual. O professor Juracy Marques dos Santos (2011) em seu estudo sobre ecologia de homens e mulheres do sertão destaca que, “apesar dos investimentos, ainda há muito por fazer pelo semiárido do Nordeste do Brasil. São assustadores os índices sociais e a perversa construção /invenção da miséria que afeta os mais de 1.133

municípios e os quase 27 milhões de sertanejos e sertanejas que vivem nos diferentes espaços do sertão” (SANTOS,2005) .

As políticas públicas e os programas sociais carecem avançar para a construção de um semiárido viável tendo como principio o protagonismo de homens e mulheres a fim de se emanciparem não ficando presos à condição social de coitadinhos que necessitam de esmolas outrora oriundas de campanhas de arrecadação de alimentos, e agora do cartão bolsa família tão somente, condições estas, tão disseminadas pela mídia.

Metodologia: apresentando uma análise sobre a veiculação da seca na programação jornalística da TV Globo

Nesta sessão, após fazer uma apresentação sobre a veiculação da região semiárida na grande mídia, passamos a apresentar como se deu a metodologia da pesquisa teve como foco a catalogação de matérias com abordagem sobre o discurso da seca com ênfase na reprodução deste discurso apenas de uma situação de seca e por outro lado matérias que trouxessem o discurso da convivência com o semiárido. A Globo foi escolhida tendo em vista que representa-se enquanto um dos maiores veículos de comunicação da grande mídia, pela sua distribuição de conteúdo e audiência na região em análise, com possibilidade de identificar conteúdo jornalístico de diversas partes do semiárido. Neste sentido foram identificadas 07 matérias dos programas Jornal Nacional, Profissão Repórter, Globo Rural e Globo Cidadania.

Todas as matérias selecionadas foram ouvidas e perpassou por um processo de análise que perpassou por uma descrição técnica de cada matéria, em termos de quantidade de tempo, região abordada, repórter, horário que foi ao ar. A segunda construção foi uma descrição detalhada sobre o que aparecia nas matérias, a exemplo de lugares, personagens, atores, fontes e imagens. Na terceira e última discussão o autor apresentou uma análise tomando como base estes elementos e suas conclusões. Foram analisadas matérias de períodos de estiagens diferentes a fim de compreender como se deu a construção do discurso e se ele se repetia.

A seca de 2012, ano reconhecido pela grande mídia como o marco de uma das maiores secas dos últimos 30 anos, foi veiculada com muita assiduidade agendando os veículos de comunicação. Destaca um discurso repetido sem novidades, o que muda é a região, a localidade. Foram frequentes matérias com esta característica, onde, por exemplo, focou na baixa do volume de água nos grandes reservatórios, mas não chegou

a problematizar como e para quem foram pensados estes empreendimentos. O reservatório de Mirorós, situado no território de Irecê, foi um destes casos veiculado em uma matéria que foi ao ar no Jornal Nacional em 2012. O que pode ser percebido é que numa mesma emissora de televisão o discurso da seca é convergente, porém existem diferenças na forma de abordar a questão entre alguns programas. O programa Globo Rural tem um perfil mais técnico, voltado para um público muito específico que está no campo, diferente do Jornal Nacional não é uma abordagem para causar clamor e piedade do Sertão Nordestino tem um perfil propositivo, apesar de apelar para as mesmas imagens que podem ser também vistas no Jornal Nacional. Da mesma forma que foi possível analisar as matérias veiculadas sobre o discurso do combate a seca e as condições inviáveis de sobrevivência na região semiárida, podemos perceber que no mesmo ano considerado a maior seca dos últimos 30 anos em 2012-2013, foram também ao ar no mesmo veículo de televisão matérias que priorizaram ações e iniciativas de convivência com o semiárido, a exemplo das tecnologias sociais. A matéria que foi ao ar em Março de 2013 no programa Profissão Repórter teve como cenário o sertão nordestino, mais precisamente a região Norte da Bahia, entre os municípios de Juazeiro e Uauá. O cemitério de vacas mortas prevalece. Contrapondo a este discurso, direciona o texto para dar visibilidade às práticas de convivência com o semiárido, como a utilização do mandacaru na alimentação animal, mostra a criação de cabras e afirma que seu Alcides, um dos entrevistados aprendeu que o semiárido não é lugar para gado. Para confirmar esta afirmativa ele apresenta os dados do consumo de alimento e bebida consumidos por uma vaca e por uma cabra.

A imagem de um rebanho de cabras gordas durante um período de estiagem contrasta com os cemitérios de gado tão difundidos e repetidos desde a matéria de 1983 sobre as viúvas da seca que historicamente só serviram para fortalecer o apelo da seca, como uma região inviável. A proposta desta matéria, por outro lado atende o apelo de centenas de agricultores e instituições em mostrar que esta região estereotipada pela indústria da seca e a veiculação pela grande mídia tem também outros cenários e recortes fundamentados e difundidos enquanto práticas viáveis de convivência com o clima. A reportagem segue para a COPERUC, Cooperativa de produção dos municípios de Curaçá, Uauá e Canudos, no território Sertão do São Francisco, lá o foco é mostrar o beneficiamento do umbu a partir da produção de subprodutos, como o doce, a geléias, etc. A matéria sobre as viúvas da seca de 1983, que foi suitada em 2012 a fim de mostra como vivia as famílias 30 anos após a grande seca, trouxe como imagem

nova apenas a aposentadoria que representa atualmente a principal fonte de renda no sertão.

Analisando os resultados obtidos

A Rede Globo que desde seu surgimento tem sido questionada pela sua linha editorial, sendo considerada uma das maiores Rede de Televisão aberta de concessão pública no Brasil, tem nestas últimas duas décadas adequado seu discurso ao seu público. Esta é uma prática que a partir dos anos 1980 a TV brasileira passa a adotar uma nova postura, tendo como base a busca por novos telespectadores na disputa pela audiência. Segundo Ponte (2005, p.85) esta mudança está fundamentada a partir das transformações econômicas da mídia, levando em conta aspectos como concentração, liberalização, aumento da concorrência e a intensificação das lógicas de mercado. Tais transformações conduziram as empresas de comunicação, neste caso, as TVs a uma orientação para o mercado e a conquista de novos telespectadores. Desta forma percebe-se a partir deste cenário um grande investimento em programas voltados para crianças, adolescentes e o público feminino com grande apelo para a comercialização de produtos infantis com influência norte- americana.

De acordo com Ponte (2005), com forte apelo à conquista de novos adeptos e a liderança na audiência, as grandes emissoras têm valorizado as pesquisa de opinião pública, com isto tem sido feito reuniões de pauta envolvendo o telespectador a fim de conhecer seus desejos e transmitir de forma mais aproximada a reprodução da realidade. Esta informação serve para entendermos o porquê de percebermos na programação de emissoras como a Globo alguns discursos que antes não eram nem permitidos, muito menos veiculados, agora estão na programação. Ficou nitidamente claro que a quantidade de matérias que fala de seca dentro do primeiro aspecto é muito maior em relação ao segundo aspecto. Priorizam-se para o horário nobre apenas matérias com discurso da inviabilidade do semiárido, sendo que as que pautam a convivência vão ao ar nos horários mais inacessíveis. Temos aí um problema de audiência, onde o que é veiculado no horário nobre com o Jornal Nacional em dois minutos e meio é mais visto do que os 15 minutos de matéria veiculada no Globo Cidadania sobre a experiência do IRPAA. Desta forma é possível afirmar que na atual conjuntura na Rede Globo predomina o discurso da seca como fator novo, o apelo social à situação de pobreza das pessoas que povoam o Nordeste e a desvalorização da diversidade cultural e produtiva do semiárido brasileiro, repetindo um discurso que pode ser conferido desde a matéria

que foi ao ar em 1983 até as últimas de 2013. Por outro lado não se pode negar que nesta mesma conjuntura há uma tendência em mediar este discurso apresentando outras experiências, perspectivas e as saídas que o povo nordestino tem encontrado para lidar com a realidade da seca.

Outra vertente é a veiculação do trabalho de assessoria das ONGs que tem uma política de convivência com o semiárido, até então este trabalho pouco aparecia, sendo que estas instituições tiveram historicamente seus trabalhos estereotipados na grande mídia brasileira. As matérias veiculadas pelos programas Profissão Repórter e pelo Globo Cidadania respectivamente mostram este novo cenário no sertão da Bahia. A diferença é que este outro discurso aparece apenas em programas de pouca audiência, como já havia ressaltados e comparado ao Jornal Nacional. São programas que possuem uma boa grade de programação com considerável aceitação de audiência, só que vão ao ar em horários muito específicos, sendo assistidos por públicos bem definidos, como estudantes, pesquisadores que já se interessam por determinados assuntos. O que continua sendo representando é o discurso que vai ao ar para uma grande parcela da população, da qual chamamos de massa, desta forma o discurso da convivência com o semiárido ainda não ocupou a pauta do horário nobre, no qual a população brasileira se senta diante da TV.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi buscar compreender se o discurso da seca enquanto mantenedora de uma visão de invisibilidade do semiárido, bem como da convivência com o semiárido se fazia presente no discurso da Rede Globo de Televisão, utilizando para isto da análise das matérias e do embasamento teórico a fim de não esbarrar nas hipóteses pré-concebidas. Neste sentido possibilitou um olhar jornalístico investigativo trazendo como resultado um produto que supera nossas hipóteses e olhares limitados, podendo deste feito afirmar que os dois discursos estão presentes o que altera é que ainda prevalece na grade de programação da rede Globo um discurso sobre seca como fator limitante da região semiárida muito presente nos horários nobres e o discurso da convivência se faz presente nos programas de menos audiência, mesmo ocupando ate maior espaço de veiculação que o outro discurso. O que concluímos é de que os dois minutos e meio de uma matéria sobre a situação de miséria mostrada no Jornal Nacional representa mais do que os 15 minutos de uma matéria que foi ao ar no Programa Globo

Cidadania sobre as tecnologias sociais de convivência com o semiárido na região de Juazeiro Bahia.

Por fim, este trabalho reúne elementos, que se propõem enquanto instrumentos para uma análise sobre a veiculação do semiárido em veículos da grande mídia, neste caso especificamente sobre Rede Globo de Televisão (veículo analisado), não deixando de se apresentarem como subsídios de visibilização do trabalho desenvolvido pelos agentes sociais, atores, atrizes e profissionais, indo para além do combate ao discurso do combate à seca, mas passando a exercer um olhar crítico sobre o modo de ver, ouvir e analisar a mídia.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**/Durval Muniz de Albuquerque Junior, prefácio de Margareth Rago. – 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ASA, Articulação do Semiárido. **Caminhos Para a Convivência com o Semiárido**. 10ª edição. Recife PE, Julho de 2011.

CARVALHO. Luzineide Dourado. Natureza, Território e Desenvolvimento no Semiárido. Educação e Convivência com o Semiárido/reflexões por dentro da UNEB/Edmerson dos Santos Reis, Luciana da Silva Nóbrega e Luzineide Dourado Carvalho(orgs.)Juazeiro-Bahia.2011,173p.

CARVALHO, M.J.L. FERREIRA, L. SERRÃO, J. **Deliquencia(s) e justiça: crianças e jovens em notícia**. In: PONTE, C.(Ed). Crianças e jovens em notícia. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.p.81-95.

ESPÍNOLA, José. Causas da Seca no Nordeste em 2012. Entrevista concedida ao Globo Rural 2012

EMBRAPA. Clima e água de chuva no semiárido. Disponível em info.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CPATSA/36534/.../OPB1515.p...,2005,acesso em 28/07/14

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Vitrine e Vidraça:**Crítica de mídia e qualidade no jornalismo** /Rogério Christofolletti (org). 1ed.Covilhão – Portugal: Lab com books/UBI,2010.

FAVERO e SANTOS,**Semiárido: fome, esperança, vida digna**/Celso AntonioFavero, Stella Rodrigues dos Santos. _Salvador: UNEB, 2002.

GNADLINGER, João. **A busca da água no sertão: convivendo com o semiárido**/João Gnadlinger. – Juazeiro BA: IRPAA, 5º Ed. 2011,84 p.

GLOBO RURAL. Nordeste tem maior seca dos últimos 30 anos. Matéria exibida em Novembro de 2012.

INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social. **A construção de um novo marco regulatório das comunicações no Brasil**, 2011.

IRPAA, Instituto regional da Pequena Agropecuária Apropriada. **A roça no sertão. Convivência com o Semiárido**. Fevereiro 2001. 4ª edição

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes**. 3 ed, Rio de Janeiro, Paz e terra, 1981. Estudos sobre o Nordeste, v.1.

PONTE, Cristina. Crianças e Jovens em Notícia. Lisboa, Livros Horizonte, 2005.

SANTOS, Juracy Marques dos. **Ecologia de Homens e Mulheres do Semiárido**/Organizador: Juracy Marques dos Santos. – Paulo Afonso – BA: Editora Fonte Viva, 2005. 220p.

SANTOS, Moacir José dos. **Seca é Seca Falta de água é política**. Artigo publicado, 2008

SOUZA, Uilson Viana de. **As tecnologias sociais como ferramentas de educomunicação e produção de conteúdo discursivo e imagético sobre o semiárido brasileiro: um relato de experiência das organizações sociais em conjunto com a ASA**. Artigo apresentado no I Workshop de Educação Contextualizada e no II Colóquio de Pós - graduação do Vale do São Francisco. Juazeiro, 2012.

TV GRANDE RIO, Petrolina PE Matéria exibida em 2011, sobre seca.

3-O lugar das pessoas nos projetos de desenvolvimento no Sertão da Bahia: histórias e memórias a partir de vozes ignoradas

Aurilene Rodrigues Lima⁶

Resumo

Este artigo discute o modo como as pessoas que habitam o sertão da Bahia são vistas e tratadas, em face da implantação de projetos governamentais que visam o desenvolvimento da região e do Brasil. Histórias e memórias são analisadas a partir de entrevistas feitas para a dissertação do mestrado em Sociologia. Ao longo da história esse povo viveu e vive sob a condição em que a ausência do dominador exerceu o seu domínio, mas, paradoxalmente, possibilitou uma *intensa produção existencial*. Neste trabalho, percorreremos esse campo, o do ignorado, através de uma nova escuta de suas vozes, através dessas entrevistas. Ouvir as vozes ignoradas nos remete a outros mundos.

Palavras-chave: memória; vozes ignoradas; atenção; sertão.

Abstract

This paper discusses how people living in the countryside of the state of Bahia, in Brazil, are seen and treated regarding the aspects of governmental projects geared towards the development of their region and the whole Country. Their stories and memories are analyzed by the means of interviews conducted through this master thesis work on Sociology. Throughout history, this people had lived and still lives under the condition of a non-dominance power and, yet paradoxically, this fact has driven an *intense existential production*. In this work we discuss the field of the ignored, thus giving them a new through our interviews. By listening to ignored voices we open doors to different worlds and possibilities.

Keywords: memory; voices ignored; attention; countryside

Resumen

Este artículo debate el modo como las personas que viven en la zona semiárida del estado de Bahía (Brazil) son percibidas y tratadas por los proyectos de desarrollo implementados por el gobierno en la región. Sus historias y memorias son analizadas por medio de entrevistas hechas para la tesis de maestría en Sociología [1]. En la historia de esa zona, la gente vivió y aún vive sob la condición de ignorados, em que la ausencia del dominador ejerció su dominio, pero paradoxalmente, possibilitó una *intensa producción existencial*. En este trabajo, recorreremos ese campo, lo del ignorado, por medio de una nueva escucha de sus voces, por medio de esas entrevistas. Oirlasvoces ignoradas se nos remite a otros mundos.

Palabras clave: memória; vocês ignoradas; atención; semiárido

⁶ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (1990) e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2004). É professora assistente da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de gestão educacional.

Introdução

A região do Sertão da Bahia foi e continua sendo marcada por processos colonizatórios. Inicialmente com a domesticação e matança da população indígena e com a prática de processos de submissão de negros e de foragidos de diferentes partes do país para o desenvolvimento da pecuária, que entrou em decadência no final do século XVIII. A partir da década de 1970, essa gente tem vivenciado a imposição de grandes projetos de desenvolvimento, a exemplo da construção da Barragem de Sobradinho e da implantação de outros projetos em andamento, ao mesmo tempo em que a ausência do Estado foi estratégica para o modelo de desenvolvimento vigente, sendo a sua presença relativamente nova nessa região.

Em 2004, apresentamos no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco a dissertação, *Memórias dos Lameiros do Velho Chico: História da população transplantada para Quixaba, Sento-Sé BA* com o objetivo de discutir o modo como a memória coletiva dos deslocados com a construção da barragem de Sobradinho tem influenciado a reorganização da vida desses beiradeiros.

Neste trabalho, alguns dos documentos analisados e das entrevistas realizadas são retomados com um novo propósito que é o de discutir o lugar dessas pessoas nesses projetos de desenvolvimento, percorrendo histórias e memórias por meio de suas vozes ignoradas. Tal expressão *vozes ignoradas*, é apresentada na tese de doutorado da professora Maria Rita do Amaral Assy (2014) como um modo de ver as pessoas dessa região. Uma gente ignorada, que viveu e vive sob a condição em que a ausência do dominador exerceu o seu domínio sobre o povo colonizado, mas, paradoxalmente, foi nesse processo que outros modos de vida ganharam tempo, possibilitando uma *intensa produção existencial*.

Nessa perspectiva, as vozes ignoradas conduzem o ouvinte/leitor pelas cenas do que se passou e ao serem ouvidas/lidas em um processo de atenção com concentração sem foco, o pensamento poderá abrir-se para o acontecimento, para a experiência. Na percepção de Assy (2015, p.1) essa experiência é a mesma do caçador de veados.

A atenção é a da espreita, em que o caçador atenta, percebe a paisagem e a paisagem que o percebe. Um devir-consciente. Todos os seus sentidos estão abertos aos movimentos delicados de um veado no mato e à sensibilidade desse animal. E nessa espera, o inesperado pode acontecer.

Compreendemos as histórias aqui relatadas como inseparáveis das memórias, uma vez que são constituídas por estas, embora se distingam. Concordamos com Montenegro (2001, p.17-18) de que,

...se são distintos, arriscaríamos afirmar também que são inseparáveis. Afinal, compreendemos a história como uma construção que, ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro. Este operar, próprio do fazer histórico na sociedade, encontraria em cada indivíduo um processo interior semelhante (passado, presente e futuro) através da memória.

A concepção de memória é entendida aqui como um fenômeno social, que reconstrói o passado a partir das necessidades do presente, de forma seletiva, imprevista e inesperada e que a forma básica, mas não única, de socialização da memória é a linguagem.

Nessa perspectiva, nos valemos da compreensão de Assy (2015, p.5) sobre o campo do ignorado, quando ela afirma que “é possível uma aproximação do ignorado pela escuta de suas vozes”. Vozes carregadas de uma performance própria, de forças inventivas e contagiantes e que por isso provocam no seu ouvinte outras sensibilidades. Ouvir as vozes ignoradas nos remetem a outros mundos.

Desenho metodológico

O desenho metodológico deste trabalho se aproxima da pesquisa de natureza etnográfica, uma vez que esta permite o uso de técnicas como a observação, a entrevista e a análise documental como suas técnicas principais de coleta de dados; a atenção ao modo como as pessoas trazem suas lembranças sobre as coisas, as suas vidas, os eventos e sobre si próprias; a aproximação do pesquisador às pessoas e às situações locais, para estabelecimento de um contato direto e constante com estas; o uso de uma grande quantidade de dados descritivos; o pesquisador como o principal instrumento da pesquisa.

O povoamento da região – presença indígena

A região do Submédio São Francisco foi inicialmente habitada pelos índios Cariris, após terem sido expulsos do litoral pelos índios Tupis, conforme Gonçalves

(1997). Eles viviam nos lugares onde era possível pescar, caçar e colher frutos, como as serras, os brejos, as ilhas e as margens do rio São Francisco (Opara⁷ na língua indígena). Na época da colonização dessa região, eram deixados em cada curral “um casal de escravos, dez novilhas, um touro, um casal de equinos e também animais domésticos”. (CALMON apud GONÇALVES, 1997). Esses escravos, índios ou foragidos, tornavam-se vaqueiros. “A vaqueiragem despistava a atenção do colonizador e deixava o vaqueiro atuar”. (ASSY, 2015, p.3). Nessa atuação, outro modo de vida se fazia.

Nas vozes dos sertanejos, a presença do índio, ainda hoje, é sentida e pressentida. A escravidão, por outro lado, não faz sentido, pois aconteceu de outro modo.

De escravo eu não tenho conhecimento. Agora de índio eu sou. A minha bisavó foi pega através de dente de cachorro. Era braba no mato. E a avó da minha mãe, foi pega a dente de cachorro, era braba, era índia braba... que essas serras aqui era cheia deles e conforme foi chegando muita gente, eles foram saindo e outros foram amansando e tudo. Na realidade hoje acabou problema de índio aqui na área, só tem nas reserva mesmo, lá pra os outro lugar, mas aqui mesmo não existe. Existe assim, a descendência das pessoas que casaram dessa natureza. O meu cunhado tem uma filha e que tem filho de índio. Ela mora em São Paulo com o filho. Ela trabalha de enfermeira na FUNAI em São Paulo, e aí ela é mãe solteira e ela tem um filho com um índio, descendência de índios. (SeoDico, 76).

SeoDico não tem dúvidas quanto a sua origem: “de índio eu sou”, pois, existiram muitos índios naquela região, algumas “pegadas a dente de cachorro, índia braba”. Essa expressão se relaciona com histórias de que o escravo que se tornava vaqueiro tinha o hábito de colocar cães de guarda para correrem atrás das índias, para “amansá-las”. Os índios habitavam as serras, era “cheia deles”. Outros povos foram chegando, portugueses, escravos fugidos do litoral. Os índios foram mudando. Os novos índios passaram a ser problema nesse novo mundo que estava surgindo. “Hoje acabou problema de índio aqui na área”. Existe hoje um outro índio, o da reserva. Mas, ainda existe a descendência, “as descendência das pessoas que casaram dessa natureza”.

Seo Zé Apolinário (96 anos) revela que anda sempre acompanhado por índios, por isso, a consideração, o agito no corpo, a leveza e o sentimento de sempre saber o que vai acontecer, na espera do acontecimento.

Agora eu que me considero. Tenho uma parte da serra. Esse povo que trabalha na serra, os índio brabo, é um povo diferente, essesanda comigo. Eu acredito que seja tendo ajuda que eu me curo né? É a gente estando assim, chega uns tempo assim que o povo chega num lugar que o povo dá trabalho. Tem que cair dentro, só não faço é curar, mas trabalhar, trabalho. Trabalho que o cara tá, quando der fé que não, chegou. Dá aquele agitação no corpo, parece que aquele irmão encosta e agora aí

⁷Opara significa tonto, perdido, sem rumo. Era assim que os índios viam o seu rio.

tira uns ponto de trabalho, vai cantar, vai rezar, vai pinotar. Deles que ainda bebe, e também o cara bebe, bebe, bebe, quando sai... Bebo, lá no trabalho eu bebo... Não sinto nadinha, agora sinto o corpo ficar maneiro né? Manera o corpo da gente, a gente fica com o corpo maneiro, e dá aquele estilo assim com a gente, aqueles palpito que dá de fazer uma coisa. Eu me sinto bem por isso porque os índioda mata só cura com raiz de pau, é, só pau. È o caso é esse aí, de eu não me prestar a doutor, todo mundo diz: é comprimido, eu não sei o que é isso, eu arrumo comprimido mas não sou muito disso não, só mato.

“Eu que me considero”. Há uma certeza nessa afirmação. Seo Zé não apenas se considera, mas faz questão de se considerar parte deles, dos índios das serras. É índio mesmo que não sendo. Os índios trabalham nas serras, esses andam com ele. Existem os índios do trabalho, “que o povo dá trabalho... Quando der fê que não, chegou”. O corpo é tomado, fica leve, sente aquele palpito de fazer algo, já sabe, o problema tem solução: *é só pau, é só mato*. É outro trabalho. O modo indígena de pensar e de se relacionar com o mundo e com a natureza está presente no corpo de seo Zé e de tantos outros moradores desse lugar.

Segundo Gonçalves (1997), a região do Médio e Submédio São Francisco foi historicamente marcada pela violência, seja através da matança de índios, destruição de quilombos, invasão de terras a opressão de todos os tipos. Segundo ele, durante o processo de colonização do país, essa região ficou isolada, por estar distante da capital (Rio de Janeiro) e por não ter buscado alternativas à criação de gado, em crise, com o declínio da pecuária.

Para Assy (2015, p.2), no entanto, o termo que melhor se aplica é o de uma gente ignorada e não isolada, explorada, dizimada, oprimida. Ao ser ignorada, essa gente produziu outros modos de existência, inclusive estabelecendo relações com outras “gentes”, de outros lugares, fora das relações de poder preestabelecidas. “A invenção de si e do mundo para quem o mundo se acabou tantas vezes na violência da colonização”.

No capítulo seguinte, sentiremos com os entrevistados um modo particular de existência: o de viver nos lameiros.

Memórias dos lameiros - antes da mudança

A vida na beira do rio, antes da mudança, ou seja, antes da construção da barragem de Sobradinho, se concentrava em dois tempos: o tempo da vazante, que se caracterizava pelo plantio nos lameiros (ilhas e margens do rio) e o tempo da enchente quando as plantações eram feitas nas roças, após as chuvas.

Meus pais vivia de roça. O rio enchia. Vazava. Aí todo mundo ia plantar. Se a planta era a mandioca, era o feijão, era o milho, era a batata. Tudo tinha na época da seca. Agora quando vinha de outubro pra novembro, tornava encher. Todo mundo ia desmanchar sua mandioquinha, botava sua tapioca, botava sua farinha dentro de casa, ia comer. Aí vinha enchente né? Quando a enchente tornava vazar todo mundo ia plantar. (D. Maria,73).

Para dona Maria, a vida era a roça. O rio enchia e vazava. O movimento das águas orquestrava a vida. As pessoas e o rio se movimentavam juntos. No tempo da vazante, “todo mundo ia plantar... era a mandioca, era o feijão, era o milho, era a batata”. ‘Era’ quer dizer muito e tudo tinha. Quando o rio enchia era o tempo da desmancha nas casas de farinha. Todo mundo “ia desmanchar sua mandioquinha”, na maior alegria. Era festa, era cantoria. Para preparar o seu sustento: “botava sua tapioca, botava sua farinha dentro de casa, ia comer”. Todo mundo tinha, o tempo e o que era de seu. Todo tempo, no seu tempo. “Aí vinha enchente né? Quando a enchente tornava vazar todo mundo ia plantar”. Era na correria, era muita gente, era muita planta.

O movimento das águas tinha um ritmo já conhecido dos beiradeiros: enchente, vazante. Tempo cheio, tempo de guardar; tempo seco, tempo de plantar. Todo mundo, nesse mundo, tudo junto. Tudo dependia de todos, de um jeito ou de outro. Todo tempo, era tempo. A intensidade da vida se fazia, nesse fazer.

Além dos lameiros, das roças de chuva e da pesca, os beiradeiros também trabalhavam na navegação, como remeiros⁸. Esta profissão consistia em:

Homens seminus que cantam a sua cantiga monótona de barqueiros, e vão e voltam, levando as suas varas longas e ferradas, jogando-as firmes, certas, n’água, os peitos apoiados sobre elas, tremendo sobre o impulso dos músculos retesados, enquanto debaixo dos seus pés e impelida por estes a embarcação caminha de encontro à corrente, são logo objeto de nossa curiosidade... (SAMPAIO apud GONÇALVES, 1997, p. 108).

Os remeiros eram então contratados pelos barqueiros⁹ para guiarem as suas embarcações rio acima, rio abaixo, transportando mercadorias, que eram negociadas nas cidades beiradeiras. Segundo Gonçalves (1997), o tratamento dado aos remeiros pelos barqueiros, era o mesmo dado aos escravos, uma vez que não tinham assegurado nenhum direito trabalhista e sofriam maltratos, tanto por parte dos barqueiros, quanto por parte da própria natureza do trabalho.

⁸ Remeiro é o trabalhador da barca. É quem conduz a embarcação.

⁹ Na linguagem regional, barqueiro é o proprietário da embarcação.

‘Seo’ José ainda se lembra como se fosse hoje: A vara no peito, o açoite, a ferida, era a marca dos remeiros.

É, é no peito. Aqui ó. Eu mesmo tenho aqui um. Isso meu aqui ó, a senhora pode pegar aqui, isso aqui, essa junta aqui, agora pegue nessa outra. Isso aqui foi uma vara que aqui é alto pra essa né? Isso aqui foi uma vara, ainda escarrei muito sangue, uma vara eu açoitei. Saí dos fios da vara pra não quebrar e não quis sair dos fio. A vara me açoitou, foi me jogar lá um pedaço, e aí bati aqui nesse osso aqui, repare que aqui é mais alto.

Seo José compara os dois ombros, junta, por junta: Foi aqui. No peito. “A senhora pode pegar aqui, isso aqui, essa junta aqui, agora pegue nessa outra”. A memória do acontecido está no corpo. “A vara me açoitou, foi me jogar lá um pedaço”. Foi a vara que ele usara para auxiliar no movimento da embarcação. Estava com os peitos apoiados sobre ela, com os músculos retesados, quando a vara entrou em luta corporal com ele. Seo José resistiu, mas, não teve jeito. Ficou a marca. A marca dos remeiros do São Francisco.

No vai e vem das águas do Rio São Francisco, distante das grandes cidades que começavam a surgir, um povo caatingueiro, beiradeiro e alguns remeiros, iam inventando a vida. Uma vida marcada pelo tempo, não o tempo do relógio, mas o tempo da duração: do verde, da fartura, da enchente, da vazante, da colheita, da farinhada, da camaradagem. Eram muitos tempos em um tempo. Até que as coisas começam a mudar, drasticamente.

A barragem está chegando – questões de terra e água

Na década de 1970, a região do Baixo Médio São Francisco, especialmente as cidades de Sento-Sé, Remanso, Casa Nova e Pilão Arcado foram surpreendidas com a notícia de que seriam deslocadas para outros lugares em virtude do represamento das águas do Rio São Francisco e a consequente inundação de suas terras, pela barragem de Sobradinho.

Ao todo foram quatro cidades que tiveram as suas sedes e parte de suas terras inundadas. O município de Sento-Sé foi o mais atingido. Segundo dados do relatório “Antecedentes do Projeto Sobradinho” (p.12), foram atingidas neste município 291 famílias na área urbana e 3. 597 na área rural. Ainda segundo esse relatório, na região do reservatório de Sobradinho, antes da barragem, cerca de 30% das terras eram

cultiváveis. A agricultura predominante era a de subsistência, desenvolvida pelas próprias famílias, praticada de dois tipos fundamentais: a de vazante e a de chuva.

Observa-se, portanto, que houve com o deslocamento uma mudança significativa na organização espacial desse município, provocando mudanças na estrutura do sistema produtivo e como consequência, nas relações sociais entre os seus moradores. Antes mesmo da construção da barragem, a obra monumental já atuava.

A história de Gervásio

Antes da construção da barragem, quando a obra ainda era boato, as terras das cidades a serem atingidas passaram a ser vistas com outros olhos. As pessoas com mais posses e mais influentes buscaram logo os seus “direitos”. Buscaram os meios para ter as devidas posses, mesmo não sendo os *posseiros*. Estes são quem de fato as possuía, pois, cuidavam e viviam dessas terras. Para obter as posses, sem serem posseiros, tornaram-se *segrileiros*¹⁰.

Aconteceu com Gervásio, um velho (posseiro) que vivia com a sua família, mulher e quatro filhos, em uma serra. A serra do Gervásio, como era conhecida na região. Murilo Carvalho¹¹ descreve essa serra da seguinte forma:

...quase tão árida como todo sertão. Cactos, mandacarus, vassourinhas, cardos rasteiros, favelas de folhas lustrosas e espinhentas, um ou outro umbuzeiro misturam-se às milhares de plantinhas sem nome e sem cor que aparelham o chão seco da caatinga e sobem pelas ladeiras pedregosas. Em qualquer lugar essa terra não valeria nada, tão distante da água, tão a prumo. Mas o velho piauiense Gervásio descobriu nela, há mais de cinquenta anos, uma grotinha miúda, pobre olho d’água que resistia até mesmo nos tempos de seca mais bruta (p. 112, 1980).

Contam que nesse lugar Gervásio plantava *de um tudo*, era mandioca, era abóbora, era feijão, era milho, até cana-de-açúcar e algumas árvores frutíferas, como manga e banana. Fazia *desmancha* na casa de farinha e criava alguns animais, como cabras e porcos. Consumia e vendia esses produtos. Com isso chegou a possuir alguns bens como uma rural, um jipe. Inventou um mundo. Gervásio viveu esse mundo até que começaram a chegar as intimações do juiz, o Dr. Djalma. Gervásio não atendeu aos chamados, pois já sabia do que se tratava: queriam a serra dele. O juiz insistia, mandou

¹⁰ Grileiro é a pessoa que se apossa de uma determinada área, usando como documento de propriedade qualquer título (arcaico) de posse.

¹¹ Jornalista de São Paulo, que publicou essa história no livro: *Sangue da Terra – a luta armada no campo*, no ano de 1980,

os soldados para resolver a questão. Esses foram cumprir o dever transportados no carro do senhor Eurico, o grileiro, reclamante das terras, juntamente com o seu vaqueiro. Seo Eurico e o vaqueiro, como consta no livro *Sangue da Terra*, ficaram no carro, há uma légua de distância esperando o desfecho. Houve troca de tiros. Soldado Sebastião, um moço de 23 anos, recém-casado, foi logo baleado e morto. Contam que Gervásio lutava com o Soldado Raimundo Grande, portando um facão e o livro de São Cipriano na capanga e que o soldado Raimundo também labutava com o citado livro. Um não conseguia enxergar o outro, ficaram invisíveis. Durante a luta, em um descuido, soldado Raimundo pequeno, já baleado, segundo relato do mesmo, coloca a arma entre as pernas e acerta o alvo. Gervásio estava morto. Dizem que ao verem o pai sem vida, os filhos debandaram, ficando apenas a mulher cobrindo o corpo, que ficou lá, na terra, coberto de folhas.

As pessoas relatam que não demorou muito, chegou a volante de Juazeiro, a mesma que lutou contra Lampião (?). Eram muitos *polícias*, fortemente armados. Subiram a serra, atearam fogo no que encontraram, foram de casa em casa. Bateram em parentes e vizinhos de Gervásio. Até uma nora do velho, grávida, foi presa e pariu na cadeia. Muitos abandonaram as suas casas.

Anos depois, Milton, o filho caçula, também foi morto pela polícia, durante uma troca de tiros, no povoado de Piçarrão, próximo a serra. Era um domingo. Estava lá, dizem, para vingar a morte do pai. Era conhecido por suas habilidades com a caça e a vida na caatinga. Dizem que era um excelente atirador. Imagino aquele domingo, no povoado de Piçarrão, o seu encontro com os policiais da seguinte maneira:

Havia mistério naquela mata. Um homem era conhecido por suas habilidades de perceber o outro mesmo antes dele aparecer. Foram muitas tentativas de encontrá-lo, muitas trincheiras armadas, várias emboscadas. Ele sempre sabia o que estava para acontecer: sentia, pressentia, recuava, antevia, enganava, sumia, aparecia. Encontrava o que queria. Acertava o alvo a qualquer distância, mesmo sem vê-lo. Mas, naquele dia algo iria acontecer, estava diferente: um sol escaldante, parado no meio do nada, sons imperceptíveis, cheiros misturados. Até a *dona* de lá partiu em retirada. Naquele instante o vento parou de soprar, as folhas pararam de balançar, os animais se calaram, as águas se perderam, o céu escureceu. Ouviu-se um estrondo, um assobio: caçaram o caçador.

Recentemente tentei conversar com algumas pessoas sobre o que aconteceu, mas, ninguém sabe ninguém viu. As pessoas que quiseram comentar, apenas de ouvir falar,

disseram que o corpo de Gervásio ficou estirado em um “pé de manga” e está lá até hoje e que durante a noite vêm uma luz de cor azul brilhante, iluminando a serra.

Durante anos, os dois casos, tramitaram na justiça sem um desfecho. O caso de Gervásio está citado no livro: Bahia – violência e impunidade no campo. Análise de dez anos – registro de 1976 a 1987, organizado pela Associação dos Advogados dos Trabalhadores Rurais da Bahia.

Histórias e memórias do deslocamento

Ninguém acreditava que a mudança fosse ocorrer, todo mundo se revoltou, foi o fim do mundo. Para o Estado, os políticos e as elites de um modo geral, Sobradinho seria a redenção da região.

Não acreditava. Mas sempre, sempre vinha aquela relação que todo mundo ia sair. Eu acreditava porque eu tinha certeza que vinha, que aí uns dois anos atrás, que isso não foi no início não, já vinha de dois ano atrás tão vendo? E com esse negócio agora pra aí, acha que vai sair agora? Nunca. [O Parque Boqueirão da Onça¹²] Pois é, acha que vai sair agora? Daqui uns dois ou três ano, muitos já tem até morrido. E aí começaram a barragem lá, quando terminaram, lá vem água, lá vem água subindo, lá vem água... (D. Maria, 70).

Dona Maria não acreditava porque boatos existem muitos, de todo tipo, desde que o mundo é mundo. Esses eram sobre quem iria sair, quem não iria. Pra que sair, para onde ir? O que iria acontecer com as pessoas, com as criações, com as terras? “Se vinha aquela relação que todo mundo ia sair, eu acreditava”. Agora acreditava, porque tinha uma “relação”, já tinha nomes, que não tinha chegado lá, mas existia. Estava em outro lugar. Ninguém foi lá dizer: é isso, é aquilo, vai ser assim, é *aquilo outro*. Não foi logo não, houve muito converseiro, muita opinião, mas nada de certo, certeza. As pessoas não foram consideradas, não foram ouvidas. As decisões eram tomadas pelas autoridades, em outro lugar. Aconteceu. De repente: “lá vem água, lá vem água subindo, lá vem água...” Agora, mais uma vez, surgem novos boatos: irão construir um parque nacional de conservação, o “Boqueirão da Onça”. Mas como? Quando? E as pessoas? “Pois é, acha que vai sair agora? Daqui uns dois ou três ano, muitos já tem até morrido”.

¹² Proposta do governo Federal através do IBAMA, de construção de um Parque de preservação ambiental na região da caatinga de alguns municípios do norte da Bahia, especialmente de Sento-Sé. Este projeto prevê a relocação dos moradores da região.

‘Seo’ José (54 anos) também não acreditava, mas aconteceu. Houve tantas promessas.

Ah! Eu fiquei com medo quando surgiu a mudança. No momento, até eu não acreditava. Eu dizia: ah! Isso não vai acontecer porque, qual é a água que vai ter pra tirar a gente daqui? E aí muitos dizia: vai acontecer. A gente duvidava né? E aí até que aconteceu. A gente viu que ia acontecer. E aí todo mundo tratou de procurar um lugar. E eu não queria vim praqui porque imaginava assim: ei a gente mora no rio aqui, tudo com tanta fartura e a gente ir pro centro da caatinga. Lá a gente vai viver do que? Mas depois eles chegaram com a sugestão: vai ter isso, vai ter aquilo. Tem o transporte pra tirar vocês. Tudo bem, enquanto transporte a gente se conformava, mas depois que mudaram de lá pra cá, pegaram a gente, botaram aqui, aí depois abriu todo mundo e aí a gente ficou nessa aqui.

Havia medo, desconfiança, incredulidade. Seo José e os demais moradores imaginavam: “qual é a água que vai ter pra tirar a gente daqui?” Mas, as pessoas sabiam que poderia acontecer porque não dependia deles, era uma determinação de fora, do governo, dos homens da lei, por isso, trataram logo de pensar alternativas. Porém, sair do rio e ir para o centro da caatinga não fazia muito sentido. Mas, “eles”, os técnicos da CHESF, que eram muitos, estavam lá o tempo todo, dizendo: “vai ter isso, vai ter aquilo”. Houve promessas de todo tipo, mas, depois “pegaram a gente, botaram aqui, aí depois abriu todo mundo e aí a gente ficou nessa aqui”. Era muita gente de fora. Prometiam muita coisa, mas, depois do fato consumado, não havia mais de quem escutar.

A maioria das pessoas resolveu sair nos últimos momentos, com água na cintura. Houve muita resistência, mas no final, cederam à realidade. Foram transportados de caminhão. Alguns para Quixaba, outros para as Agrovilas, Xique-Xique e São Paulo.

Seo João Elias (75) foi incluído na “solução própria”, arranjou-se como pode:

Eu fretei uma canoa. Fretei uma canoa. Parece que, não me lembro mais por quanto eu fretei, que já tá com muitos anos. O camarada foi me botar lá, minhas bagagem tudo. Lá comprei uma casa, já tinha comprado a casa. Chegou a hora que cheguei lá só fui pra dentro da casa. [Sobre o tempo da viagem]Eu saí hoje de tarde, andemoa noite, andemo o dia. Fui chegar no outro dia de manhã, dá uns três dia. As água corria muito. Não era como hoje que as água é fraca. As água é tudo morta. Naquele tempo as água corria muito. Canoa sofria muito pra chegar em Xique-Xique, em qualquer ponto aí pra riba, sofria muito.

Seo Elias fretou a canoa. Era a “solução própria”. Cada um por si. Havia um “camarada” que ajudou. “O camarada foi me botar lá, minhas bagagem tudo”. Para recomençar, era preciso levar tudo que tinha. Todas as coisas cabiam em algumas malas, baús, caixotes e só. A casa já estava esperando. Mas, a viagem, essa foi demorada. “Eu

saí hoje de tarde, andemoa noite, andemo o dia. Fui chegar no outro dia de manhã, dá uns três dia”.Parecia não chegar a lugar nenhum. Foi uma luta com as águas. “Naquele tempo as água corria muito. Hoje as água é tudo morta”.

A CHESF, através de seus técnicos, enxergava tudo velho, os velhos, as casas, as coisas, aquele mundo. Era preciso mudar, de qualquer jeito, com casa, sem casa, pronta, inacabada. Havia muita desconfiança dos deslocados.

Seo Aristeu (71) conta o que aconteceu com sua mãe,

O técnico da CHESF pergunta: Como é o nome dessa velha? Essa mudança tá marcada pra quinta-feira. Eu digo, vai não. Não vai não, porque a casa não tá pronta e ela não vai não. Ela tem dois filho ainda pra responder por ela. Aliás, três, e ela não vai sozinha não. Uma velha doente desse jeito não vai mudar não. Então cêsacompanha ela. Eu digo, eu vou. Se a casa tiver pronta, eu vou. Mas ela só não vai não. Ele disse: a casa tá pronta. Eu digo, eu vou mandar um filho meu olhar a casa, se tiver pronta eu vou. Se não tiver, não vou não. Aí mandei o menino olhar. Disse: pai, a casa tá faltando cobrir um lado. Quando pensa que não, o carro chegou. Eu deixei terminando. Quando chegaram faltava terminar pra cobrir a casa, sem porta, sem nada.

O técnico via a “velha” que tinha que mudar. O filho argumentava que a senhora, sua mãe, estava doente e não podia mudar assim, de qualquer jeito. Até porque, já era de se esperar que a casa não estivesse pronta. “Se a casa tiver pronta, eu vou. Mas ela só não vai não. Ele disse: a casa tá pronta. Eu digo, eu vou mandar um filho meu olhar a casa, se tiver pronta eu vou”.Nessa discussão, vai não vai. “Quando pensa que não, o carro chegou”.Tiveram que ir, não tinha outro jeito, mesmo o menino avisando:“pai, a casa tá faltando cobrir um lado”.Teve gente que encontrou a casa destelhada, teve gente que encontrou sem porta. Fora o desconforto de mudar de uma casa grande, com quatro, cinco quartos, mesmo sendo de taipa, para uma casa de dois quartos. Onde botar os meninos?

Percebemos, portanto, que o modo como se deu o processo de relocação da população atingida pela barragem de Sobradinho, tem a ver com o modo ignorado da existência dessa gente. Por outro lado, essa ausência ignorada não impediu que essa população reconstruísse novos modos de existência e se reinventasse frente a novas imposições postas pelo modelo de desenvolvimento vigente.

Considerações finais – novos modos de existência de caatingueiros e beiradeiros, frente a novos projetos de desenvolvimento.

Os membros da população atingida pela construção da barragem de Sobradinho, sejam caatingueiros ou beiradeiros, estão construindo o seu próprio rumo, buscam e trocam informações, percebem o mundo que os cerca em diferentes tempos e espaços que os constituem: tempo de plantar, tempo de guardar, que não são mais os mesmos. Mas, é preciso se aventurar.

Eu tenho uma rocinha de chuva. De chuva porque perdi o motor. Eu tenho uma roça de vazante, mas o riacho secou. É na beira do riacho. O riacho secou, então não tem água. Eu tenho outra roça de chuva que se torna na beira do asfalto. Daqui é quatro quilômetro. E aí o dia amanhece. Eu tomo café e já estou indo à roça, fico até meio dia. Fico até de tarde trabalhando por lá e a rotina é essa. A não ser o dia que eu não vá para roça. Fico aqui só caminhando mesmo, de casa em casa, discutindo ideia com os colegas. (SeoDico, 76).

A roça agora é de chuva, se não tiver o motor. Pode ser também de vazante, se tiver água. “O riacho secou, então não tem água”. SeoDico tem alternativa, outra roça de chuva, “que se torna na beira do asfalto”. Porque não é mais roça. É povoado. Mas, é preciso inventar a vida. A rotina de seu Dico nas roças, é dele e com ele. Não tem mais todo mundo, não tem mais correria, não tem mais alegria: “Fico aqui só caminhando mesmo, de casa em casa, discutindo ideia com os colegas”. São outros tempos.

Atualmente novas transformações são impostas a essa região. Está sendo proposta a criação de um parque de preservação nacional, Boqueirão da Onça. Segundo o pesquisador da UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco, prof. José Alves Siqueira Filho¹³, a região do Boqueirão da Onça, que envolve os municípios de Umburana, Sento-Sé, Sobradinho, Campo Formoso e Juazeiro, possui as maiores cavernas do hemisfério sul, uma flora repleta de espécies raras e espécies ameaçadas de extinção, a exemplo da Onça pintada. Construir o parque possibilita também uma melhora da qualidade do ar, a regulamentação do regime hídrico das chuvas, além de favorecer o ecoturismo. Inicialmente a proposta era a criação de um parque de um milhão de hectares, mas, essa proposta foi inviabilizada. De acordo com o professor, por causa dos reassentados da barragem de Sobradinho, que já tiveram de deixar as suas casas uma vez e que com essa proposta teriam que abandoná-las de novo.

No entanto, ainda segundo professor Siqueira Filho, não podemos esperar mais, as espécies estão desaparecendo, a região “não possui vocação agrícola” e a densidade demográfica é baixa, “não há presença de pessoas”, no entendimento do professor. Essa

¹³Em entrevista ao Jornal À Tarde, no endereço <http://atarde.uol.com.br/bahia>. Acessado em 27/05/2015

me parece ser a questão principal nesses projetos, certa invisibilidade dos habitantes desses lugares, pois, toma como parâmetro de densidade demográfica outras regiões do país. A vida na caatinga é marcada por relações de tempo e espaço completamente diferenciadas.

Outra transformação já em andamento nessa região é a instalação da indústria eólica. Ainda segundo o professor, as máquinas para a construção do parque nas serras, destruíram 200 quilômetros de caatinga virgem, alterando significativamente o habitat dos animais. A vida das pessoas também está sendo modificada no sentido da organização espaço/tempo e nas relações de sociabilidade e de convivência com a natureza. Estive recentemente no povoado de São Jose, município de Sento-Sé, para ver o que estava acontecendo, tanto no que se refere à proposta da criação do parque Boqueirão da Onça, quanto a instalação do parque eólico. Percebi que nesse lugar não há somente onças, araras, veados, mas, a principal descoberta da indústria: o vento. Os melhores ventos do Brasil para produção de energia eólica. Muito vento e muito barulho também, vindo do movimento que os aerogeradores fazem.

Nesse sentido, como materializar a experiência de vida desses catingueiros e beiradeiros do sertão da Bahia, através de suas vozes ignoradas, percorrendo o modo como enfrentam as mudanças impostas pelos projetos de desenvolvimento, a exemplo da construção da barragem de Sobradinho, da implantação de parques eólicos e o projeto do parque de conservação nacional, Boqueirão da Onça, considerando esse enfrentamento frente ao modo ignorado de suas existências? Esse é um novo caminho a percorrer.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DOS TRABALHADORES RURAIS – BA (ORG). **Bahia – Violência e impunidade no campo**. Análise de dez anos –Registro de 1976 a 1987. Editora ODEAM, Salvador, 1987.

ASSY, Maria Rita do Amaral. **A força inventiva da voz ignorada**. Tese(Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP, 2014.

ASSY, Maria Rita do Amaral. **A criação ignorada da existência**. Universidade do Estado da Bahia – Juazeiro, 2015.

CARVALHO, Murilo. **Sangue da Terra** – A luta armada no campo. São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1980.

COMPANHIA HIDRELÉTRICA DO VALE DO SÃO FRANCISCO - CHESF.

Aspectos Sócio-Econômicos da Implantação do Reservatório de Sobradinho -
(Relatório Técnico), Departamento de implantação de Reservatórios, Recife, 1980.

GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. **Opara – Formação histórica e social do Submédio São Francisco**. Juazeiro: [s.e], 1997^a

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SIQUEIRA FILHO, José Alves. **Entrevista ao Jornal à Tarde**. Endereço eletrônico: <http://atarde.uol.com.br/bahia>. Acessado em 27/05/2015.

4-Rádiodifusão Comunitária no Território Sertão do São Francisco¹⁴

Érica Daiane da Costa Silva¹⁵

Karine Pereira da Silva¹⁶

Resumo

Este artigo apresenta os resultados da primeira etapa do Projeto de Extensão Comunicação Comunitária no Território Sertão do São Francisco, realizado pelo Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (Campus III - Juazeiro) nos anos de 2008 e 2009, com o propósito de mapear e elaborar diagnóstico da rádiodifusão comunitária no Território Sertão do São Francisco. Para tanto, foram realizadas visitas aos municípios que compõem o Território, onde foram aplicados questionários e feitas entrevistas com as/os comunicadores/as populares. A partir da observação de aspectos como formação e gestão das emissoras, participação popular, programação e sustentabilidade e de dados obtidos no site do Ministério das Comunicações, foi feita análise quantitativa e qualitativa das rádios comunitárias e sistemas de alto-falante existentes nas cidades que compõem o Território de Identidade Sertão do São Francisco.

Palavras- Chave: Rádiodifusão comunitária, Desenvolvimento local, Sertão do São Francisco.

Abstract

This article presents the results of the first stage of the Community Communication Extension Project in the Wilderness Territory San Francisco, conducted by the Department of Humanities at the University of Bahia (Campus III - Juazeiro) in 2008 and 2009 , for the purpose of map and elaborate diagnosis of community broadcasting in the Hinterland of the San Francisco Territory. To this end, visits were made to the municipalities that make up the territory, where questionnaires were applied and interviews made with communicators popular . From the observation of aspects such as training and management of stations , popular participation , programming and sustainability and data obtained in the Ministry of Communications site was made quantitative and qualitative analysis of community radio stations and existing speaker systems in the cities that make up Identity Territory Hinterland San Francisco.

Key -words : Community Broadcasting , Local development, Hinterland San Francisco

¹⁴Artigo apresentado como relato de monitoria do Projeto de Extensão Comunicação Comunitária no Território Sertão do São Francisco, desenvolvido no Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, sob a coordenação das docentes Céres Santos e Verbena Mourão.

¹⁵Pós-Graduada em Ensino da Comunicação Social pela Universidade do Estado da Bahia e Graduada em Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios pela mesma Universidade. Monitora do Projeto de Extensão Comunicação Comunitária no Território Sertão do São Francisco em 2008.

¹⁶Graduada em Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia. Monitora do Projeto de Extensão Comunicação Comunitária no Território Sertão do São Francisco em 2009.

Sumário

Este artículo presenta los resultados de la primera etapa del Proyecto de Extensión Comunicación comunitaria en el territorio yermo San Francisco , realizada por el Departamento de Humanidades de la Universidad de Bahía (Campus III - Juazeiro) en 2008 y 2009 , con el propósito de el mapa y la elaboración de un diagnóstico de la radiodifusión comunitaria en la zona de influencia del Territorio de San Francisco. Con este fin, se realizaron visitas a los municipios que conforman el territorio , donde se aplicaron cuestionarios y entrevistas realizadas con los comunicadores popular. De la observación de aspectos tales como la formación y la gestión de las estaciones , la participación popular , la programación y la sostenibilidad y los datos obtenidos en el Ministerio de Comunicaciones sitio se hizo un análisis cuantitativo y cualitativo de las radios comunitarias y los sistemas de altavoces existentes en las ciudades que componen Territorio identidad Hinterland San Francisco.

Palabras-clave: Comunidad de Radiodifusión, desarrollo local, la zona de influencia de San Francisco

Introdução

A limitada produção científica acerca da utilização das mídias comunitárias no Brasil é reflexo do pouco entendimento acerca da importância do uso da radiodifusão comunitária em benefício do desenvolvimento local.

Neste sentido, a necessidade de conhecer a realidade da radiodifusão comunitária no Território do Sertão do São Francisco que compreende as cidades de Campo Alegre de Lourdes, Casa Nova, Canudos, Curaçá, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Sobradinho e Uauá, localizadas no estado da Bahia, instigou a elaboração do projeto de extensão Comunicação Comunitária no Território Sertão do São Francisco.

O referido projeto objetiva identificar a existência de Rádios Comunitárias (RadCom's) e sistemas de alto-falantes, que estejam ou não em funcionamento, nestas cidades para, a partir disso, inferir sobre o perfil destes veículos e realizar ações que venham a contribuir na formação das/dos comunicadores populares.

Para desenvolvimento desse projeto, tomamos como base as rádios comunitárias e os sistemas de alto-falantes existentes nessas cidades, bem como as ações desenvolvidas pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) e pelo Setor de Comunicação e Audiovisual da Diocese de Juazeiro (SEDICA) que tem

atuado na formação das/os comunicadores populares e na produção de programas para emissoras comunitárias.

Neste artigo, discorreremos sobre aspectos relacionados à formação, gestão, sustentabilidade e programação das emissoras, além de abordar a legislação da radiodifusão comunitária e a participação popular neste contexto. A intenção é refletir sobre a distância existente entre o conceito de Comunicação Comunitária, defendido por alguns teóricos, e a prática observada nas rádios e alto-falantes em funcionamento no Território Sertão do São Francisco, considerando a ausência de formação política da comunidade onde o meio está inserido como a principal causa de tal distância.

Metodologia

Para dar início à primeira etapa da pesquisa, a equipe formada pelos discentes Marcos Vinicius Gonçalves Santana, AlinneSuanne Tores, Érica Daiane da Costa Silva, Laura Oliveira Ferreira e Karine Pereira da Silva e as docentes Céres Santos e Verbena Mourão, confeccionou o questionário a ser aplicado em cada emissora. Para identificar as rádios comunitárias e sistemas de alto-falante existentes no Território, além de pesquisa feita no site do Ministério das Comunicações, contamos com a colaboração do SEDICA que é pioneiro na atuação com a comunicação comunitária no território e mantém contato com as/os comunicadores populares da região. A partir disso, foi montado um cronograma de viagem aos municípios para aplicação dos questionários e realização das entrevistas.

Os dados coletados em cada visita eram socializados na equipe que, por sua vez, com base nos estudos acerca da temática trabalhada, fazia avaliação das informações obtidas. Através de leituras e discussões realizadas pela equipe acerca de temas como educomunicação, legislação da radiodifusão comunitária (Lei 9.612/98) e Tv comunitária no Brasil, o embasamento teórico foi sendo construído paralelo ao cumprimento do cronograma de visitas às cidades.

Após o período de coleta de dados, verificou-se que no estado da Bahia há um total de 175 licenças para funcionamento de rádios comunitárias, destas 146 são licenças definitivas. No território Sertão do São Francisco existem 50 pedidos registrados no Ministério das Comunicações, sendo: 6 rádios em operação (5 licenças

definitivas); 2 autorizadas; 3 cadastradas (aguardando aviso de habilitação); 3 pedidos sendo analisados e 36 pedidos arquivados¹⁷.

Foram aplicados 18 questionários e feitas 19 entrevistas em 20 entidades, sendo que 10 são veículos em funcionamento (6 rádios e 4 sistemas de alto-falantes), 7 desativadas (6 rádios e 1 alto-falante) e 3 rádios que nunca funcionaram. Os questionários foram respondidos por membros da diretoria das rádios ou das associações de radiodifusão que existem hoje no Território.

A compilação dos dados, após aplicação de todos os questionários, foi feita pelas monitoras, contando com a revisão da coordenadora do projeto. A partir dos dados obtidos foram confeccionadas tabelas que serviram de suporte para escrita deste artigo, bem como irão fundamentar a publicação final do trabalho prevista para dezembro de 2009.

A realidade das Rádios Comunitárias no Território Sertão do São Francisco

A partir das respostas dos questionários foi traçado um perfil da radiodifusão comunitária no Território Sertão do São Francisco. A análise dos dados coletados foi feita com base, principalmente, nas contribuições de autores como Cicilia Peruzzo (2003) e Adriane Lorenzon (2009), bem como teóricos que tem se debruçado sobre o assunto, e na compreensão da equipe sobre a temática.

A comunicação comunitária entendida neste artigo corresponde à utilização de um meio de comunicação pela e para comunidade, que percebe a contribuição deste meio para o desenvolvimento local. Para Peruzzo (2003, p. 246) “a comunicação comunitária diz respeito a um processo comunicativo que requer o envolvimento das pessoas de uma ‘comunidade’, não apenas como receptora de mensagens mas como protagonista dos conteúdos e da gestão dos meios de comunicação”. De acordo com o Artigo 1º da Legislação brasileira da Radiodifusão Comunitária¹⁸,

Denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa frequência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação de serviço.

¹⁷Dados do Ministério das Comunicações: <http://www.mc.gov.br/radio-comunitaria> -acesso em 20 de julho de 2009.

¹⁸ Lei 9.612 publicada no Diário Oficial da União de 20/02/98.

Formação e gestão das emissoras

O processo de estruturação de um meio comunitário em determinada localidade deve decorrer da necessidade e compreensão da finalidade da mídia comunitária, reflexo de mobilização e engajamento social da população beneficiada. Entretanto, em muitos casos, a iniciativa de criação de veículos comunitários parte de uma pessoa ou pequenos grupos, sem o envolvimento da maioria dos moradores da comunidade.

Esta situação foi constatada em grande parte das cidades pesquisadas, ao identificarmos que a proposta de criação da rádio comunitária ou serviço de alto-falante partiu de um pequeno grupo de pessoas, em sua maioria ligada aos movimentos sociais, que já tinha alguma afinidade ou interesse em discutir comunicação. A comunidade, nestes casos, é convidada a discutir e aprovar a proposta apresentada pelo grupo.

A maioria das cidades não tem nenhum meio de comunicação local, o que contribuiu para a instalação das emissoras comunitárias. A finalidade, a princípio, é a de prestação de serviços, tendo a promoção do desenvolvimento local como fator secundário. Destaca-se que em apenas uma das dez cidades a existência do sistema de alto-falante impulsionou a criação da rádio, ratificando assim o crescimento político pelo qual a comunidade passou.

Conforme foi constatado, na maioria dos casos, os responsáveis pelas rádios são pequenos grupos ou movimentos sociais e populares que não dispõem de recursos financeiros suficientes para a compra dos equipamentos necessários para a rádio ir ao ar. Identificou-se que a comunidade, após ser despertada, se envolve na aquisição e instalação dos equipamentos necessários para o funcionamento das rádios, colaborando, inclusive na organização de festas, bingos, rifas, etc. Doações de equipamentos novos e usados, doações financeiras de pessoas que tem cargos políticos, de entidades religiosas, ou do próprio presidente da emissora, além de recursos da associação mantedora, são também citadas como outras formas de angariar recursos.

Vale ressaltar a presença da Igreja Católica no incentivo à criação das rádios e na formação das/dos comunicadores populares nessa região, através do Setor Diocesano de Comunicação e Audiovisual (SEDICA), como apontam as informações contidas nos questionários e entrevistas.

No que se refere a outorga concedida pelo Ministério das Comunicações para funcionamento das RadCom's, além das críticas referente à burocracia estabelecida

pela Lei 9.612/98, a lentidão na análise dos processos faz com que as rádios aguardem mais de cinco anos para receberem licença para funcionar, isto quando conseguem ultrapassar os critérios exigidos para envio de solicitação para prestar o serviço de radiodifusão.

Quanto à gestão, constatou-se que geralmente a diretoria da rádio é composta pelas mesmas pessoas que lideraram o processo inicial de reivindicação e instalação do veículo, sendo estas eleitas em assembleias. Em alguns casos, este modelo de gestão assemelha-se às emissoras comerciais devido, principalmente, a existência de hierarquia nas tomadas de decisões. Este pode ser considerado um grave problema, uma vez que as emissoras comerciais visam o lucro e a centralização do poder, enquanto as comunitárias surgem com o propósito da contra-hegemonia, ou seja, são espaços democráticos, sem fins lucrativos, gestados pela sociedade civil. Contudo, é importante destacar que estes fatores devem-se, segundo Lorenzon (2009), à falta de consciência da comunidade sobre a importância e a finalidade do veículo comunitário.

Nunes (2002) chama atenção para um dos principais problemas que afetam a realidade da radiodifusão comunitária no país. Por lei, é proibida a utilização das RadCom's para fins político-partidários, no entanto, o que se observa, de modo geral, é a utilização desses veículos em benefício de interesses pessoais de determinadas pessoas, uma vez que grande parte das concessões pertencem a representantes políticos. Isso permite o uso da radiodifusão comunitária, sobretudo em períodos eleitorais, na promoção de candidatos a vereadores, prefeitos, deputados, entre outros cargos políticos ou de confiança de determinados governos.

Participação popular

O envolvimento das pessoas enquanto sujeitos ativos é essencial para a existência da comunicação comunitária. Neste sentido, podemos considerar as afirmações de Teixeira (2001) sobre participação cidadã, quando diz que esta significa “fazer parte” do coletivo dentro de um processo social.

Peruzzo (2003, p. 250), ao tratar da comunicação comunitária de base democrática, define-a como “um processo em que todo receptor de mensagens dos meios de comunicação tem o potencial de se tornar sujeito da comunicação, um emissor”. Mas a autora também alerta para o fato de que nem todos os meios de

comunicação tidos como comunitários são abertos a tal participação, conforme defende Teixeira (2001).

Na realidade da radiodifusão comunitária existente no Território do São Francisco, percebe-se que o entendimento que se tem de participação popular nos veículos comunitários, na maior parte das emissoras, segue o padrão de participação do público-ouvinte das rádios comerciais. Na avaliação das/dos entrevistados na pesquisa, esta participação restringe-se ao usufruto da programação para prestação de serviços, à colaboração em forma de doações financeiras, à participação por telefone nos programas ao vivo, ou, em menor escala, à produção de programas, geralmente feito por entidades ou movimentos sociais atuantes na cidade onde a rádio está situada.

Pouco se constata a participação das pessoas, sócias ou não da emissora, nas tomadas de decisões, na definição da linha editorial e grade de programação, na administração dos recursos financeiros, ou seja, não há uma participação ampliada do cidadão, como apresenta Peruzzo (2003) em “Mídia comunitária, liberdade de comunicação e desenvolvimento”. Neste texto, a autora também discorre sobre os vários níveis de participação presentes na comunicação comunitária, descrevendo-os como níveis elementares: o da recepção; a contribuição com entrevistas, cartas, depoimentos; e níveis mais elevados que possibilita a atuação da pessoa enquanto “sujeito ativo, como protagonista da elaboração de mensagens [...] e no planejamento e na gestão do canal de comunicação” (p. 248).

Programação

Uma das principais diferenças entre os veículos comunitários e comerciais dizem respeito à programação. As rádios comerciais atendem aos interesses capitalistas com o propósito de estimular o consumo e, conseqüentemente, resulta no aumento nas desigualdades sociais, apesar da legislação estabelecer o oposto.

Já as RadCom's se propõem a ser uma alternativa a esse modelo de comunicação, priorizando em sua programação os interesses coletivos de onde está inserida. No entanto, na programação das rádios pesquisadas verifica-se que há, na maior parte dos veículos em operação, uma reprodução da programação veiculada nas emissoras comerciais. Esta realidade das rádios em funcionamento no Território é referendada por Lorenzon (2009, p. 23) ao afirmar que isso ocorre “sob a justificativa

equivocada de alguns diretores [e demais membros] das comunitárias de que é preciso competir com as comerciais para ganhar audiência”.

Um dos reflexos disso é a programação ser predominantemente preenchida por programas musicais, os quais, em sua maioria, não possuem conteúdo educativo. Parte das canções tocadas reforçam a ideologia da existência de uma massa alienável e reproduzem discursos opressores – característica já bastante presente no circuito das emissoras comerciais – que não contribuem para a formação de uma consciência crítica e uma prática cidadã. Além disso, há pouca valorização das produções locais, priorizando artistas consagrados pela indústria cultural.

A produção dos programas fica a cargo das instituições sociais e pessoas físicas que fazem parte da associação da radiodifusão, sendo que a maioria dos responsáveis pelos programas são os mesmos que compõem a diretoria da emissora.

Além da programação musical, são produzidos programas de cunho religioso, com destaque para programas produzidos pelas igrejas evangélicas; e em menor número, os infantis e jornalísticos. Este último, muitas vezes restringe-se a noticiar fatos policiais e denunciar problemas cotidianos da população.

Dioclécio Luz, na segunda edição de seu livro “Rádios Comunitárias: trilha apaixonada e bem-humorada do que é e de como fazer rádios comunitárias na intenção de mudar o mundo” problematiza a existência de programas policiais e resumo de novelas na grade de programação de algumas RadCom’s, algo bastante comum nas rádios e alto-falantes comunitários mapeados no Território Sertão do São Francisco. Luz argumenta que os programas policiais em nada contribuem para a promoção dos direitos humanos, ao contrário, acabam sendo formas de reforçar o poder repressor do Estado, uma vez que só é mostrada principalmente a visão da polícia. Os resumos de novelas, de acordo com o autor, também podem ser tirados da programação, e como sugestão aponta a produção de radionovelas que tratem de temas de interesse da comunidade e valorizem a cultura e artistas locais.

Esta redução na produção de programas é resultado da falta de formação/mobilização e de recursos financeiros suficientes para arcar com a realização de tais ações, uma vez que trata-se de emissoras comunitárias que não tem fins lucrativos.

Neste sentido, observamos que, de modo geral, não há um engajamento entre a prática e a finalidade da mídia comunitária no Território, uma vez que o modelo de comunicação comunitária deve transmitir

uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível cultural dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas. (PERUZZO, 2007, p. 01).

Contudo, é importante destacar ainda o protagonismo da comunidade neste processo de troca de informação. Nas comunidades rurais, principalmente, a vida social da população está bastante atrelada ao rádio. Com base nisso, Nunes (2002, p. 66) reforça o papel das rádios comunitárias, considerando-as como importantes canais por meio dos quais “começam a expressar-se os próprios vizinhos, as instituições intermediárias, culturais, sociais, políticas e esportivas de cada localidade, o que de nenhum modo será possível sem a existência desses meios locais”.

Sustentabilidade

Um dos principais problemas identificados na radiodifusão comunitária refere-se à inexistência de financiamento público que garanta a manutenção e sustentabilidade do serviço. A própria legislação contribui para fomentar a dependência das rádios comunitárias a formas alternativas de adquirir financiamento para custear as despesas da emissora (doações da comunidade, realização de bingos, taxas de manutenção pagas pelos associados, entre outras). O artigo 18 da Lei 9.612/98 diz que: “as prestadoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária poderão admitir patrocínio, sob a forma de apoio cultural, para os programas a serem transmitidos, desde que restritos aos estabelecimentos situados na área da comunidade atendida”.

Nesse sentido, nem todas as emissoras cumprem as determinações da legislação contidas no artigo 18. Algumas delas chegam a veicular propagandas ou até mesmo a vender horários da sua programação. Devido a falta de um fundo específico de financiamento e a necessidade de custear as despesas com água, luz, telefone, manutenção de equipamentos, ajuda de custo para os colaboradores, entre outras demandas fundamentais para o funcionamento do serviço, muitas rádios acabam fechando.

Criminalização e repressão

No Brasil prevalece um modelo de comunicação que cada vez mais busca firmar-se como modelo oficial, ditando padrões e regras a serem seguidas pelos demais meios de comunicação e informação. Esta mídia hegemônica tem agido no sentido de marginalizar, criminalizar esta outra mídia (dita alternativa) que se propõe a desconstruir este sistema. Quando esta estratégia não é suficiente, a comunicação comunitária passa a ser vítima também da repressão do Estado.

A realidade do Território Sertão do São Francisco não se difere do restante do país. Das emissoras que hoje possuem licença para funcionamento ou as que encontram-se desativadas, muitas já foram notificadas pela Polícia Federal que, em cumprimento à ordem judicial solicitada pela Agência Nacional das Telecomunicações (ANATEL), invade os estabelecimentos, quebrando ou confiscando equipamentos ou prendendo as pessoas responsáveis pela emissora. Atualmente, há comunicadores que, mesmo não estando mais atuando nos veículos (pois não estão mais em operação), ainda respondem à processos judiciais.

Em muitos casos, a ação se justifica pelo funcionamento da rádio sem concessão ou pelo descumprimento do Decreto 2.615/98¹⁹, mais precisamente dos Artigos 5º e 6º que estabelece, respectivamente, que a potência a ser irradiada pela RadCom deve ser igual ou inferior a 25 Watts e a cobertura deve ser restrita a uma “área limitada por um raio igual ou inferior a mil metros a partir da antena transmissora”.

Algumas rádios que funcionaram sem a autorização, não possuíam programação fixa com receio de serem identificadas e fechadas pelos órgãos repressores (ANATEL e Polícia Federal).

Considerações Finais

As emissoras radiofônicas comunitárias devem permitir a participação, nos variados níveis, das pessoas residentes na comunidade e devem pautar aspectos relacionados à cultura e a vida social da população, priorizando os interesses comuns, contribuindo para a consolidação de uma comunicação plural, democrática.

Considerando os veículos radiofônicos que funcionam ou já estiveram em operação no Território Sertão do São Francisco, é possível dizer que tais características foram identificadas em alguns destes. Entretanto, de modo geral, há uma distorção do

¹⁹ Decreto que regulamenta o Serviço de Radiodifusão Comunitária publicado em 03/06/98.

entendimento da finalidade da radiodifusão comunitária. Esta problemática, na maioria dos casos não é proposital, mas decorre da carência de formação política e social, sobretudo, no processo de mobilização para instalar a emissora.

Nas entrevistas realizadas, percebemos que muitas das entidades que atualmente possuem a outorga para prestação do serviço de radiodifusão comunitária nas cidades do território, estão fincadas em interesses religiosos, políticos partidários ou lucrativos.

A ausência da formação ocasiona a existência de algumas rádios comunitárias de direito, mas que não configuram-se como tal na prática cotidiana. Conclui-se que a falta de sensibilização quanto ao uso deste instrumento em benefício do desenvolvimento local, através da conquista da cidadania, é um obstáculo na democratização da comunicação e da informação mesmo onde já existe meios de comunicação com este propósito.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Edson. **Liberdade de expressão das rádios comunitárias**. Brasília: Gabinete do deputado federal Edson Duarte (PV/BA), 2004.

LORENZON, Adriane. **Poder local no ar: municipalização das rádios comunitárias e fortalecimento de esferas públicas locais no Brasil**. Brasília: Abravídeo, 2009.

LUZ, Dioclécio. **Rádios Comunitárias: trilha apaixonada e bem-humorada do que é e de como fazer rádios comunitárias na intenção de mudar o mundo**. 2. ed. Brasília: Produção Independente, 2004.

NUNES, Vidal Márcia. **As rádios comunitárias nas campanhas eleitorais: exercício da cidadania ou instrumentalização (1998-2000)**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n22/n22a06.pdf> - Acesso em 12 de agosto de 2009.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação da construção da cidadania**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Mídia comunitária, liberdade de comunicação e desenvolvimento**. In: PERUZZO, Cicilia M.K. ALMEIDA, Fernando F. de. (Org). **Comunicação para cidadania**. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB; 2003. p. 245 – 260.

PERUZZO, Cicilia M. K. **rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento local**. Net, Rio de Janeiro, 2007. P. 69- 94. Disponível em: <http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/radio_comunitaria_educomunicacao_e_desenvolvimento_local.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2009.

TEIXEIRA, Elenaldo. **O local e o global: limites e desafios da participação cidadã**. São Paulo: Cortez; Recife: EQUIP; Salvador: UFBA, 2001.

5- Lexicografia catingueira em vozes do mato

Lauana Sento Sé Vieira SANTOS²⁰

Cosme Batista dos SANTOS²¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar resultados de uma pesquisa sobre o léxico e a lexicografia da cultura com base no livro *Vozes do Mato*, do escritor Esmeraldo Lopes. A obra contém narrativas sobre o cotidiano da vida na caatinga e as palavras que são trazidas em cada conto constitui um rico acervo do léxico catingueiro, ainda pouco valorizado na tradição lexicográfica brasileira. O pressuposto central do estudo é a pragmática lexicocultural (Galisson, 2002; Barbosa, 2009), ou seja, o léxico como um meio privilegiado de acesso à cultura. Além disso, o trabalho traz uma revisão sobre a representação do sertanejo na literatura, considerando os vários *sertões* contrastantes (Melo, 2006). Logo, o artigo pretende mostrar como a palavra é um elemento imprescindível para conhecer a cultura e, ainda, introduzir uma metodologia de estudos e conhecimento da cultura, através da lexicografia.

Palavras-Chave: Cultura; lexicocultura; Sertão; literatura.

Abstract

This article aims to present results of a research about the lexicon and the lexicography culture based in *Vozes do Mato* book, writer Esmeraldo Lopes. The book contains stories about the daily life in the caatinga and the words that are brought in each tale is a rich collection of catingueiro lexicon still unappreciated in Brazilian lexicographical tradition. The central presupposition of the study is pragmatic lexicocultural (Galisson, 2002; Barbosa, 2009), so, the lexicon as a privileged means of access to culture. Moreover, this work brings a review about the representation about the country people in the literature, considering the many contrasting with the sertão (Melo, 2006). Thus, the article intends to show how the word is an essential element to know the culture and also to introduce a methodology of study and knowledge of the culture through of lexicography.

Keywords: Culture; lexicocultural; Sertão; literature.

Résumé

Cet article vise à présenter les résultats des recherches sur le lexique et de la culture de la lexicographie basé à livre *Vozes do Mato*, de l'écrivain Esmeraldo Lopes. Le livre contient des histoires sur la vie quotidienne dans la brousse et les mots qui sont portés dans chaque conte est une riche collection de lexique de la nature, encore sous-

²⁰Estudante do 8º período de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios, pela Universidade do Estado da Bahia, Campus III. Historiadora pela Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, 2010. Email: lauanase@hotmail.com.

²¹Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia – Campus III. Email: cosmebs.santos@gmail.com.

évalué dans la tradition lexicographique brésilienne. La prémisses centrale de l'étude est la pragmatique lexicoculturels (Galisson, 2002; Barbosa, 2009), à savoir le lexique comme un moyen privilégié d'accès à la culture. En outre, le travail apporte une critique de la représentation de l'arrière-pays dans la littérature, compte tenu de ses nombreux arrière-pays contrastés (Melo, 2006). Ainsi, l'article vise à montrer comment le mot est un élément essentiel de connaître la culture et aussi d'introduire une méthodologie d'étude et la connaissance de la culture par la lexicographie.

Mots-Clés: Culture; lexicoculturels; Sertão; littérature.

Introdução

A cultura pode ser observada e acessada de diversas maneiras, dentre elas, a partir do universo lexical e da lexicografia relevante para uma comunidade ou para um determinado lugar. Com o intuito de tornar documentado e reacender a memória da cultura do semiárido baiano, o projeto “Estudos lexicográficos do semiárido baiano”, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, está atuando em duas frentes de investigação, a saber, o levantamento do universo lexical culturalmente relevante no semiárido e a produção de uma lexicografia cultural, tendo em vista a preservação de valores, crenças e costumes ainda não ou pouco considerada na tradição dicionarística brasileira. No âmbito do projeto, estão sendo desenvolvidos vários subprojetos em comunidades distintas, incluindo a proposta de investigação intitulada “O léxico da cultura catingueira na obra *Vozes do Mato* de Esmeraldo Lopes”, que visa documentar a cultura sertaneja através do acervo lexical recolhido nos contos da obra.

O objeto desta pesquisa, portanto, é o léxico catingueiro na obra literária *Vozes do Mato* (1992) do autor Esmeraldo Lopes, natural de Curaçá-BA. O autor que é pesquisador das raízes históricas e culturais da região do médio São Francisco, resgata em seu trabalho a identidade de um povo sertanejo/catingueiro e parte da memória social do campo. O livro lançado em 1990 é formado por 33 contos e dividido em três partes: *Coisas daqui*, *Coisas que vêm de longe* e *Progresso*. A primeira parte se refere “a uma época onde as ingerências do mundo exterior eram quase inexistentes (anos 40 a 60)”; a segunda parte se refere às influências exteriores, ou seja, aborda “o impacto de alguns elementos do mundo exterior, na vida da caatinga (década de 60 e 70) e, por fim, a terceira parte, que se refere às influências atuais, “pretende colocar em discussão a

localização do caatingueiro e da caatinga no atual contexto histórico” (Gonçalves, 1992, p. 07).

Do ponto de vista metodológico, trata de uma pesquisa documental e se desenvolve através da leitura do livro e da classificação das palavras encontradas. Para a análise dos verbetes foi necessário fazer a conexão com a carga cultural ligada ao léxico do sertão, ideia trabalhada pela autora Lúcia Maria de Assunção Barbosa (2009), no conceito de lexicultura, ou seja, uma união entre o léxico e a cultura, que compreende a cultura de um grupo ou local, através das palavras, a cultura entrelaçada ao falar e entender de um grupo.

Além disso, foi necessário um mergulho na história do Nordeste, nas divisões regionalistas e no surgimento das literaturas sertanejas ou regionalistas, realizado através da obra *A invenção do nordeste e outras artes*, de Durval Muniz de Albuquerque Junior (2009). Assim como, as teorias geográficas da região do sertão, uma região defendida por Adriana Melo (2006) como não cartografável, região de contrastes entre o belo e o feio, o seco e o cheio, entre outros.

Os artigos de Riccardo Greco (2009) e Albertina Vicentini (1998) também nos auxiliaram na análise do livro *Vozes do Mato*. Esses autores ponderam várias obras que tratam do sertão, criticando aqueles que reacendem o discurso negativo do Nordeste e do sertão, aumentando o estereótipo criado desde a colônia, e enaltecendo os escritores que ajudaram a melhorar a imagem deste sertão tão rico em cultura, história, autenticidade, e de seu espaço diversificado em clima e vegetação.

Essa pesquisa pretende mostrar a importância de estudar o léxico de obras como *Vozes do Mato*, que trazem arraigadas o cotidiano e a cultura de um povo. Esse é um livro genuíno com os dizeres do sertão, uma cultura diferenciada e única, que apesar de ter se modificado com o passar dos anos, se mantém viva em sua essência até os dias atuais.

Referencial teórico

O sertão desde o *descobrimento* do Brasil é idealizado de diversas maneiras, sendo-lhe atribuídos pontos positivos e/ou negativos. A princípio a divisão de território do Brasil era dada entre Norte e Sul, e sem especificar as características únicas dessas

regiões. O diferente era o que determinava a visão de um espaço e, automaticamente, criavam-se estereótipos de um lugar.

Os discursos regionalistas da segunda metade do século XIX caracterizavam-se “pelo seu apego a questões provincianas ou locais, já trazendo a semente do separatismo” (Albuquerque Jr., 2009, p. 60), mas no século XX há uma tentativa de se criar uma identidade nacional, no intuito de unir um povo e suprimir as diferenças. Mas isso acaba tornando os regionalismos mais visíveis, assim como suas diferenças.

E é no final do século XIX e início do século XX, que a literatura regionalista se faz presente para afirmar a brasilidade por meio da diversidade. A literatura sertaneja, por exemplo, trata de diversos fatores relacionados a esse universo, alguns de forma a destacar a cultura rica que faz parte do sertão, mas também algumas parecem enfatizar o sertão de maneira depreciativa.

A literatura do Nordeste, discutida por Riccardo Greco (2009) que surge do interesse de se criar a identidade nacional do país, torna a regionalização algo forte na região Nordeste, pela qual escritores ora criaram uma idealização do sertanejo herói, ora anti-herói. Alguns autores enfatizam o passado, enquanto que outros preferiram criar um personagem próprio para a região, o sertanejo.

Entre as características do sertanejo nos romances regionalistas trabalhados por Greco (2009), que exaltam o sertanejo como um herói, estão: o sertanejo com força física, resistência ao clima e vegetação, com coragem (Ex: *O Cabeleira*, 1876, de Franklin Távora). Muitos autores do final do século XIX e início do XX transformaram o sertanejo em herói, esse regionalismo foi uma forma literária que recebeu influencia do Romantismo.

Segundo Grecco (2009), quando o modernismo passa a fazer parte da literatura, esse discurso romântico e regional do sertanejo se modifica e se aproxima da realidade. E é nesse momento que surgem personagens que mais se importam com a própria sobrevivência e se assemelham a uma imagem “anti-herói”.

Vidas Secas (1938), de Graciliano Ramos, é uma das obras analisadas por Grecco (2009), que desconstrói esse discurso romântico-regionalista, concentrando-se na relação homem-região, e segundo o autor, é a partir dessa obra que surgem na

literatura, histórias que trazem os aspectos dados ao Nordeste, como a seca, cangaço, entre outros.

Dentro da literatura regionalista, existe a chamada literatura sertanista, em que a autora Albertina Vicentini (1998) aborda os problemas na aceitabilidade dessa conceituação dos críticos. Alguns desses problemas se resumem em que tanto a literatura sertanista quanto a regionalista “têm obtido sua denominação a partir da matéria sobre a qual escrevem – o sertão ou região – e não necessariamente a partir da forma com a qual escrevem o fato literário enquanto tal” (Vicentini, 1998, p. 41). Temas que sempre se referem ao sertão evidenciando características do espaço geográfico, paisagístico e socialmente delineando as regiões, como também costumes e culturas locais, entre outros. Criam-se e reutilizam-se estereótipos, o que torna muitos livros com histórias semelhantes umas das outras.

Segundo Vicentini (1998, p. 43) as obras que utilizam muitos estereótipos sem a devida crítica são cheias de signos, que não “procuram estabelecer um sentido político, social ou humano [...] ou dar-lhe uma dimensão histórica de nosso tempo, capaz de reestabelecer outros sentidos e significações, ponto nevrálgico das renovações da literatura”.

Essa visão representativa do sertão vem desde a época da colonização, em que o colonizador não levou em consideração a linguagem do colonizado. Onde podemos observar na etimologia da palavra “sertão”, exposta por Vicentini, em que o adjetivo *certum* da expressão *domiciliumcertum* e a forma em português arcaico *certão*, “pode haver contagiado a significação (não a forma) de *desertanum* como ‘lugar incerto’, *sertão*, vocábulo que aponta sempre para um sítio oposto e distante de quem está falando” (Vicentini, 1998, p. 45).

Mas além da etimologia o sertão carrega em si diversas significações, sejam elas científicas ou populares. O conceito geográfico que foi trabalhado, também vem da época da colonização do Brasil, em que o sertão passou a designar toda a área que se estendia além do mar, tudo que fosse o interior (Melo, 2006). Assim como “longínquo, selvagem, incivilizado (...) rico, isolado, sem lei, deserto, áspero, árido, pobre” (Melo, 2006, p.87).

Apesar desses estereótipos, tanto encontrados na literatura sertaneja ou regionalista, o sertão continua designando algo complexo e diversificado, que está em todos os lugares, um lugar difícil de determinar um espaço, rico em clima, vegetação e cultura.

A geógrafa Adriana Ferreira de Melo (2006) defende a ideia de que o sertão não é cartografável, não é um lugar em que se pode definir no mapa, pois existem muitas significações, mapeá-lo seria “contradizer a natureza ambígua, fugidia, descontínua, inconclusa, movediça, transitória” (Melo, 2006, p. 87). A não ser que se imagine um mapa metafórico, do qual é possível desenhar e redesenhar. Sua defesa é inteiramente de um sertão diversificado, multiplicidade em lugares, paisagens, territorialidades e significações.

O escritor Guimarães Rosa expressa esse pensamento da Adriana Melo, o qual ela utiliza como exemplo de que o sertão não é passível de mapeamento, pois segundo a autora, Rosa em seu livro *Grande Sertão: Veredas*, “recria o sertão a partir da mistura de uma geografia e uma história ‘reais’ e ficcionais” (Melo, 2006, p. 90). Em sua história, mostra um sertão ora pobre, ora rico, ora verde, ora seco, um sertão de contrastes, onde pode ser encontrado o belo e o feio, e ainda assim continuará sendo sertão, nas suas várias facetas e características. “Preencher com relevos de significação a palavra-espaço sertão é refletir sobre aquilo que é feito de mistura, da ambiguidade, do paradoxo” (Melo, 2006, p. 102).

No livro *Vozes do Mato* (1992) essa identificação sertaneja é forte, além disso, Esmeraldo Lopes traz contribuições no sentido de afirmar a definição de uma cultura catingueira no lugar de semiárido, ou seja, busca construir através de sua produção narrativa e descritiva, quase fotográfica, uma afirmação da cultura catingueira. Então, no lugar de conceitos genéricos, abstrações vagas, como sertão, semiárido, o autor insiste na cultura catingueira e, em seu livro, especialmente, no capítulo que trata do tópico “Coisas daqui”, o autor retrata, no sentido mais fotográfico da palavra, os elementos que sustentam essa afirmação, a identidade do vaqueiro, os seus modos de vida, as cidades, etc.

Ao ler e analisar o livro *Vozes do Mato*, diante de tantas outras obras que muito fala do sertão, percebemos que a literatura tem um papel muito importante no processo de divulgação da cultura sertaneja, e é a partir dessa análise que o conceito de

lexicultura se faz presente. Esse é um conceito trabalhado por Lúcia M. A. Barbosa (2009), proposto por Robert Galisson (1987), como um meio de acesso às culturas e, em seus estudos, defende a importância de se estudar as palavras para além dos signos, de trazer as concepções culturais das palavras para a compreensão real delas. Para Barbosa (2009, p. 31), o léxico é a unidade da língua que permite emitir e compreender os significados da cultura, afinal ao léxico estão ligados aspectos “cognitivos, sociais e culturais de uma língua”.

Por este motivo, as palavras trazem em si uma carga cultural muito grande que reflete diretamente na identidade cultural de uma sociedade através da língua e essas concepções culturais das palavras são compartilhadas dentro de uma sociedade. Nisso está configurado o conceito de lexicultura como o estudo do léxico implicado na realidade cultural, ou seja, a palavra como material linguístico implicado na realidade cultural investigada.

Segundo Barbosa (2009, p. 33). alexicultura “mostra-nos a singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada em uma língua, (...) o léxico é o nível de descrição linguística mais diretamente ligada à realidade extralinguística”. Esse termo vem da união das palavras léxico e cultura, a primeira que nos remete ao conjunto de palavras de uma língua, e a segunda, “conjunto de manifestações por meio das quais se expressa o cotidiano de um povo” (Barbosa, 2009, p. 33). Ao fazer o estudo no léxico e pelo léxico, o aprendiz em outra língua compreende melhor seu significado além de conseguir alcançar a cultura por trás das palavras.

Nem todas as palavras possuem um significado além daquele disponibilizado nos dicionários, mas as que possuem são conhecidas por *palavra com carga cultural compartilhada (CCC ou CCP)*, que consiste no valor acrescentado ao léxico, “que é conhecido e compartilhado entre os membros pertencentes a uma cultura e constitui fator de aproximação e de reconhecimento mútuo” (Barbosa, 2009, p. 34). Palavras que pertencem ao patrimônio coletivo, muitas delas são mobilizadas mais pelo significado do que pelo significado do signo.

O que importa nesse estudo é em como essas palavras evocam esse dado cultural e coletivo, é ir além do significado. Essas palavras podem evocar imagens, produtos, lugares, costumes, crenças, superstições e até mesmo comportamentos e regras de conduta. No livro, “Vozes do Mato, em especial, na primeira parte que se refere às

“Coisas daqui”, veremos como, ao lado de uma construção de imagens da cultura catingueira, há igualmente o esforço da seleção lexical em que essas imagens estão refletidas com uma carga cultural compartilhada entres os povos da caatinga.

Metodologia

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho é a pesquisa bibliográfica e documental, e consistiu na análise e coleta de dados na obra literária *Vozes do Mato* e leituras teóricas que ajudaram a compreender o cenário e cultura do sertão. Essas leituras foram realizadas nos primeiros meses da pesquisa e consistiram em assuntos tais como: os múltiplos conceitos de sertão sendo ele geográfico, histórico ou/e cultural, a literatura sertaneja, e os conceitos de lexicografia e lexicultura, que se aplicam ao objeto de pesquisa estudado.

A partir da leitura dos contos da obra *Vozes do Mato*, os verbetes foram sendo selecionados e organizados em uma ficha lexicográfica, divididos em colunas com: o significado da palavra a partir do livro, sua classificação gramatical, gênero da palavra, o contexto que traz um exemplo do uso da palavra em uma frase, retirada do próprio livro e o significado encontrado nos dicionários oficiais, aceitos pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura), como: o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, de Francisco da Silveira Bueno e o Aurélio versão eletrônica.

Esse levantamento lexical foi importante para o estudo lexicultural e etnolexicográfico da pesquisa. Os critérios de seleção das palavras foram feitos de acordo com a nossa concepção do que caracteriza o povo catingueiro, independente do mesmo verbeito já fazer parte de outros lugares e contextos brasileiros.

Resultados Alcançados

O resultado deste trabalho de pesquisa consiste na confecção e publicação do glossário piloto, enquanto produto final realizado a partir de leituras e estudos relacionados à lexicultura e ao sertão, com verbetes selecionados da obra literária *Vozes do Mato*, que pretende auxiliar na construção da identidade regional além do ensino na cultura sertaneja.

O glossário tem 342 verbetes distribuídos em ordem alfabética e estão organizados com classificação da palavra, significado e exemplo. Cada item do quadro de classificação das palavras foi pensado em como esses verbetes deveriam ser distribuídos e explicados num dicionário alternativo. Essa classificação foi definida após leituras e estudos realizados em grupo, chegando à conclusão que os dicionários oficiais nem sempre abrangem os significados de cada região a determinadas palavras. Afinal, ao acrescentar a compreensão cultural da qual o verbete faz parte, facilitaria o processo de ensino-aprendizagem dentro do Brasil, ou fora dele, como língua estrangeira, ao inserir o aprendiz ao cotidiano e à cultura de uma sociedade.

Os verbetes estudados carregam toda a carga cultural relacionada ao sertão, pois além de nos apresentar novas palavras, o livro nos revela uma cultura contada através do cotidiano, encontrado em suas páginas. Uma história contada na experiência de vida de um autor, que também na saudade, resolveu registrar tudo que viveu em sua infância e nas histórias que ouvia.

Entre verbos, substantivos, adjetivos, expressões e etc., o livro traduz um falar diferente e ao mesmo tempo semelhante ao restante do país. O Brasil, país tão miscigenado em raças, também se mistura em línguas, expressões, palavras. Muitas delas não são muito diferentes nas significações como *futucar*, *acudir* e *acocorar*. Em alguns lugares somam mais significados, e os verbetes não são desconhecidos. Já o adjetivo *ideiado* e os substantivos *homaiadae lordezasão* palavras que já tem diferenciações com o falar “brasileiro”. Palavras que já trazem um significado singular com o falar sertanejo e catingueiro. A análise realizada é baseada nas palavras catalogadas, e na história por trás de cada signo.

Ricos? Lá, lá na rua, no prosear das calçadas, tem. São poucos, mas vivem no folgar da vida, botando vaqueirice para cuidar do criatório. Ficam lá, esperando pelo governo. Não gostam da vida de labuta, não. Gostam é de lordeza, conforto, comida boa... Esse negócio de roupa bonita e macarrão todo dia não é coisa de quem labuta. No tipo de vida que a gente tem, não cabe enfeite, nem de barriga, nem de embelezamento. Só tem lugar para decência. Quem inventa de imitar os ricos da rua só faz é acabar o criatório e cair na pindaíba. (Gonçalves, 1992, p. 18).

Seguem alguns verbetes com exemplos retirados da obra *Vozes do Mato*:

- **BURRAGEM:** substantivo feminino 1. Cometer um erro. 2. Burrice. “O cão de rabo abanando é doido pra alguém fazer burragem” (p. 14).
- **CAVUCAR:** verbo 1. Futucar, mexer. “Todo o gado cheira o couro, todo o gado começa a cavucar o chão, todo o gado começa a berrar” (p. 38).
- **CURCUVIADO:** substantivo masculino 1. Curvas. “A estrada estirada, cheia de curcuiado com altos e baixos, mais parece uma cobra andando” (p. 26).
- **ESPINAR:** verbo 1. Sair de modo estabonado, saltar fugindo de uma situação. “As ovelhas espinam porteira a fora, enquanto o vaqueiro faz a arrumação e as toca na direção certa da estrada do seu lugar” (p. 22).
- **GROZAR:** verbo 1. Esfregar. 2. Roçar. “Tem a zuada das galhas se grozando, mexidas pelo vento” (p. 29).
- **HOMAIADA:** substantivo feminino 1. Grupo de homens. 2. Muitos homens juntos. “A homaiada, no terreiro, ajeita os animais tirando-lhes os arreios, levando-os para o peador” (p. 20).
- **LORDEZA:** substantivo feminino 1. Estado ou condição de quem é lorde. Uma pessoa que tem lordeza é uma pessoa que gosta de viver no luxo. “Tem uns que não gostam da vida de labuta não. Gostam é de lordeza, conforto, comida boa [...]” (p. 18).

Considerações Finais

A cultura é a alma de uma sociedade ou grupo. Pois ela retrata toda uma história de uma vida anterior às nossas, que vem de nossos antepassados e é passado de geração a geração. A cultura nos molda, transforma quem somos, e os que pertencem ao mesmo grupo têm algo em comum, nem que seja o amor pela sua terra e tradições.

Ao longo deste trabalho foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa e quantitativa, através do acervo e objeto de pesquisa, o livro *Vozes do Mato*. Nesse trabalho foi possível interagir com outros autores que muito discutiu sobre o sertão, a literatura, a lexicografia e a cultura. Conteúdos que muito se relacionam com o objeto,

já que o mesmo, através da literatura e das palavras, traz toda a cultura enraizada de um povo sertanejo que sobreviveu até mesmo ao chamado "progresso" da sociedade.

A linguagem é um elemento cultural forte, que define e une mais ainda uma sociedade. Ao trabalhar com os verbetes, podemos concluir que eles são muito fortes culturalmente, pois as palavras também retratam o cotidiano de um povo, e o verbeito vai desencadeando toda uma história de vida que faz parte da realidade de quem vive, nesse caso, na zona rural do sertão. E podemos usar como exemplo, o substantivo *curcviado*, que não possui no dicionário oficial do Aurélio e que significa “curva”, ou do adjetivo *ideiado*, em que a definição se refere a uma expressão, adjetivando dessa maneira os bois difíceis de serem pegos, ou um “boi enfeitado”. É por isso que o conceito de lexicultura é o principal utilizado nesta pesquisa, pois compreende toda a complexidade por trás das palavras que estão sendo analisadas.

Ao final deste trabalho foi realizada a catalogação, análise e investigação dos significados de 342 verbetes que compõem o *Glossário Vozes do Mato*. A conclusão de todo o trabalho se dará com a publicação oficial desse glossário, que tem o intuito de apresentar à comunidade acadêmica uma nova alternativa de dicionário, que servirá para consultas e aprendizado, para a comunidade, estudantes de todos os segmentos, e professores. Esse produto também abre discussões sobre essa nova conceituação de caatinga em detrimento da conceituação de semiárido. Esse glossário tem o intuito de agregar os significados de cada signo referente ao sertão, caracterizando-o e trazendo seu significado cultural, que é o mais importante.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. São Paulo, 5ª edição, Cortez Editora, 2009.

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59812>. Acesso em setembro de 2013.

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. Figurações identitárias e culturais do Brasil em letras de canções sob a perspectiva de falantes de outras línguas. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural*. Alagoinhas, Universidade do Estado da Bahia, 2012. Disponível em: <http://www.poscritica.uneb.br/revistaponti/arquivos/volume2-n2/12.FIGURACOES-%20IDENTITARIAS-E-CULTURAIIS%20-vol2-n2.pdf>. Acesso em novembro de 2013.

GRECO, Ricardo. O sertanejo no sertão-mundo. *Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura, Baleia na Rede*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em:

http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/6a_o_sertanejo_no_sertao_mundo.pdf. Acesso em agosto de 2013.

GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. *Vozes do Mato*. Juazeiro, 1992.

MELO, Adriana Ferreira de. *Sertões do mundo, uma epistemologia*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

MELO, Adriana Ferreira de. Imagens do Sertão em Grande Sertão: Veredas. In: _____. *O Lugar-Sertão: grafias e resuras*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006, cap. 3, p. 86-121.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. *Revista de pesquisas e debates em ciências sociais, Sociedade e Cultura*. Goiás, Universidade Federal de Goiás, 1998. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1778>. Acesso em agosto de 2013.

6-Complexidades no semiárido baiano: novos significados sobre o território nos municípios de Uauá e Canudos

Cecílio Ricardo de Carvalho Bastos
Márcio Pedro Carvalho Pataro de Queiroz
Wilson Viana de Sousa

Resumo

Este relato é resultado das discussões ressaltadas durante o componente Produção da Existência nos Territórios Semiáridos, oferecido pelo Programa de Mestrado Multidisciplinar em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA/UNEB), ministrado pelos professores Dr^aLuzineide Dourado Carvalho e Dr^o Manoel Abilio de Queiroz. Contempla uma visita de campo à Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá(COOPERCUC), com sede em Uauá e que desenvolve trabalhos de beneficiamento ecológico das frutas da caatinga como o umbu e o maracujá do mato. Também a visita ao município de Canudos, onde foi possível observar o cenário da guerra e outras experiências de organização coletiva que surgem, além das ações da ONG Biodiversitas, responsável pelo programa de conservação da arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*). Converte com as vivências a partir de um entrelaçamento entre o olhar empírico e os diálogos teóricos, proporcionando a oportunidade de perceber a existência de diferentes associações de atores preocupados em estabelecerem uso racional dos recursos da região semiárida.

Palavras-chave: Cultura. Territorialidade. Semiárido. Caatinga. Conservação.

Apresentação

O Programa de Mestrado Multidisciplinar em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), instalado no Departamento de Ciências Humanas (DCH-III), da Universidade do Estado da Bahia, é um espaço de formação acadêmica voltado para capacitar pesquisadores dos contextos regionais, da cultura dos povos, além de abordar formas de comunicação que sejam capazes de reconhecer e valorizar as práticas do semiárido, isto é, ressaltá-lo rompendo com os estereótipos que historicamente são construídos sobre esta região. Desta forma está cumprindo com a missão de contribuir para o desenvolvimento do território, analisando e incrementando as potencialidades disponíveis. Também está preocupado com o convívio dos povos e comprometido com uma emancipação consciente dos saberes.

Introdução

A possibilidade desta visita técnico-acadêmica realizada no mês de junho do ano corrente comprovou ser um tipo de estudo bastante favorável para observação das práticas cotidianas e às atuações de seus atores nos contextos analisados. A saber: Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (COOPERCUC), Parque Estadual de Canudos, Memorial Antônio Conselheiro e do Parque das Araras, o que nos permitiu associar a teoria apreendida em sala de aula às técnicas e os conhecimentos populares aplicados às limitações naturais e climáticas desses municípios.

A verificação *in loco* de ações desenvolvidas nos municípios baianos de Uauá e Canudos foi de extrema importância para

possibilitar o reconhecimento empírico da biodiversidade da caatinga, das ambiências geográficas estabelecidas na relação sociedade e natureza semiárida; observar, apreender e analisar a produção de novos significados que as comunidades rurais e urbanas do Sertão do São Francisco estão elaborando sobre seu território e reinventando a produção simbólica, econômica e técnica da existência na semiaridez (CARVALHO, 2015, s.p.).

Visitar áreas que já desenvolvem práticas que se sobressaem entre as diversas resistências e enfrentamentos às desigualdades é para nós acadêmicos uma resposta aos questionamentos levantados durante as reuniões das linhas de estudo e uma maneira de expandir o reconhecimento territorial para a construção de verdades. Enquanto pesquisadores em ampla formação, buscamos vincular o conhecimento teórico ao conhecimento prático, e suas associações no coletivo, por meio da participação ativa de toda a turma que integra o programa junto aos espaços visitados. Experiência de grande relevância, já que se trata de um curso que está voltado para pensar a cultura local, outras visibilidades, a diversidade de ações e projetos, sem perder de vista o diálogo com os conhecimentos populares que possam contemplar a discussão da convivência com o semiárido.

Em visitas assim é possível observar o ambiente em pleno funcionamento de suas dinâmicas, além de ser possível verificar as organizações e identificar discussões teóricas convergentes, com a expectativa de subjetivar desdobramentos intrigantes. Durante a visita foram observados, sobretudo, os seguintes aspectos:

- políticas públicas voltadas para o uso e acesso da água;
- produção agroecológica;
- educação contextualizada com o semiárido;

- patrimôniocultural das comunidades;
- conservação da biodiversidade da região;
- movimentos sociais e institucionais envolvidos;
- tecnologias dimensionadas ao semiárido;
- paisagens circunvizinhas de Juazeiro-BA.

Também foi possível perceber manejos sustentáveis na natureza semiárida e formas de gestão e organização comunitária, cooperativada e empreendida sob a lógica da convivência e da economia solidária. Isso confirma as hipóteses de que outra economia é possível a partir dos princípios da produção coletiva de pequenos empreendimentos agrícolas. Neste relato estão evidenciadas as práticas de vivências observadas, analisando os percursos estratégicos sociais e econômicos que se vinculam a outras áreas importantes para o desenvolvimento da comunidade e movimentos emancipatórios de povos que buscam a revalorização do saber tradicional.

Consequentemente, a leitura de semiárido passa a ser redimensionada. Ele passa a ser o território das possibilidades de práticas, vêm à tona as ideias do desenvolvimento integrado e sustentável, que vai se efetivando aqui e ali, através da agroecologia; das cisternas familiares de captação das águas de chuva nos telhados, garantindo água de chuva para o consumo humano e também visando a produção; barragens subterrâneas; cisterna na roça; associações de fundo de pasto; produção de caprinos e ovinos; apicultura etc, e todos baseados na agricultura familiar e na busca de segurança alimentar e nutricional. Essas novas formas de produzir no semiárido e consequentemente, de viver e de se planejar, possibilita sutilmente abrir caminhos para emergência de uma nova racionalidade. (CARVALHO, 2006, p. 35)

As experiências da Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá(COOPERCUC) e do Fórum de Canudos, articulados em organizar toda a produção e comercialização, acesso a políticas públicas e capacitação dos produtores, além do Parque Estadual de Canudos, do Memorial Antônio Conselheiro e do Parque das Araras, constituem exemplos contundentes que contrariam perspectivas midiaticizadas pelas transmissões massivas.

Reinventando o semiárido: o surgimento de novos significados sobre os fios da história

Região secular que engloba uma área com mais de 5.000 km², os municípios de Uauá e Canudos estão localizados no extremo norte da Bahia, semiárido do Brasil. Foi

rota estratégica dos desbravamentos e vultos históricos revolucionários do país, especificamente marcada pela tão conhecida Guerra de Canudos. Com a paisagem predominantemente rural, ainda que a área urbana aglomere uma parte considerável da população, encanta turistas e tem buscado o desenvolvimento da economia local com foco em uma nova dinâmica alicerçada pela sustentabilidade ambiental, geração de renda compartilhada e qualidade de vida. Iniciativas atreladas a métodos agroecológicos que buscam amenizar os impactos sobre a biodiversidade e estimular o constante desenvolvimento de inovações que revigoram a cultura em torno do manejo de plantas típicas da região.

Sobre tais aspectos, cabe ressaltar o potencial de regiões semiáridas como esta, ambiente propício para o incremento de pesquisas e projetos com foco na valorização da biodiversidade local, já que, historicamente, o semiárido brasileiro foi alocado como o lugar do atraso e, por muito tempo, foi disponibilizado recursos e investimentos sem a discussão e planejamento prévio com a população. Essas manobras contribuíram para o surgimento de empreendimentos agrícolas desconectados com a realidade local. Percepções facilmente identificadas nos discursos dos membros do Fórum de Canudos, que não aceitam mais que suas reivindicações sejam tratadas à distância, somente por lideranças oficiais, mas que eles próprios estejam encaminhando suas proposições e estabeleçam acesso às políticas demandadas, assim como suas intervenções nas aplicações e melhorias em pró de suas atividades de subsistência, principalmente em zonas rurais sejam acolhidas.

Outras imbricações preocupantes persistem; como o trânsito migratório. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até 2010, os dois municípios somam apenas uma população estimada de 40 mil habitantes. Assim como em outras cidades do território nacional, também sofrem com um tipo de urbanização dispersa, isto é, aglomerados de moradias surgem longe do centro da cidade e se espalham de diferentes formas. Essa dispersão já parece demonstrar consequências, principalmente nas áreas desprovidas de planejamento urbanístico: distribuição desordenada do solo, saneamento precário, vias intransitáveis, proliferação de insetos, má qualidade dos serviços de água e energia elétrica, etc. Isso tudo acaba gerando bolsões de miséria dentro de uma legislação obsoleta que não demonstra importar-se tanto com tais problemas.

“O Sertão traz consigo as marcas do processo colonizador das terras brasileiras, refletindo a linguagem do outro, do civilizado” (CARVALHO, 2014, p. 44). E em

conjunto com toda essa dificuldade de organização, surgem os diversos argumentos da inviabilidade para a implantação de mecanismos culturais que envolvam a população, sobretudo as camadas menos favorecidas. Entre os argumentos surgem a falta de estrutura física, de segurança, de salubridade, de transporte, de educação, de aceitação e tantos outros discursos incabíveis e desprovidos de capacidade crítica voltada para o desenvolvimento dos municípios como forma de emancipação e construção humana.

Pelos caminhos sinuosos de Uauá-BA e Canudos-BA, na luz de uma cartografia plana, a subjetividade do coletivo se apresenta confusa e ao mesmo tempo difusa entre preconceitos e estigmas característicos de uma população massificada. Por outro lado, ações mais recentes, ainda que pontuais, alinhadas a alguma frente de conscientização do que seja o Semiárido e potencializando os saberes acumulados pelos povos, têm propiciado a diversificação das propostas culturais vigentes e o alavancamento de planos compatíveis com as particularidades de uma extensa camada dessa região.

Identificar mudanças de atitudes, comportamentos e valores na relação homem-mulher-natureza, ou seja, visualizar as formas destes em lidar no semiárido, em seus diferentes espaços, seja no rural ou urbano, que não serão apenas conformados a partir do novo discurso da convivência, mas conformado no dia-a-dia, no conhecimento elaborado pelo cotidiano da vida nesse ambiente e este sendo o lugar de gênese da convivência e das experiências cotidianas, processando dinâmicas através das quais os sujeitos se movem na e para a convivência. (Carvalho *apud* Lopes, 2014, p. 98)

Ideias e provocações que se transformaram em ações

Nossa primeira visita foi à cidade de Uauá-BA, com a parada na Cooperativa Agropecuária Familiar da Canudos, Uauá e Curaçá (COOPERCUC). Organização que atualmente conta com 249 integrantes, envolvendo mais de 500 famílias, e dispõe de uma unidade agroindustrial destinada ao aproveitamento (produção de doces, geléias e outras especiarias) das frutas nativas, sobretudo o umbu. Com a necessidade de otimizar a extração e reduzir os desperdícios do umbu é que surgiu essa unidade de beneficiamento, graças ao apoio das pastorais da igreja católica e organizações de promoção do



Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá.

desenvolvimento e de defesa da agricultura familiar. Outra estratégia interessante foi a descentralização das unidades de beneficiamento em cozinhas comunitárias distribuídas pela zona rural dos municípios de Uauá, Canudos e Curaçá.

Em 2003 inaugurou seu acesso às políticas públicas com a venda de produtos para o Programa de Aquisição de Alimentos do Governo Federal. Em 2005 alcançou o mercado externo exportando produtos derivados do umbu para a França. Já entre 2007 e 2008 adquiriu a certificação orgânica para o mercado nacional e europeu. Ainda em 2008 realizou exportações para a Áustria. De acordo com a informação dos cooperados, atualmente as atividades de exportação encontram-se suspensas.

Parque Estadual de Canudos

O Parque Estadual de Canudos fica situado exatamente no local que abrigou a comunidade de Conselheiro e que foi palco das sangrentas batalhas contra as forças do governo. Muito bem cuidado e sinalizado, o parque impressiona por diversos fatores que merecem atenção. Os vestígios de tão distante guerra (1897) ainda estão ali presentes, espalhados pelo chão, dispersos nas fotografias, nos pontos referenciais, nas estradas, etc. Dessa maneira, a passagem do tempo parece encurtada. A força do conflito ressoa com mais potência em mentes e corações.



Pelas trilhas da caatinga, contemplou-se uma exposição permanente de fotografos renomados, que se dedicaram ao registro da região e da sua população, espelhando sempre aspectos do conflito, e que, ampliadas em tamanho grande, foram afixadas e expostas em placas de vidro temperado que emergem do chão árido e proporcionam a sensação de que a terra se move com as fotografias para contar uma

história que não pode ser esquecida e nem silenciada. Distribuída em vários pontos do parque, a exposição contribui para a aura de magia que emana do lugar. Ainda dentro da área, é possível conhecer as ruínas de uma igreja remanescente da Canudos Nova, mas que estava submersa desde 1969 e que, desde então, reaparece apenas em períodos de grande seca (CANUDOS, 2015).

Sob a responsabilidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e coordenado pelo professor Luiz Paulo Neiva e outros docentes da instituição, o projeto se constitui como uma frente de apoio para o desenvolvimento de ações e projetos no município de Canudos-BA. É um exemplo de resistência da memória sertaneja e mecanismo catalisador do orgulho sobre um dos eventos mais marcantes da história. Com todo este arcabouço que aproxima o visitante, pesquisador, cenário histórico e contemporaneidade, o que não pode deixar de ser considerado é que este lugar, que por muito tempo ficou esquecido pela própria insalubridade demarcada por uma paisagem construída sob derramamento de sangue, foi ocupado tempos depois por uma instituição pública de ensino, pesquisa e extensão que cumpre uma função primordial de valorização do espaço. Movimento marcante que desbrava vias contrárias de outrora, quando as forças políticas do Estado desencadearam um genocídio sem precedentes. Neste aspecto, acreditamos que a UNEB, enquanto aparelho do Estado, se posiciona agora como parceira, propondo ações e extrapolando os registros históricos.

Memorial Antônio Conselheiro

O Memorial Antônio Conselheiro (MAC) é um repositório das relíquias da Guerra de Canudos e coleciona um acervo de plantas catalogadas e descritas por Euclides da Cunha no livro “Os Sertões”. Compõe o Memorial equipamentos importantes para o município como biblioteca, museu, laboratório de arqueologia, sala de projeção, teatro, auditório, expositores e um jardim de plantas típicas.



Ponto de encontro para importantes discussões, como o Fórum de Desenvolvimento Local Sustentável, com mais de 60 instituições vinculadas, promove a potencialização da integração dos principais interesses da comunidade e doa para esta última o poder de decisão acerca das ações a serem implantadas. Neste sentido, articula e direciona as discussões, sobretudo em torno da piscicultura, agricultura familiar, educação e outras dimensões para o desenvolvimento local.

ONG Biodiversitas: programa de conservação da arara-azul-de-lear

Canudos-BA ainda é uma excelente opção para o turismo ecológico. O Parque das Araras, uma reserva biológica situada nos arredores da cidade, se destaca da paisagem, uma vez que é composta por uma série de morros com paredões de cor avermelhada



que emergem do solo. A reserva é um dos raros lugares onde ainda é possível avistar a arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*), espécie ameaçada de extinção e que tem atraído a atenção de turistas e pesquisadores de todo o mundo. Atualmente tem uma população estimada em apenas 1.500 unidades.

A ONG administradora do parque, a Biodiversitas, tem sede em Minas Gerais e recebe apoio financeiro de outros países. Possui um quadro de funcionários nativos e convive em harmonia com os últimos residentes da área preservada. O acesso só é possível com agendamento prévio e a circulação pelo parque é controlada e restrita a veículos adaptados, com a autorização dos responsáveis pelo lugar, mas ainda assim é possível chegar bem perto, percorrer trilhas e subir morros que proporcionam lindas vistas num final de tarde que acentua os tons quentes do lugar.

Considerações finais

A contribuição significativa dessa experiência, do ponto de vista acadêmico, possibilitou vivenciar as práticas interativas do território aliadas ao contexto de sustentabilidade. Inserido na região baiana de Uauá e Canudos, onde a economia

predominantemente é alicerçada na agricultura familiar, esse relato reflete uma descoberta provocativa e fascinante. As visitas permitiram observar que as teorias compartilhadas nas aulas do componente Produção da Existência nos Territórios Semiáridos não estão apenas no campo da epistemologia externa aos nossos contextos, mas, sobretudo impregnada na práxis das paisagens contempladas.

A contextualização ao adentrar os programas e práticas da “Convivência” proporciona aos sujeitos reconhecerem sua mundaneidade e territorialidade e ressignificar todo um conjunto de nós e redes que os ligam do local ao mundo. Em uma tomada de consciência intencional, novas e outras saídas e alternativas surgem e potencializam os sertanejos e sertanejas ao enfrentamento das problemáticas socioeconômicas e vislumbrarem perspectivas para produção e sua existência na semiaridez. (CARVALHO, 2014, p. 55).

Incorporados nessas paisagens, tornou-se possível destacar, também, o conhecimento popular desenvolvido a partir da vivência de seus moradores. Saberes que tem convergido com o conhecimento técnico promovido pelas parcerias, resultando ações em prol da coletividade.

Todas as práticas vivenciadas contribuem para reforçar as lutas contra as desigualdades, motivam o surgimento de novas ações e geram outros desafios, mas que, agora, encontram indivíduos mais conscientes e preparados para enfrentar as necessidades surgidas nessa ecologia complexa.

Referências

CANUDOS. Conheça o Sertão. **Viva o Sertão**. Petrolina (PE), 22 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.vivaosertao.com.br/index.php/experiencias/item/53-canudos>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

CARVALHO, Luzineide Dourado. Os processos contemporâneos de ressignificação da mundaneidade no sertão semiárido. In. CARVALHO, Luzineide. D.; SENA, Rosiane. R.; MARQUES, Juracy. (Orgs.). **Itinerários e contextos: reflexões em educação e convivência com o semiárido brasileiro**. Juazeiro: NEPEC-SAB, 2014. P. 43-57.

_____. A emergência da lógica da convivência com o semiárido e a construção de uma nova territorialidade. In. Secretária Executiva da RESAB. **Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro: reflexões teórico-práticas**. 2. Ed. Juazeiro – BA: SeloEditorial- RESAB, 2006.

_____. **Roteiro-visita.doc**, Juazeiro (BA), 17 mai. 2015. 1 arquivo (203 quilobytes).

LOPES, Maria Letícia. Educação contextualizada voltada para a realidade dos sujeitos que vivem no semiárido. In. CARVALHO, Luzineide. D.; SENA, Rosiane. R.; MARQUES, Juracy. (Orgs.). **Itinerários e contextos: reflexões em educação e convivência com o semiárido brasileiro**. Juazeiro: NEPEC-SAB, 2014. P. 97-105.

MALVEZZI, Roberto. O desafio das cidades no Semiárido Brasileiro. **EcoDebate**, Mangaratiba (RJ), 18 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2013/12/18/o-desafio-das-cidades-no-semiarido-brasileiro-artigo-de-roberto-malvezzi/>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

QUEIROZ, Márcio P. C. P. de. **Imagens capturadas durante as visitas**. Fotografias, color.

7-Urbanidades e ruralidades no semiárido da Bahia: o olhar de um grupo de pesquisa da UNEB

Celso Antonio Favero²²

Resumo

Propõe-se, neste trabalho, dialogar sobre a produção científica do grupo de pesquisas “territórios, hegemonias, periferias e ausências”, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O rural do Semiárido da Bahia, o campo e o camponês dessa região, são o sujeito e o chão das pesquisas do grupo. Olhando para este chão, com ele e através dele, olha-se para a cidade, o urbano e as "urbanidades" dos urbanos. Nessas pesquisas e através delas tenta-se conhecer o lugar dos rurais camponeses do semiárido nordestino num universo social onde o urbano se impõe, esconde e apaga a não cidade, produzindo uma situação de fronteira. Após a apresentação do contexto e da prática de pesquisa, esboça-se, neste trabalho, a definição dos conceitos que estruturam o pensamento e a prática do grupo, com a finalidade de evidenciar algumas das nuances que formam, inclusive, o olhar para a cidade e sobre a cidade, o urbano e a urbanidade; olhar que se traduz, hoje, no Brasil, na percepção de um enorme déficit de urbanidade na relação do urbano com o rural. Ressalta-se, nessa perspectiva, a forte contradição que permeia a relação entre o urbano e a urbanidade e que transforma o rural camponês dessa região em não lugar, em insignificante, desmanchando-o e retirando-o do mundo dos sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanidade, Território, Situação de Fronteira, Campesinato

URBANITIES AND RURALITIES IN BAHIA'S SEMI-ARID THE PERSPECTIVE OF A UNEB'S RESEARCH GROUP

ABSTRACT - It is proposed in this paper to discuss about the scientific production of the research group "territórios, hegemonias, periferias e ausências" of the Universidade do Estado da Bahia (UNEB). The rural of Bahia's semi-arid, the countryside and the peasant of this region are the subject and the field of the group's research. Looking at this field, with it and through it, we look at the city, the urban and the "urbanities" of the urban population. On those researches and by them we try to know the place of the peasant rural population of the northeastern semiarid in a social universe where the urban imposes itself, hides and erases the non-city, creating a border situation. After the presentation of the context and research practice, it is outlined in this paper the definition of the concepts that structure the theory and practice of the group, in order to highlight some of the nuances that elaborate, also, the conception of the city and about the city, the urban and the urbanity; conception that translates today in Brazil in the perception of a huge deficit of urbanity in the urban's relationship with the rural. It is noteworthy, in this perspective, the strong contradiction that permeates the relationship between the urban and the urbanity and that transforms the peasant rural population of this region in non-place, insignificant, undoing them and removing them from the world of sense.

²² Doutorado (PhD) em Sociologia pela Université du Québec à Montréal (UQAM), Professor na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e membro do “Grupo de Estudos e Pesquisa Territórios, Hegemonias, Periferias e Ausências”. celsoafavero@cnpq.pq.gov.br; celsoafavero@terra.com.br.

KEYWORDS: Rurality, Urbanity, Border Situation, Peasantry

INTRODUÇÃO

"A cidade é uma mediação entre uma ordem próxima e uma ordem distante. A ordem próxima é aquela do campo circundante que a cidade domina, organiza, explora extorquindo-lhe sobretrabalho. A ordem distante é a da sociedade no seu conjunto (escravista, feudal, capitalista etc.). Enquanto mediação, a cidade também é o local onde as contradições da sociedade considerada se manifestam, como, por exemplo, aquelas entre o poder político e os diferentes grupos sobre os quais esse poder se estabelece" (Lefebvre, 2008, p. 82).

O "Grupo de Estudo e Pesquisas Territórios, Hegemonias, Periferias e Ausências" não tem explicitado, entre os seus propósitos e nas suas publicações, o estudo da cidade, do urbano e da urbanidade, a não ser tangencialmente ou olhando de viés. Ele tem como objeto principal de suas preocupações o rural, a ruralidade, e, particularmente, o campesinato no Semiárido da Bahia e do Nordeste do Brasil. Este mesmo Semiárido que hoje, novamente, está sendo transformado em espaço de fronteira do capital, não da restauração de fronteiras estabelecidas no passado, como aquela protagonizada pelo latifúndio nas décadas de 1970-1980, na era da "modernização conservadora" da agropecuária; esse novo espaço de fronteira se insere num novo contexto, o do capital financeirizado do neodesenvolvimentismo²³. O grupo se propõe, nesse contexto, e neste ensaio teórico/metodológico, a contribuir para o estudo dos modos camponeses de produzir a vida e os territórios, e, desse modo, para o estudo das estratégias camponesas no confronto com projetos e agentes que produzem essas novas

²³ "O neodesenvolvimentismo é o desenvolvimentismo da época do capitalismo neoliberal. Convém destacar seis diferenças. O neodesenvolvimentismo (i) apresenta um crescimento econômico que, embora seja muito maior do que aquele verificado na década de 1990, é bem mais modesto que aquele propiciado pelo velho desenvolvimentismo; (ii) confere importância menor ao mercado interno; (iii) atribui importância menor à política de desenvolvimento do parque industrial local; (iv) aceita os constrangimentos da divisão internacional do trabalho, promovendo, em condições históricas novas, uma reativação da função primário-exportadora do capitalismo brasileiro; (v) tem menor capacidade distributiva da renda e (vi) o novo desenvolvimentismo é dirigido por uma fração burguesa que perdeu toda veleidade de agir como força anti-imperialista" (Boito JR e Berringer, 2013, P. 32). Outra característica do neodesenvolvimentismo é o neoextrativismo, definido como "uma versão contemporânea do desenvolvimentismo e apresenta (...) o crescimento econômico como forma de superação da desigualdade social – e que, em sua roupagem recente, se identifica com o financiamento de programas sociais. Neste contexto, os setores extrativistas se manteriam como um pilar da "obsessão pelo crescimento" (...). Além disso, o Estado deixaria de ter como função apenas a manutenção de regras que garantissem o funcionamento dos processos produtivos e passaria a ter um papel protagonista nas atividades extrativas" (Santos e Milanez, 2014, p. 6), inclusive, removendo os impedimentos da aplicação das normas ambientais.

situações de fronteiras, notadamente os governos e o grande capital. A voz do camponês passa, portanto, por uma tradução, pela leitura de um outro que com ele caminha, vertendo-se na voz da ciência. Isso significa reconhecer, inclusive, que as proclamações das ciências, de todas as ciências e de todos os cientistas, são sempre traduções de outros; significa, igualmente, reconhecer que essas traduções, todas elas, podem produzir reificações. Nenhuma ciência e nenhum cientista está imune a isso; são outras vozes de outros sujeitos.

Como está enunciado na apresentação no Diretório do CNPq., nos termos mais amplos, o grupo quer ser um lugar e um meio para o aguçamento dos sentidos de pesquisadores e da própria Universidade no reconhecimento de dinâmicas de produção do social “em situações de fronteiras”, e, igualmente, para o esclarecimento de estratégias de agentes sociais deslocados para o outro lado dessas fronteiras, como os camponeses, no seu enfrentamento com os produtores dos sistemas normativos e ideológicos, essencialmente o Estado, e com os que os agentes da sua anulação e morte, as grandes empresas que invadem hoje o Semiárido. Ou seja, o Semiárido do Nordeste do Brasil²⁴, principalmente o da Bahia, é o nosso chão, tanto o semiárido camponês quanto o das cidades, das pequenas e das grandes vilas, “dos arruados e das vastidões”, essas “paragens brancas onde parece não ter ninguém, nem planta e nem bicho”, como diz João Cabral de Melo Neto em “Morte e Vida Severina”.

Nos últimos 15 anos, o grupo desenvolveu inúmeros projetos de pesquisa na região²⁵, com apoio da Universidade e de órgãos de fomento à pesquisa científica, como o CNPq; contou, principalmente, com o apoio valioso de organizações e de famílias camponesas dessas regiões. Dessas pesquisas resultou um número considerável de relatórios e de publicações, e, principalmente, o envolvimento de pesquisadores e estudantes da Universidade com a causa camponesa. Neste momento, estamos desenvolvendo um projeto de pesquisa, com apoio financeiro do CNPq, e com a participação de dezessete bolsistas, dezesseis deles estudantes de graduação da UNEB. Todos os que se envolvem em projetos do grupo - docentes e estudantes - participam de

²⁴ O Semiárido do Nordeste é uma região que envolve uma população de mais de 22 milhões de habitantes. Na Bahia, nos 264 municípios da região semiárida, a população é de quase 6.500.000 habitantes (mais de 48% da população do estado). Nessa mesma região, de acordo com os dados do Censo do IBGE de 2010, o grau de urbanização é de 43,23% (rural: 56,77%), de modo que, com relação à situação de domicílio, contabiliza-se mais de 3.600.000 habitantes. Desse total, presume-se que em torno de 80% pode ser considerada população camponesa e em torno de 10% pode ser enquadrado, hoje, como agricultor familiar (tem acesso ao PRONAF).

²⁵ Ver, por exemplo: Favero e Santos, 2002; Favero, 2000. p. 23-48.

pesquisas de campo, que envolvem a convivência com famílias e com comunidades camponesas. Ou seja, para além dos trabalhos publicados, ou com eles, se atribui grande importância à experiência do envolvimento social e afetivo, que pode transformar mentes: a pedagogia investigativa.

Quem é o camponês? Nos trabalhos de pesquisa, metodologicamente, primeiro, se considera o campesinato como agente social, político e econômico, e não como um beneficiário de políticas públicas e/ou um desprovido de identidade social; isso, sem perder de vista a continuidade descontínua da sua relação com o Estado (agente principal na produção dos aparatos simbólico/normativos e das políticas públicas da desqualificação do campesinato) e com agentes econômicos (que materializam a concentração do capital e a destruição criativa de agentes "desnecessários"). O camponês é um agente social, político e econômico, que produz posições, lugares e territórios num contexto complexo que envolve outros agentes, lugares e territórios, escalas e contradições.

Qual é esse “lugar dos rurais camponeses”, como eles se auto-identificam, onde vivem e como produzem os seus lugares e as suas vidas? O que é o mundo rural camponês como “espaço de vida” e como espaço de produção de mundo? Como ele se relaciona com o urbano e com a cidade? Seguindo pelas trilhas abertas por inúmeros estudiosos, particularmente Maria Nazareth Baudel Wanderley (2009), estas são algumas das questões que estruturam as nossas buscas e as nossas vivências em pesquisa ao longo desses anos. São questões que induzem outras, que levam a encontros e desencontros com grupos sociais, a conversas e a rodas de conversas. Questões com lugares.

Nessas buscas e vivências pratica-se, em termos metodológicos, uma “pedagogia de troca de saberes” - ela seria, segundo o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, a primeira virtude necessária para o pesquisador do social -; ou, nos termos propostos por José de Souza Martins, cultivamos uma “pedagogia investigativa”, de modo que o pesquisador torna-se, frequentemente, um inquerido, dando origem a um processo de educação: um aprende com o outro. A pesquisa envolve intrinsecamente, na sua origem, uma dimensão pedagógica.

Nas idas para estes lugares na Bahia, o camponês e nós pesquisadores, moradores da cidade, somos, ambos, parceiros de conversas. Fazemos rodas de conversas, algumas com menos gente, outras mais largas, umas em salas e em fundos de

casas, até nas cozinhas, outras em cantos de ruas, em escolas, em bancos de igrejas, envolvendo famílias, pais, filhos e avós, comunidades inteiras, arruados, vilas e até representações de municípios e regiões. Adentramos nesses caminhares pelos sertões andando pelas trilhas provocadoras deixadas por Wright Mills (1980), que deslocam a ciência do social do campo das certezas, da aritmética, para o do “artesanato intelectual”; e, como diz José de Souza Martins, para o campo da aventura. Docentes pesquisadores e alunos de iniciação científica são enredados por essas trilhas nas caatingas ressequidas e/ou florescidas do sertão. Vivemos nesses lugares tempos densos e tempos relativamente largos, assimilados por momentos que escorrem lentos, “modorrentos”, e que se aceleram aqui e acolá. Não são lugares parados.

Desses lugares, enfim, também miramos a cidade, o urbano e a urbanidade dos urbanos, distante ou próxima, assimilada nos gestos dos camponeses, na feitura das casas, no artesanato da vida, nas falas e nos silêncios, tantos lugares e modos de desencontros de mundos. Ao mesmo tempo em que nos embebemos da roça, do rural e do modo camponês de relacionamento, nós outros somos mais urbanos, somos a universidade e a cidade. Contradição escancarada, adentrada nos corpos e nas mentes; contradição que, mediada por grandes empreendimentos que reocupam atualmente a região e a transformam em nova fronteira do capital. A fronteira contradição: de lá e de cá, negação mais que contradição, humano e não humano. Nós e...

UM QUADRO CONCEITUAL BÁSICO

"Essa concepção (revelador-analisador) se refere a situações particularmente significativas para a compreensão da realidade social. As transgressões são analisadoras-reveladoras, pois promovem rupturas que desencadeiam interpretações, reações, transformações reveladoras do que é que está sendo rompido. As ocultações, próprias sobretudo da sociedade capitalista, ficam expostas e permitem, assim, a compreensão integral da realidade social" (Martins, 2013, p. 221-222).

É evidente que a ida para o campo, o campo do camponês, é, quando aberta às conversas, portadora de transgressões, aventura. Conceitos, noções, ideias feitas se rompem. Ela rompe com o eu/nós formatado. Não há, nesse caso, um colocar "entre parêntesis" do eu/nós, no sentido da provisoriedade, para a escuta do outro. Há o escancarar de contradições, as mútuas provocação, a desinstalação do eu fixado nos corpos para a abertura à alteridade que constitui o mundo complexo. O "só sei que nada

sei" socrático não é o vazio, é um problema, é abertura para o diverso do eu com o eu que se revela diverso. A preparação para a convivência com o *alter* - o ato requer preparação - precede a ida para o campo do camponês do Semiárido; para o encontro com o rural do camponês e do não camponês; e para o encontro com o urbano do camponês e do não camponês destilado do próprio camponês.

Pensar o urbano a partir do conceito de urbanidade, pelo menos no Brasil, hoje, nos remete ao mundo dos “desejos” (Hegel, 1992), o "fogo escondido" de Adauto Novaes (1990). A urbanidade torna-se um vir-a-ser. Nos dicionários e no próprio universo do normativo, tende-se a definir a urbanidade como o “amadurecimento” de relações políticas e socioculturais no espaço urbano (como o processo de produção de cidadania), o que facilitaria e orientaria, do ponto de vista dos sujeitos, os seus contatos com o desconhecido, o diferente e o inesperado - inclusive com o que não teria ainda amadurecido, a exemplo do camponês -, que caracterizam a vida social em contextos metropolitanos e submetropolitanos. Visão linear, evolucionista: como o urbano é "maduro" e, portanto, mais evoluído que o rural, a "urbanidade" torna-se a expressão do bom relacionamento, a relação ideal; ela é colonizadora.

A urbanidade envolve, portanto, adequações sociais regidas por códigos comportamentais que garantem o indispensável compartilhamento das condições objetivas de vida em determinados espaços. O contrário da urbanidade, ou, mais precisamente, o seu déficit, já que expressa a qualidade (quantificada) do evoluído, se manifestaria como um ambiente regido pela violência, a competição, o medo, o menos humano; manifesta-se, igualmente, como o não compartilhamento da urbe, a sua apropriação privada (por alguns privados) e a sua não aceitação como obra coletiva, como sugere Lefebvre (2008), o que daria origem, freqüentemente, a uma contradição entre a urbanidade e o urbano e à produção de “situações de fronteira”, onde a urbanidade é a manifestação da sua própria contraface.

Nos estudos feitos pelo grupo de pesquisas "Territórios, Hegemonias, Periferias e Ausências", o termo “situação de fronteira” - caracterizada como o lugar onde se vive num “abismo histórico” -, um segundo conceito central nos seus olhares para o campo camponês (além de urbanidade), tornou-se, freqüentemente, uma quase obsessão. Não a “obsessão” de Michel Foucher (2009), mesmo considerando que a concepção de fronteira que ele desenvolve é muito importante para o entendimento do fenômeno em determinadas perspectivas, como a dos indispensáveis marcadores de identidade,

autoconsciência e diversidade. Estamos mais próximos, nesse caso, provavelmente, de “A Travessia das Fronteiras”, de Vernant (2009), ou das fronteiras do tempo, do tempo da escritura e do tempo da memória, de um passado distante agora escriturado, da objetividade distante do intelectual e do seu engajamento apaixonado, hoje, enquanto militante, do familiar e do insólito. O embrenhar-se na fronteira é um ato de aventura, do conflito prenhe, mas, também, do aniquilamento da alteridade e do próprio sentido do humano. Em que o olhar do Semiárido do camponês pelo urbano coincide ou difere do olhar do Semiárido do camponês pelo camponês, quando se afirma que esses lugares (do Semiárido) vivem hoje uma “situação de fronteira”? O de cá e o de lá da fronteira, o existente e o invisível, invisível porque delá...; lugar de confronto e de negação, ao mesmo tempo, lugar da vida e da morte. O que torna o ato de pesquisar, sociológico e antropológico, um ato de aventura, de artesanato intelectual.

Nos nossos estudos, a fronteira se configura como lugar de desencontro e de “confronto”²⁶, opondo os de lá aos de cá, mais do que como lugar de encontro e de formação de identidades (das alteridades): “longe de ser o território do novo e da inovação”, ele se revela diuturnamente, para nós, por um lado, como o “território da morte e o lugar do renascimento e maquiagem dos arcaísmos mais desumanizados, cujas consequências não se limitam a seus protagonistas mais imediatos. Ela se estende à sociedade inteira, em seus efeitos conservadores e bloqueadores de mudanças sociais em favor da humanização e da libertação do homem de suas carências mais dramáticas” (Martins, 2009, p. 13-14). Ela é, nesse sentido, o contrário do que se proclama no imaginário do poder dominante, urbano: no desencontro/confronto que ali se estabelece, realiza-se, mais do que a disputa pela terra e pela água; disputa-se significados e o próprio sentido do viver, que tornam o camponês e o seu universo um insignificante. Em nome do que seria “verdadeiramente” significativa, “maduro”, “moderno”, induz-se um processo de “destruição criativa” (Harvey, 2007), apagando lugares e vidas em

²⁶ De acordo com McAdam, Tarrow e Tilly (2009), o conceito de “confronto político” é matricial no estudo dos movimentos sociais. De acordo com os autores, “um movimento social é uma interação sustentada entre pessoas poderosas e outras que não têm poder: um desafio contínuo aos detentores de poder em nome da população cujos interlocutores afirmam estar ela sendo injustamente prejudicada ou ameaçada por isso. Precisamente porque o confronto político constitui um terreno analítico contínuo com nada mais do que fronteiras fluidas, qualquer definição de movimento social provocará objeções imediatas de estudiosos de áreas adjacentes que se concentram nas suas semelhanças; esta definição específica exclui as reivindicações coletivas de poderosos em relação a poderosos, esforços coletivos para se evadir ou se autorrenovar e alguns outros fenômenos próximos que, de fato, compartilham características importantes com as interações que estão dentro das fronteiras.

nome da sua insignificância e do significado do que seria o novo, o “desenvolvimento”, o des-envolvimento, a aniquilação do campo, cujo portador é a cidade²⁷.

O espaço da fronteira é, no extremo, o lugar da disputa e, ao mesmo tempo, da ruptura entre a morte e vida, como diz João Cabral de Melo Neto. Nela, o de lá e o de cá se desencontram para se reencontrarem no caminhar longo do largo campo de batalha, no caminho que passa por vastidões onde parece não haver ninguém, “nem bicho e nem árvores”, que, se as houve, já não as há; passa por pequenas e quase invisíveis estações, e por estações maiores, já visíveis, os arruados e as cidades.

Esse lugar do desencontro/encontro da morte vida quando olhado de fora, do confronto de dois, se olhado de dentro no que é invisível quando mirado de fora, freqüentemente, nos surpreende pela pujança da vida que nele verte. Lá está a comunidade camponesa no verde cinza da caatinga, o lugar onde o humano - outro humano, não o do capital e do poder da cidade - é o essencial. Este é o mundo rural, a comunidade do camponês, espaço de vida e de produção de vida. Sim, verdade, vida “bloqueada” pelo Estado e pelo capital, como diz Maria Nazareth Wanderley (2009), mas, apesar de bloqueada, e contra os bloqueios, uma vida pujante, esperançosa.

Enfim, para nós, pesquisadores pesquisados deste lugar, as múltiplas “situações de fronteira” por onde andamos e paramos ao longo desses anos de andanças transformam-se em situações de escola. Situações de fronteiras, situações de escola. Escola aventura, artesanato do sertão. Aprendemos, nesses lugares, que o viver a vida, os modos de produzir a vida e os imaginários sobre a vida e a produção da vida e sobre o humano, podem ser muito diversos; e que, por serem diversos, nos remetem a um campo complexo, sem linearidades, continuidades descontínuas que rompem com a aritmética para nos projetar num universo onde a única verdade que resiste é a da nossa incompletude e da nossa insignificância; e a realidade da alteridade.

Um terceiro conceito, com os de urbanidade e situação de fronteira, que nos tem guiado ao longo desses percursos foi o de território. Conceito que se tornou teimoso, apesar de fugidio. Aqui, para revê-lo, pode-se voltar, em certa medida, à “obsessão por

²⁷ Numa das comunidades camponesas centenárias que estão sendo apagadas por uma grande empresa de mineração, em 2013, ouvi de uma moradora resistente o seguinte depoimento: "quando eles conseguem expulsar uma família, a primeira coisa que fazem é demolir a casa e destruir tudo o que é sinal de que ali viveu uma família. Eles acabam com tudo, até com o cemitério, apagando tudo que é sinal que ali existiu uma comunidade. Essa é a dor maior, apagam o nosso passado. Aqui foi enterrado o meu umbigo, o umbigo dos meus filhos, aqui foram enterrados meus pais e avós, essa terra tem o meu suor, essa terra é um pouco de cada um de nós. Saindo, não vai mais nem ter o prazer de voltar, rever, tudo foi apagado, o nosso passado está apagado, desapareceu. Só pensando nisso, choro..."

fronteiras”, de Foucher: identidade, autoconsciência e diversidade. Ou, também, a Vernant, aos tempos/territórios de sentidos. Nesse campo de estudos, por um lado, acompanhamos e interferimos - em alguma medida - nos debates iniciados (retomados) na década de 1990, e que viraram obsessão. Foram visitados, nessa perspectiva, autores que se tornaram clássicos, entre nós, antes de nós, principalmente após a publicação do livro de Haesbaert (2004): autores como Milton Santos e Henri Lefebvre, só para citar os que mais visitamos. Acompanhamos, também, no prosseguimento dos caminhos, a desidratação desse debate e a sua migração para os lados da administração pública, da gestão e do gerencialismo, ou da sua transformação em aparelhos de controle político social, como o é o da instituição dos Territórios de Identidade e de Cidadania, Brasil afora e Bahia adentro. Territórios de governo, de mando, de controle.

Nos nossos trabalhos, para a definição do conceito de território seguimos pelos caminhos abertos por Giddens (2003), que o estrutura com base nas noções de trajeto e “desencaixe”. Entende-se: 1) que o ser humano é um ser situado num espaço-tempo (externo) e portador de um espaço-tempo (interno); 2) que esses espaços-tempo têm as suas fronteiras demarcadas pelas “trajetórias” dos indivíduos e dos grupos sociais que os constituem; 3) que internamente, e entre eles, os territórios são espaços-tempo de tensão que, freqüentemente, se transforma em conflito, e, inclusive, em experiências artesanais de promoção de deslocamentos; 4) que os territórios são resultados/espaços de poder, inclusive, do poder de grupos que controlam o Estado; 5) que as relações entre os diversos espaços-tempo vividos e os de poder podem dar origem a escalas de territórios e a sistemas de mixagem. Nas palavras de Giddens, nos territórios as fronteiras tendem a “se acomodar sob as pressões e as oportunidades que decorrem de sua existência comum” (Giddens, 2003, p. 143).

Mas é, talvez, no Auto de Natal que se encontra a melhor imagem do território, o território vivido, antes do território de poder, nas palavras de Milton Santos:

“ - Antes de sair de casa	Vejo agora: não é fácil
aprendi a ladainha	seguir essa ladainha;
das vilas que vou passar	entre uma conta e outra conta
na minha longa descida.	entre uma e outra ave-maria,
Sei que há muitas vilas grandes,	há certas paragens brancas,
idades que elas são ditas;	de planta e bicho vazias,
sei que há simples arruados,	vazias até de donos,
sei que há vilas pequeninas,	e onde o pé se descaminha. 88
todas formando um rosário	Não desejo emaranhar
cujas contas fossem vilas,	o fio de minha linha

Entre o território vivido (o da casa, onde aprendeu a ladainha das vilas da longa descida), o território caminhado (dos vazios e das paragens brancas, dos arruados) e o território imaginado e desejado (das vilas e das cidades), porque o território vivido está se desmanchando, há o caminho a percorrer, o percorrer do rosário pelo “hirsuto da caatinga”. O camponês parte e, ao mesmo tempo, torna-se um passante, um sem lugar no território fugidio, torna-se mundo: do corte de cana em São Paulo á construção civil em Salvador²⁸. Caminhar, o caminhar do sem chão, faz parte do seu ser, o ser camponês. Apesar de teimoso, de enraizado na comunidade e no chão da caatinga, ele precisa partir; e voltar, por que o lugar o chama. Exceto quando o lugar se desmancha em nome do desenvolvimento da cidade, do apagamento da sua história²⁹.

O quarto conceito da nossa indagação é o de camponês. Nos nossos estudos, mais do que perseguir a produção ou a remissão a um conceito substantivo de “camponês”, e, inclusive, indagando se é possível fazê-lo, considerando a realidade brasileira e, principalmente, do Semiárido Nordeste, preferimos fixar-nos em uma definição de caráter mais propriamente político/antropológico desse personagem. Identificamos nos nossos caminhares pelo Semiárido a existência de um personagem para o qual não se tem uma designação substantiva que seja, mesmo para nós, minimamente convincente. Quem é esse camponês? Bartra (2011), seguindo na mesma toada, o percebe como “um emaranhado de relações sociais cujos nós são a comunidade, a vida rural, o povoado, o governo local, a associação agrícola, a região...”. De acordo com o autor, ele é um “sobrevivente” nas fronteiras do capital, uma “classe esquiva”, “raça errante”, cuja imagem (máscara) se esvai nas cordas de uma “vida suspensa”; ele constitui uma raça de marginais, polimorfos perversos, peregrinos dos tempos e dos espaços, excluídos da história e da humanidade, tudo em nome do

²⁸ Uma das notas recorrentes nas rodas de conversas são as ausências: quase todas as casas possuem os seus ausentes; ausentes presentes nas rodas, territórios alargados, mundo sem eira nem beira, esse mundão de meu Deus. Territórios de caminhadas, ele vai e retorna.

²⁹ Um fenômeno tenebroso e cada vez mais recorrente no Semiárido, vertido no confronto entre comunidades camponesas e grandes empresas mineradoras, de produção de energia eólica e do hidroagropecuárias é o do apagamento de lugares e, assim, do passado de comunidades, para a certeza do não retorno. Lugares sagrados são profanados em nome do crescimento do capital.

progresso do capital que subordina o humano. Ele é, igualmente, um personagem social/político do Semiárido nordestino.

Ao contrário dos proclamados agricultores familiares, designação igualmente problemática, mas mais na moda e alçada ao campo da administração pública estatal, politicamente, ele é, aparentemente, um insignificante. O camponês brasileiro, do Semiárido nordestino, não é insignificante! Ele é o produtor de uma cultura que é patrimônio do Semiárido, a cultura camponesa, nas suas muitas expressões: ribeirinha, sertaneja, quilombola, indígena, de fundo de pasto... Ele é a própria cultura. Mas, principalmente, e simplesmente, ele é humano.

Ele não é insignificante, inclusive, do ponto de vista do capital e do poder, e aí está uma contradição, se o identificarmos enquanto trabalhador para o capital (que aloca a sua força de trabalho na própria região do Semiárido e em distantes regiões do país). Muito frequentemente, ele é transformado em vítima de trabalho em condições similares às de trabalho escravo, a destituição produtiva de sua humanidade. Ele não é insignificante, ainda, quando o transformamos em capital político, voto que sustenta poderes poderosos: “o capital não proletariza a totalidade da força de trabalho, particularmente na agricultura” (Wanderley, 2009, p. 95), proletarizando o trabalho necessário para o capital. De acordo com a autora,

“a) sob a dominação do modo capitalista de produção, o campesinato ocupa um espaço criado pelo próprio capital, em funcionamento no setor agrícola;

b) este espaço é o de um trabalhador para o capital, distinto do proletariado...;

c) por conseguinte, o campesinato, ao ocupar este espaço, se transforma qualitativamente...;

d) a reprodução do campesinato, nestas condições, depende não necessariamente do grau de desenvolvimento do capitalismo, mas, fundamentalmente, das condições históricas de funcionamento do capital...” (Ibid., p. 96).

Qual é o lugar do camponês no Semiárido Nordeste? Estudos com base nas informações do Censo Agropecuário de 2006 e do Censo Geral de 2010 (Buainain et al., 2013) consideram que, nas últimas décadas, a agropecuária brasileira, induzida pela elevação de preços internacionais de *commodities* e a ampliação do mercado interno, ingressou em nova fase competitivo/tecnológica reassumindo posição estratégica na produção de resultados da balança comercial e no cenário político nacional. Esses

estudiosos consideram, no entanto, que, em termos de regiões e no interior delas, o setor agropecuário continua marcado por elevados níveis de desigualdade social e de pobreza; e que estaria em gestação, hoje, no Brasil, o que eles chamam de um “desenvolvimento bifronte”, que combinaria/descombinaria “um lado alvissareiro de crescimento rápido da produção agropecuária, ancorado em taxas elevadas de produtividade” (protagonizado pelo chamado agronegócio), com um lado “socialmente negativo, senão perverso, de seletividade social, situação agravada pela incompreensão da ação governamental...” (Navarro e Campos, 2013: p. 18).

Essa “diferenciação social”/“desenvolvimento bifronte” é identificável, segundo Miele e Miranda (2013), considerando três “mudanças” (e a assimetria de sua repercussão nas duas frentes) que estariam em processo na agropecuária brasileira: 1) o contínuo aumento da escala da produção; 2) a crescente especialização dos produtores; 3) a crescente intensificação tecnológica. A desigualdade resultaria, portanto, e essencialmente, da intensificação tecnológica e, conseqüentemente, do aumento da produtividade, onde se combinam/descombinam um *continuum* geral com ritmos (e regiões) mais ou menos lentos, de modo que, por exemplo, o Semiárido do Nordeste se identificaria, nesse cenário geral, como um vasto espaço rural e, principalmente, como lugar do atraso.

No entanto, com base nos estudos realizados pelo grupo de pesquisa, entende-se, sobre este “lugar do atraso”: 1) que se produziu, na longa história, uma representação que o identifica (o lugar do atraso) com a ineficiência, a ineficácia e o desperdício; 2) que o atual processo de implantação/requalificação, na região, de grandes empreendimentos para a produção energética, agropecuária e mineral, e de grandes obras públicas, como a Ferrovia Oeste-Leste FIORELLE e a transposição das águas do Rio São Francisco, vêm transformando-a em nova fronteira do capital; 3) que esses processos vêm produzindo entre os camponeses da região uma crescente ruptura separando os 10% “melhor sucedidos”, os chamados agricultores familiares (eles têm acesso ao PRONAF), e os 90% que, para a sua reprodução, dependem das políticas de Previdência e Assistência Social³⁰; 4) que esses processos vêm produzindo, igualmente, na região, a extinção de diferentes expressões ou formas camponesas de produção de

³⁰ Esse vasto grupo da população rural, embora seja identificado em quase todos os estudos e no campo das políticas públicas como de agricultores familiares, rigorosamente, ele nos escapa dessa definição e é melhor qualificado como camponês, nos termos que o definimos acima. Para este personagem, para além do problema da dificuldade ou da exclusão do acesso às tecnologias consideradas modernas, ele enfrenta, ainda, problemas de acesso à terra, à água e a serviços públicos.

vida, incluindo assentamentos rurais, “comunidades tradicionais” e territórios de comunidades identificadas como de “fundos de pasto”, de “refrigério”, de “fechos”, ribeirinhas, sertanejas³¹.

Não se pode perder de vista, no entanto, e essa é a sua expressão da fertilidade, que a região vem se transformando, na sua contramão, no nascedouro de novos sujeitos econômicos, sociais e políticos, de novas conflitualidades e de novas formas de desigualdades, de pobreza e de exclusões, ao mesmo tempo em que expressões tradicionais destas estariam em processo de requalificação. Estão se refazendo, também, os significados (e os lugares e os tempos nas estruturas) de elementos estruturantes das formas camponesas e familiares de produção, tais como a terra, a água, as tecnologias, os modos de produção e, também, os lugares, as habitações e os costumes (tradições) e, inclusive, os seus sistemas internos de direitos, o que repercutirá na relação entre esses personagens, por exemplo, e o Estado. Essas novas dinâmicas, ao violarem lugares, tempos e sistemas de produção/reprodução de vida baseados em determinadas relações com esses elementos colocam em questão a própria viabilidade ou a reprodução da agricultura camponesa e familiar e, igualmente, dessas comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, por um lado, a cidade, o urbano e a urbanidade não constituem a temática central do trabalho de investigação do grupo, ela reaparece de forma bastante significativa na medida em que se coloca em evidência, a partir do rural e das ruralidades, as contradições e os confrontos que estruturam as relações entre os camponeses e seus modos de produção de vida, notadamente em situações de fronteiras, com os agentes do Estado e do capital, portadores idealizados dos símbolos da urbanidade. O Semiárido do Nordeste do Brasil tornou-se, nas últimas décadas, outra

³¹ Com base em preceito constitucional, em fevereiro de 2007 foi sancionado o Decreto 6.040, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, que são assim definidos: Art. 3º, I - “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. Os Territórios Tradicionais são definidos, na sequência, como: “II - os espaços necessários à reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os artigos 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações”.

vez e de modos novos, região de fronteira, onde, em nome do desenvolvimento, se disputa, além da terra e da água, territórios e modos de produzir a vida e de viver e o próprio significado do humano. Além de deslocar o campesinato para o âmbito da insignificância e de transformá-lo em vítima da destruição criativa perpetrada pelos agentes do capital, com o aval e a colaboração do Estado, ação que o desmancha enquanto camponês e o põe, fragmentado, nas estradas do mundo, apagando na retaguarda, do seu chão, os sinais que foram da sua existência nos territórios (nas palavras de João Cabral de Melo Neto, no Auto de Natal).

— Esse chão te é bem conhecido

(bebeu teu suor vendido).

— Esse chão te é bem conhecido

(bebeu o moço antigo).

— Esse chão te é bem conhecido

(bebeu tua força de marido).

— Desse chão és bem conhecido

(através de parentes e amigos).

— Desse chão és bem conhecido

(vive com tua mulher, teus filhos).

— Desse chão és bem conhecido

(te espera de recém-nascido).

Esse chão da vida e da gente do Semiárido, em nome do desenvolvimento, torna-se chão do capital. Não da urbanidade. Ele torna-se, também, nas fímbrias dos tempos e dos espaços, tempo de resistência e de vida, vida de gente que teima ser gente.

REFERÊNCIAS

BARTRA, Armando. *Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Cátedra UNESCO de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural, 2011.

BOITO JR., Armando and BERRINGER, Tatiana. *Brasil: classes sociais, neodesenvolvimentismo e política externa nos governos Lula e Dilma*. Rev. Sociologia Política [online]. 2013, vol.21, n.47, pp. 31-38. <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v21n47/04.pdf>

BUAINAIN, Antonio Márcio e GARCIA, Junior Ruiz. *Os pequenos produtores rurais mais pobres ainda tem alguma chance como agricultores?* In. CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. *A pequena produção rural e as tendências do desenvolvimento agrário brasileiro: ganhar tempo é possível?* Brasília: CGEE, 2013. P. 29-72

- FAVERO, Celso Antonio e SANTOS, Stella Rodrigues dos. *Semi-árido: fome, esperança, vida digna*. Salvador: EDUNEB, 2002.
- FAVERO, Celso Antonio et al. *Reduction of Rural Poverty: Critical Revision of the Situation and Challenges for the Next Century*. In. Winrock International and Faculdade Integrada da Bahia. *Rural Poverty in the Northeast of Brasil*. Salvador, Casa da Qualidade Editora Ltda. 2000. P. 23-48.
- FOUCHER, Michel. *Obsessão por Fronteiras*. São Paulo: Ed. Radical, 2009.
- GIDDENS, Anthony. *A constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GODOI, Emília Pietrafesta; MENEZES, Marilda Aparecida; MARIN, Rosa Acevedo (Org.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias, v.2: estratégias de reprodução social*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.
- HAESBAERT, Rogério. *O Mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HARVEY, D. *Neoliberalismo como Destruição Criativa*. *INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente* 2 (4). Tradução, Agosto de 2007. Disponível em: <www.interfacehs.sp.senac.br>.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. Vol. I e II. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LEFEBVRE, Henri. *Espaço e Política*. Belo Horizonte: Editora da UFG, 2008.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteiras: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- MARTINS, José de Souza. *A Sociologia como aventura: Memórias*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MCADAM, Doug, TARROW, Sidney e TILLY, Charles. *Para Mapear do Confronto Político*. In. Lua Nova, No.76: São Paulo: 2009. P. 11-48.
- MIELE, Marcelo e MIRANDA, Cláudio Rocha de. *O desenvolvimento da agroindústria brasileira de carnes e as opções estratégicas dos pequenos produtores de suínos do Oeste Catarinense no início do século 21*. In. CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. *A pequena produção rural e as tendências do desenvolvimento agrário brasileiro: ganhar tempo é possível?* Brasília: CGEE, 2013. P. 201-231.
- MILANEZ, Bruno e SANTOS, Rodrigo Salles Pereira dos. *Neodesenvolvimentismo e neoextrativismo: duas faces da mesma moeda?* 37º Encontro Anual da ANPOCS. Acesso em: <http://www.ufjf.br/poemas/files/2014/07/Milanez-2013-Neodesenvolvimentismo-e-neoextrativismo-duas-faces-da-mesma-moeda.pdf>
- MILLS, C. Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- NAVARRO, Zander e CAMPOS, Sílvia Kanadani. *A “pequena produção rural” no Brasil*. In. CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. *A pequena produção rural e as tendências do desenvolvimento agrário*. Brasília: CGEE, 2013. P. 13-28.
- NETO, João Cabral de Melo. *Morte e vida Severina (Auto de Natal Pernambucano)*. In. http://www.releituras.com/joaocabral_morte.asp

NOVAES, Adauto (Org.). *O Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: Funarte, 1990.

SANTOS, R. S. P.; MILANEZ, B. *Neodesenvolvimentismo às avessas? Uma análise do atual modelo de desenvolvimento brasileiro* Rio de Janeiro. Texto para Discussão. 2014. Acesso em: <http://www.ufjf.br/poemas/files/2014/07/Santos-2014-Neodesenvolvimentismo-%C3%A0s-avessas.pdf>

VERNANT, Jean-Pierre. *A Travessia das Fronteiras: entre Mito e Política II*. São Paulo: EDUSP, 2009

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. *O Mundo Rural como um Espaço de Vida. Reflexões sobre a Propriedade da Terra, Agricultura Familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

8-Corpo, ética e práxis: por uma sociologia pública da comunicação no campo da saúde

João José de Santana Borges³²

Resumo

O presente texto narra a trajetória de um grupo de estudantes e professores, o Corpoética, que tem início em uma atividade de ensino e perpassa a extensão e a pesquisa, tendo como principal objeto de estudo as relações entre os campos sociais da saúde e da comunicação. A temática do corpo e da saúde, numa perspectiva sociológica (mas também antropológica) se revelou uma preocupação central. Em termos de pesquisa, o grupo passou a empreender atividades etnográficas em um Centro de Terapias Naturais no município de Juazeiro. O intuito é o de compreender os significados acerca da saúde/corpo/ambiente partilhados neste Centro. Para tanto, a pesquisa faz uso de abordagens etnográficas e de leituras sociológicas para desenvolver uma reflexão acerca do modo como se dá o tratamento, e em integração com práticas de organização popular, tais como feiras, oficinas, palestras, debates que visam compartilhar os saberes e os discursos acerca de uma saúde integral.

Abstract:

This text tells the history of a group of students and teachers, the Corpoética, beginning on a teaching activity and pervades the extension and research, having as the main object of study the relationships between the social and health fields of communication. The theme of the body and health, in a sociological perspective (but also anthropology) has proved to be a central concern. In terms of research, the Group began to undertake ethnographic activities in a Natural Therapy Centre in the municipality of Juazeiro. The aim is to understand the meanings about the health/body/shared environment in this Center. To this end, the research makes use of ethnographic and sociological readings approaches to develop a reflection about how the treatment, and integration with popular organization practices, such as fairs, workshops, lectures, discussions aimed at sharing knowledge and the speeches about a full health.

Sumario

Este texto narra la historia de un grupo de estudiantes y profesores, el Corpoética, a partir de una actividad educativa y cruza la extensión y la investigación, el principal objeto de estudio de la relación entre los campos sociales de la salud y de la comunicación. El tema del cuerpo y la salud, en una perspectiva sociológica (pero también antropológico) demostró una preocupación clave. En cuanto a la investigación, el grupo comenzó a realizar actividades etnográficas en un Centro de Terapias Naturales en la ciudad de Juazeiro. El objetivo es comprender los significados acerca de la salud / cuerpo / ambiente compartido este centro. Para ello, la investigación se hace uso de los enfoques etnográficos y lecturas sociológicas para desarrollar una reflexión sobre la forma de dar tratamiento, y la integración con las prácticas organizativas populares, tales como ferias, talleres, conferencias, debates que tienen como objetivo compartir conocimientos y habla de una atención integral de salud.

³² Doutor em Ciências Sociais pela UFBA, e-mail: jjborges@uneb.br.

Palavras-chave: Etnometodologia, saúde integral, sociologia, comunicação.

1. Do ensino à pesquisa: sociologia em ação

Em seu eloquente artigo: “Abrir as ciências sociais: para quem e para que?” (2009), Michael Burawoy nos relembra que uma das tarefas da sociologia consiste em revelar às pessoas quais questões públicas estão na origem dos problemas privados que as atormentam. Dar visibilidade a tais questões passou a ser um dos principais motivos impulsionadores da prática que o ensino de Sociologia no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, em Juazeiro-BA, me fazia fomentar.

De modo geral, alguns anos de sociologia da comunicação me convidavam a experimentar formas diferenciadas de conduzi-la. Estamos no segundo semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias. É um período que segue do primeiro ao terceiro, a fornecer as bases teóricas do curso. Nos demais semestres, a ênfase da habilitação se volta para as disciplinas de cunho prático e técnico, capacitando o jornalista a desenvolver linguagens específicas de sua profissão. É quando o habitus jornalístico – para utilizar a expressão sociológica de Pierre Bourdieu – vai principiando a se densificar no estudante, como uma iniciação a um modo de pensar/representar o real, próprio do tipo de conhecimento da atualidade que é o jornalismo. Os formatos aprendidos, a redação para veículos impressos, televisivos, jornalismo online, fotojornalismo, via de regra, deveriam ter como pressupostos o conhecimento adquirido nos semestres mais teorizantes. Entretanto, o que se observa a posteriori é a ausência de marcas desse conhecimento (sociologia, antropologia, teorias da comunicação, semiótica) na prática dos estudantes que chegam ao sexto semestre, pouco recordando das teorias e concepções trabalhadas nos primeiros semestres. Recordam sim, nomes de autores, e mesmo algum saber enciclopédico sobre o que afirmam as teorias de nome mais exótico, como a hipodérmica, por exemplo. Ou reduzem sua memória de teoria à Escola de Frankfurt, e reduzem-na ainda mais quando dela fazem referência como uma instância crítica e estéril, porquanto dissociada da dimensão do fazer midiático, indispensável a formação do habitus profissional. Como dirimir tal problema?

Essa inquietação, debatida vez ou outra nas reuniões de colegiado, provocou-me a analisar a situação, fazendo uso mesmo, ainda que de modo rudimentar, das leituras em sociologia. Era preciso, em boa medida, não apenas provocar o debate dialético e questionador do real e da realidade em que a comunicação se insere, mas também convertê-lo em experiência de corpo e alma dos estudantes. Isso me levou a questionar, por exemplo, a ênfase que costuma ser dada à sociologia crítica da comunicação, sobretudo representada pelos frankfurtianos e a priorizar outras abordagens sociológicas. A começar pelos clássicos: Durkheim, Weber e Marx aparecem no início do semestre, como introduzindo os paradigmas fundadores do pensamento sociológico. No segundo momento, algumas aulas dedicadas aos principais contributos da Escola de Frankfurt, agora alicerçados pelo conhecimento iniciático dos clássicos. Em um terceiro momento, passamos a debater correntes mais próximas do existencialismo, como a fenomenologia social e a etnometodologia, mas também “o conhecimento pelo corpo” de Pierre Bourdieu e algumas incursões nas leituras dramatúrgicas de Goffman para chegarmos com certo fôlego à sociologia brasileira, representada no curso por Florestan Fernandes. Assim, acreditamos propiciar um conhecimento extenso, ao menos um convite para que os estudantes, assumindo sua autonomia, escolhessem se aprofundar em tal ou tal autor. Sempre quis me nortear não por um conhecimento enciclopédico e “bancário” da sociologia. Mas primamos por incorporar as formulações sociológicas para pensar nossa realidade, amiúde chamando a atenção para a contextualização de cada abordagem. O desafio consistia em responder uma pergunta recorrente: como tal autor nos auxilia a pensar tal fenômeno atual? Como Marx nos ajuda a pensar a atual crise no capitalismo mundial? Quais os limites dessa abordagem? Como pensar a produção em série dos artefatos culturais à luz de Frankfurt? Como compreender os sentidos da ação dos movimentos sociais, à luz de Weber? E vários temas que nos preocupavam em cada momento da disciplina eram debatidos por nós, iluminados pelas perspectivas dos autores e das escolas de pensamento.

O raio de nossas preocupações se estendia desde o universo midiático mais amplo até mesmo às nossas interações mais proxêmicas, em sala de aula, no relacionamento com a instituição universitária, na definição de papéis e de situações, nas construções de fachadas sociais etc. Ensaivamos pensar como os autores, exercitar nossas capacidades de análise, experimentando diversas perspectivas, muitas vezes conflitantes. Surgiam “harmonias possíveis, mas sem juízo final”.

Ainda assim, os desdobramentos da disciplina se mostrariam frágeis, salvo se reduzissem a uma acumulação nem sempre bem-sucedida e assimilada pelos estudantes. Era preciso criar uma forma de construção didática que os estimulasse a produzir suas próprias sínteses. Uma questão que sempre nos inquietava enquanto corpo social formado por professor e estudantes, consistia em provocar a “finalidade” de tudo aquilo: o que muda em minha prática profissional quando recorro aos fundamentos sociológicos de explicação da mesma e de seus contextos? Ou mais cruamente, como tudo isso me serve? Como utilizar tais instrumentos cognitivos? A vida, afinal, sempre escapa a qualquer controle que se queira ter sobre ela. Mas se trata de controle? E mesmo de finalidade? E ainda, de utilidade? Faz algum sentido a pergunta: pra que serve a sociologia afinal?

As questões fermentavam os debates, aqueciam nossos brios, despertavam nossos interesses. Alguns autores também nos provocavam em sua forma algo singular de escrita, como Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Peter Berger, por exemplo. Surgiu a idéia de um sarau: o sarau sociológico, em que converteríamos nossos estudos em expressões artísticas. Dai uma poética nos infundiria a vida que necessitávamos para deixar marcas na trajetória dos estudantes. Mobilizamos toda a turma do segundo semestre a apresentar perfis dos autores e ler seus textos agora com uma preocupação em expressá-los poeticamente.

Convidamos a comunidade acadêmica do Departamento para prestigiar o momento. Algo vacilantes, os estudantes criaram dramatizações, cartas, monólogos, poemas, músicas e mesmo fotografia artística para expressar as pesquisas dos autores. Cada grupo empenhou-se em encantar a plateia com formas inusitadas de apresentação dos mestres do pensamento social. E mesmo os tomaram como *um lugar de suas mentes, de seus corpos, de seus corações*.

Assim, a experiência de aprendizagem parecia quase completa. Os estudantes não só apreendiam os principais conceitos e contribuições de cada autor, como problematizavam seus contextos de origem com os contextos atuais de aplicação de suas teses, se abriam para a escuta atenta de suas pesquisas, e também se conscientizavam dos seus limites. Chegavam a principiar a construção de diálogos entre os mesmos. Em termos práticos, isso não se dava de modo uniforme, mas com diferenciados graus de êxito e motivação. Alguns o faziam quase burocraticamente, enquanto outros se empenhavam em investir o corpo nas performances. Não só nos interessava a ética que

esses autores nos inspiravam a seguir, a buscar, a construir coletivamente; mas também uma poética se fazia vingar. E o corpo?

O lugar do corpo nas ciências sociais é deveras restrito. Temos mentes dilatadas, grandes cabeças pensantes, mas não raro, desencarnadas. Olvidamos o corpo. Atrofiamos nossas sensações, como coisas menores que não devem nos preocupar, as quais devemos sacrificar como resquícios de uma infância libertina que não foi completamente subjugada pelos ditames da razão desencorpada. Sacrificamos o corpo pela razão, essa sim, digna de ser cultivada, enaltecida. Mas, reza um título de livro qualquer, o corpo tem suas razões. Por trás de uma postura curvada, de uma voz desencarnada, escondem-se negligências a um custo incalculável. O corpo se ressentido de nosso esquecimento. Em uma das vivências em sala, um pequeno grupo sugeriu que eu introduzisse um pouco do yoga que pratico há mais de quinze anos e que venho ensinando também. Assim, nasceu o Corpoética. Como um prolongamento das aulas experimentais em sociologia da comunicação, assumimos o convite de Peter Berger em sua *Perspectiva sociológica: a sociedade como drama*, quando ele menciona o momento ecstático de contemplar sozinho a noite fora da caverna, com que a sociedade nos confina.

Um grupo inicial de seis alunos desejou continuar as aulas de yoga. Já havia uma proposta no Departamento em que leciono, de oferecer oficinas de yoga para funcionários, professores e estudantes. Assim se deu. Organizamos um pequeno grupo e passamos a fazer a prática coletiva. Depois, com a chegada dos estudantes de sociologia da comunicação, decidimos formar um grupo de estudos, pesquisa e extensão. Nas trilhas do corpo enquanto sujeito-objeto de investigação de sociologia da comunicação, chegamos ao tema da saúde. Como um tema de interesse coletivo, principiamos por querer investigar distintas concepções de saúde e práticas de cuidado que se afinassem às práticas de yoga. Em uma das intervenções extra-classe, conheci, por intermédio da professora Ana Lilian dos Reis, do curso de Pedagogia do mesmo Departamento de Ciências Humanas, um Centro de Terapias Naturais, localizado em um bairro periférico de Juazeiro. Esse é um Centro coordenado por freiras da congregação Luisinha. Ministrei uma oficina de respiração yogi para os usuários do Centro. Apresentei aos estudantes esse lugar. Foi um encontro inusitado, costurado por diversas mãos, que gerou o fortalecimento do grupo Corpoética: agora como um grupo interdisciplinar e que tem na educomunicação, seu principal enfoque de extensão e pesquisa.

O presente texto segue agora delineando as concepções principais da pesquisa que alimenta os encontros do grupo. O objetivo da pesquisa é compreender as relações entre os campos da saúde e da comunicação através da análise comparada de concepções e práticas de saúde, como as desenvolvidas pelo Centro de Terapias Naturais Gianni Bande (CETEGIB), localizado em um bairro periférico da cidade de Juazeiro, o João Paulo II. O bairro surgiu no início da década de 1980 com o acordo entre o Presidente da República e o prefeito local, doando um terreno para que fossem construídas casas, a fim de abrigar famílias de cidades ribeirinhas atingidas pelas enchentes do rio São Francisco. Trata-se de um bairro com cerca de trinta e cinco mil habitantes, com um posto de saúde, 3 escolas e uma creche vinculada ao trabalho das freiras da congregação Luisinha, Irmã Teresa de Jesus e Irmã Redenta, que coordenam os trabalhos do CETEGIB. Esses dados são desde já significativos para nosso intento, visto que apontam para a natureza reticular da temática da saúde.

2. Definição da área de estudos e da problemática

Estamos no campo interdisciplinar da comunicação. Fazemos uso do suporte da sócioantropologia da saúde, para entender as relações entre comunicação e saúde. Ou antes, nos interessa compreender os diversos modos pelos quais a saúde se torna foco de comunicação, objeto de transmissão de informações, intercâmbio de sensibilidades, partilha de sentidos e significados. Para quem e para além da preocupação com as mediações massivas, ou com as mediatizações cotidianas, importa-nos também as interações corriqueiras, a sedimentação de práticas sociais intersubjetivas em torno da saúde, as significações que emergem desse tema.

A interdisciplinaridade intrínseca ao campo da comunicação nos permite fazer uso de um repertório comum às ciências sociais a fim de responder às questões do campo, mas que não são respondidas tomando apenas os suportes teórico-metodológicos do campo. O interdisciplinar aqui repousa no sentido de uma disciplina – a comunicação – formada pelo encontro de outras disciplinas do conhecimento humano. Sendo assim, uma sociologia da saúde se faz presente, pois queremos nos debruçar sobre aspectos estruturais e interacionais de uma dada sociedade que é a nossa. Entretanto, precisamos de uma metodologia própria e que ao mesmo tempo dialogue com outras realidades. A discussão acerca da cultura e do corpo suscita uma visada antropológica *lato sensu*, e portanto, não podemos nos olvidar da relação indissociável

entre as duas disciplinas na construção da questão comunicacional. Daí uma sócioantropologia aplicada se faz vingar.

Comunicação remete ainda a três enfoques: epistemológico, levando em conta a supracitada interdisciplinaridade; teórico-metodológico, na medida em que far-se-á uso das abordagens próprias da comunicação – por exemplo, inspirando-nos trabalhos de Véron (1980) e de Winkin (1990) para compor uma leitura da saúde que recupere a noção de sentido em comum; e empírico-prático, entendendo comunicação como um processo essencial de legitimação da vida contemporânea, e alçando-a ao que Breton chamou de “uma ideologia de consonância utópica”: “essa ideologia, que faz da “ação de comunicar” um dos imperativos essenciais de nossa sociedade, apresenta-se como um recurso, uma alternativa às ideologias políticas. Em certos aspectos, ela tem uma forte tonalidade utópica por causa de sua evocação de uma “sociedade de comunicação” transparente, racional, consensual e, portanto, supostamente mais harmoniosa”. (BRETON e PROULX, 2002: 229). Como será visto neste trabalho, grande parte do esforço dos agentes do Centro e mesmo do núcleo de extensão a que essa pesquisa está vinculado, consiste em dar visibilidade, portanto tornar público, compartilhar saberes e práticas de modos complementares ou alternativos de cuidado com a saúde, ao mesmo tempo em que há a preocupação de pôr em debate as políticas públicas de saúde do município. Esse ideal de transparência e de compartilhamentos é típico de uma sociedade que dispõe da comunicação, não apenas em seus instrumentos de difusão, mas na “razão de ser” de grande parte das ações sociais de hoje, pautadas pelo esforço de mediação.

O que a sociologia pública nos convida, nesse texto, é o de evidenciar as relações entre os campos sociais da saúde e da comunicação. Primeiramente, faz-se mister colocar os holofotes da temática da saúde enquanto objeto de estudo da comunicação. O primeiro procedimento a fazer é chamar a atenção para um fato básico: a saúde consiste em um tema próprio do mundo da vida cotidiana (SCHUTZ (1993); HABERMAS (2001)). Uma temática que transparece de modo ordinário e mesmo recorrente nas conversas do dia-a-dia, seja nos conselhos que sustentam as interações entre pessoas com estados de saúde diferenciados – o doente e o são – até situações em que são evocadas situações dramáticas de saúde de terceiros, quando se chama a atenção para um outro, portador de doença grave. Seja como for, a saúde se torna objeto de atenção de nossas conversas mais triviais por onde circulam informações sobre nosso corpo.

A noção de cuidados médicos é quase um jargão em nossa sociedade. Resgatamo-la em qualquer imagem, em uma fala qualquer na mídia, em um conselho de um vizinho. Uma lembrança irônica e algo macabra dessa assertiva: quando em Paris, fui vítima de erro médico (que me diagnosticou trombose venosa profunda quando era apenas um entorse inflamada na perna), tinha um amigo que se correspondia pelo *messenger* e sempre me dizia: “você vai ficar bem, é só seguir as indicações médicas”. Estas consistiam em vestir uma meia preta, quente e apertada e colocar as pernas pra cima, além de tomar comprimidos e injeções diárias para tratamento da suposta trombose. Se continuasse a seguir tais “indicações” poderia ter morrido de hemorragia em poucas semanas.

A noção de cuidado, entretanto, não se restringe ao saber médico. Segundo Marcel Mauss, esse célebre sobrinho de Emile Durkheim e o movimento inspirado em seus achados, o M.A.U.S.S – *Mouvement Antiutilitariste aux Sciences Sociales* - grande parte das relações entre tribos, famílias, comunidades, indivíduos e grupos sociais são regidas por uma tripla obrigação: dar, receber e retribuir. Ele procura demonstrar que, para além do cálculo individualista, do egoísmo estratégico, da mera relação de barganha e troca, embora os englobando, os indivíduos sustentam uma ordem social através do dom, dessa tripla obrigação, com a qual se fundam os laços sociais, pautados na confiança, na mutualidade da dádiva e na sua propagação para outras dimensões do mundo social.

Compreender as relações entre comunicação e saúde passa por abrigar o modo como as interações cotidianas se dão em torno das questões de saúde, o que alimenta essa rede de interdependências que estão além da situação médico-paciente. Entender saúde sob a ótica da comunicação é, portanto, observar esse cenário de trocas, de uma tripla obrigação entre dar, receber e retribuir e que nos constitui sujeitos. A pesquisa toma, portanto, alguns elementos da fenomenologia social e da antropologia, mas com a ênfase dada na interação entre os atores, os diversos níveis de relação e os agentes envolvidos nessa temática. O CETEGIB representa o pólo empírico da pesquisa, na medida em que se verá essa rede atuante para sustentar os trabalhos do Centro.

3. Da singularidade do tratamento: horizontes etnometodológicos

O usuário entra na sala e é despido de tudo quanto possa perturbar o trabalho de captação que a dupla de terapeutas realiza. Óculos, relógios, celulares – tudo é deixado de fora do consultório. Primeiro, ele é encaminhado a uma espécie de escrivaninha à moda dos consultórios médicos convencionais, onde uma das terapeutas está sentada e organizando os preparativos para a consulta. Ele recebe um cartão com uma mensagem que deve colocar dentro da camisa, em contato com o corpo e as duas terapeutas então “testam o timo”, entendido como o órgão regulador da sistema imunológico de defesa do organismo.

Em seguida, o paciente/cliente é conduzido a ficar ao lado de uma grande mesa, onde há diversos mapas do corpo humano, com órgãos, músculos, sistemas, e também com doenças, vírus, bactérias – um quadro amplo e diverso. Ele passa junto com as terapeutas por cada um dos tópicos dos mapas, enquanto a dupla faz diversos testes para detectar prováveis problemas de saúde e suas causas.

Aqui, uma pausa. Então há um tipo de comunicação via corpo, em que paciente e terapeuta interagem, como se o corpo do paciente estivesse informando aos presentes – por meio de sinais diádicos- o seu estado atual? Aqui será necessária uma investigação mais aguda acerca da concepção de corpo, de comunicação, e mesmo o histórico dessa enigmática forma de apreensão de “diagnóstico”. Trata-se de um vasto campo de investigação que precisa ser escrutinado ao longo da pesquisa. Cabe-nos, nesse momento inicial, interpretar o modo como um tratamento tão exótico torna-se “natural e normal” por parte de usuários.

Para além da simplória concepção de efeito placebo, o que se observa nos dados exploratórios colhidos em campo, durante \as visitas de cunho etnográfico, é que, se os pacientes retornam para a revisão e se perpetuam o tratamento, é porque crêem no mesmo. Até o momento, só conseguimos encontrar um caso de desistência: um jovem de 20 anos, com um tumor maligno no ombro, após uma sessão de cromoterapia com a luz violeta, queixou-se de muita dor e resolveu seguir para Salvador, fazer o tratamento convencional com quimioterapia, radioterapia, e mesmo amputar o braço. Esse caso constitui uma exceção ao notável grau de engajamento com que os pacientes aderem ao tratamento.

E do que consiste? Em geral, o usuário sai do consultório com um formulário de indicação alimentar, contendo tudo o que ele pode ingerir ao longo das semanas antes da primeira revisão. Essas indicações variam enormemente conforme o caso, desde o

jejum até praticamente nenhuma contra-indicação. Em geral, a lista é composta por leguminosas, verduras, legumes, laticínios, soja, chás, tipos de adoçantes indicados, e até certos tipos de carne, como peixe, carne de bode. As marcas indicam o que pode ser ingerido dentro dessa vasta lista de classificação de alimentos onde aparentemente contém todos as possibilidades. Ao verificar essa lista, e relacioná-la com a lista de ervas terapêuticas e os florais de Bach, os banhos de ervas, a argiloterapia, constatamos a origem daquilo que poderia ser categorizado em grande parte como saberes tradicionais, populares, constantemente diminuídos ou denegados pelo saber científico.

Essa constatação aparentemente óbvia nos levou à seguinte possibilidade de interpretação, à luz de uma corrente sociológica que muito poderia ser mais explorada no campo da comunicação (MATTELARD), e que se fez presente na disciplina Sociologia da comunicação: trata-se da etnometodologia, cunhada por Garfinkell, ao se contrapor ao entendimento majoritário do sistema de Talcot Parsons acerca da ação.

Assim como Garfinkell questionou a validade da explicação que Parsons fazia do sentido racional científico que os atores consideravam para a sua ação, afirmando que quanto mais a explicação se aproximava da racionalidade científica mais o conhecimento do ator era legítimo acerca de suas próprias motivações e conteúdos, procuraremos indagar acerca do uso do razão científica médica institucionalizada e convencional que os agentes fazem quanto a sua saúde. Assim, abrimos um vasto leque de opções teórico-metodológicas. A suspeita geral é a de que, como vimos em tópico anterior deste artigo, delegamos o saber de nosso corpo ao ponto-de-vista médico. Nada sabemos, via de regra, acerca do corpo que habitamos. E essa ignorância é constantemente reproduzida, em termos ideal-típicos, nos consultórios médicos e suas rotinas atuais. De outro lado, em se tratando de uma abordagem comunicacional que leve em conta os saberes do próprio agente acerca do modo como entende/interpreta o tratamento natural, seguiremos o receituário geral da etnometodologia, qual seja:

“Em vez de começar com uma visão privilegiada da estrutura social segundo a qual os participantes são tratados como se se orientassem com vários graus de erro, esse procedimento implica que o analista deve suspender todos e quaisquer compromissos com visões privilegiadas da estrutura social – incluindo as versões adotadas tanto pelo analista quanto pelos participantes – em favor do estudo de como os participantes criam, reúnem, produzem e reproduzem as estruturas sociais para as quais se orientam.” (Heritage, 1999:332)

Ao modo de Garfinkell, partimos do pressuposto de que os atores sabem de certo modo o que estão fazendo e sabem-no em comum uns com os outros. Nossa tarefa é, em boa medida, entender: “como os homens isolados mas simultaneamente em estranha comunhão, empreendem a tarefa de construir, testar, manter, alterar, validar, questionar e definir uma ordem juntos.” (333)

Garfinkell não começou seu estudo com uma tentativa de caracterizar as perspectivas subjetivas dos agentes sociais. Ele partiu do pressuposto de que a normalidade percebida pode ser investigada de fora por meio de manipulações experimentais de sequências de ações. Localizar os procedimentos pelos quais os agentes sociais procurariam normalizar as discrepâncias entre os eventos esperados e os eventos reais. Em seu clássico estudo experimental acerca de “consultas sentimentais” que ele promoveu na Universidade onde atuava, ele pôde constatar o que cunhou como método de interpretação documental: aparência real como documento de, apontando para, favorecendo um padrão subjacente.

A experimentação proposta em segredo por Garfinkell consistia em uma sala dividida em duas partes, comunicando-as apenas por uma abertura entre elas, onde o conselheiro recebia as perguntas do estudante e devolvia com apenas duas possibilidades de resposta: sim ou não. Não importava qual fosse a dúvida existencial-amorosa do estudante, o “psicólogo” apenas responderia “sim” ou “não”. O que os estudantes que procuravam o serviço não sabiam é que as respostas já estavam aleatoriamente programadas, cabendo ao “psicólogo” apenas reproduzi-las, independente da pergunta lançada. O que Garfinkell e seus alunos perceberam foi que havia um esforço superlativo de normalização, que consistia em interpretar as respostas dos “psicólogos” como adequadas à situação, e conferir sentido às mesmas.

Assim, ao se depararem com respostas incompletas, impróprias ou contraditórias, os pacientes não raro decidiam esperar e ver se respostas posteriores podiam esclarecer a situação, ou encontravam uma razão que davam sentido a uma resposta, ou concluíam que o conselheiro tinha mudado de idéia. Em suma, os estudantes usavam todos os meios para manter um compromisso com as trocas enquanto um fluxo de conselhos que envolvia a participação de conselheiros confiáveis e adequadamente motivados.

Essa atitude natural com que habitualmente interpretamos a vida cotidiana, afirma Garfinkell, é a suspensão da dúvida com que poderíamos interpelar as interações

vividas. Ora, essa suspensão da dúvida é essencial para entender o que acontece com a crença no tratamento obtido com a consulta no CETGIB.

A pergunta: o que está acontecendo? Sugere uma série de modos de encaminhar respostas. Ao analisar os contextos situacionais de interação, o grupo há de ver as estratégias de normalização e naturalização com que o corpo passa a ser ouvido por um curioso sistema de captação, entre duas terapeutas e uma espécie de pêndulo, por exemplo, como costumam ser as consultas aqui referidas. Se esse modo no mínimo exótico ao olhar alheio, ganha tamanho grau de confiabilidade é porque os efeitos do tratamento preciso conduzido por esse sistema tem alcançado um êxito que precisa ser documentado. Essa é parte da tarefa a ser empreendida pelo grupo de pesquisa em curso.

4. Ampliando o foco: por uma nova visada sociológica

Boaventura de Souza Santos (2005) fornece-nos um importante quadro analítico para pensar as relações epistêmicas entre as terapias naturais e os saberes biomédicos. Em sua obra, ele reflete sobre o epistemicídio dos saberes do sul, provocados pela colonização europeia. E traz relatos empíricos de seus colaboradores, evidenciando o quanto em países como a África do Sul, por exemplo, a indústria farmacêutica, associada ao poder político e ao poder simbólico da igreja Católica, deu prosseguimento a um secular processo histórico de aniquilação dos saberes e práticas indígenas de cuidado com a saúde. O autor argumenta que esse processo se deu com uma persistente campanha difamatória dos curandeiros, incluindo uma proibição legal das práticas a eles vinculadas, até a perseguição policial dos mesmos. Em um certo momento, a luta de forças tornou-se mais igualitária, e passa a haver a regulamentação das práticas indígenas, sob o crivo da ciência biomédica, semi-disposta a admitir alguma eficácia no tratamento perpetrado por algumas ervas. Ainda assim, a assimetria se faz evidente e a marginalização das práticas indígenas de cura se faz inevitável.

Embora essas tensões não sejam tão acirradas no campo aqui estudado, podemos observar que há uma assimetria estrutural que ainda que não seja explícita, se manifesta por exemplo na distribuição dos recursos provenientes do SUS (Sistema Único de Saúde), na adoção pela secretaria da Educação e não pela Secretaria da Saúde do município, como funcionária prestadora de serviços da prefeitura. Até o momento em

que este texto está sendo escrito, não houve qualquer repasse de verba do SUS para o CETGIB, embora este coloque um dia inteiro da semana ao atendimento gratuito à população, com a indicação do posto médico do bairro e das circunvizinhanças.

Como diz a irmã Teresa: “por problema de dinheiro, ninguém sai sem ser atendido”.

O grupo de pesquisa pôde observar esse enfoque sócio-estrutural e histórico como um importante horizonte de pesquisa que merece ser desbravado ao longo do projeto. Entretanto, salta-nos aos olhos outras abordagens que se nos apresenta uma visão mais microsociológica do campo, cuja pista a própria obra de Boaventura nos convida a despistar. Trata-se, em um primeiro momento, da “função” exercida pelo CETGIB. Em outro texto de sua obra, seu colaborador observa o quanto as práticas dos curandeiros foram procuradas em momentos de desagregação social, em que a violência e a criminalidade estavam dominando e o Estado sul-africano não conseguia dar conta das demandas sociais. Os relatos do autor mostram o uso do recurso dos feiticeiros até mesmo para proteger bens, como carros, de furtos e mesmo encontrar objetos roubados. A etnografia desempenhada pelo autor permite-nos acompanhar os trajetos das histórias de recuperação dos bens, ou mesmo de ressignificação de suas perdas.

A questão que se coloca é: que função o CETGIB passa a ocupar na sociedade do bairro, quando até mesmo o Posto Médico do lugar indica “revisão com as freiras” para os seus pacientes? De fato, a precariedade do serviço público de saúde se faz notória, sobretudo nos eventos que o CORPOÉTICA coordenou. É válido lembrar também que o CETGIB fica localizado no bairro João Paulo II, um bairro periférico do município de Juazeiro, ocupado por pessoas de diversas cidades do sertão baiano e pernambucano que vieram ao Vale do São Francisco por ocasião das enchentes do Velho Chico, mas também em busca de oportunidades de emprego, com o advento da barragem de Paulo Afonso. A promessa coletiva não se cumpriu e os buscadores tiveram que se estabelecer ali para trabalhos temporários e não raro precarizados. Com a obra social do Bispo José Rodrigues, um dos nomes mais reconhecidos na região, devido ao seu trabalho inspirado na teologia da libertação, as freiras da congregação Luisinha fundaram uma creche para abrigar os filhos dessa aventura em busca de emprego.

O que parece evidente é esse arranjo de forças coletivas que propiciaram a instituição de um lugar de trabalho e cura que, ao mesmo tempo em que reproduz a precariedade local, contribui para dirimi-la. Esse é um aspecto que não deve ser negligenciado e que diz respeito às condições sociais do trabalho das freiras e das

terapeutas. Um segundo aspecto que esse texto quer abordar ainda reside na questão da eficácia do tratamento. O que garante, em termos sociocomunicacionais, que a rotina e o uso das plantas, chás, florais, massagens, argila, propiciem uma melhora no quadro de saúde dos seus usuários? Quais as consequências dessa eficácia, em termos sociológicos? Que concepções de saúde/meio ambiente estão sendo compartilhadas? No próximo tópico, trataremos de uma possível resposta parcial para a questão.

5. Elementos para comparação

Como parte integrante do nosso estudo, o grupo tem se dedicado a refletir coletivamente acerca dos procedimentos de comparação possíveis entre dois modelos, em sua fase antagônica, de tratamento da saúde: de um lado, o biomédico, monopólio do saber legitimado acerca da saúde, do outro, o terapeuta natural, representando aqui o conjunto de saberes subalternos de origem popular e de raízes tradicionais. Refiro-me ao antagonismo como uma fase, pois sabemos com Santos (2012) que as relações entre ambos possuem várias modalidades: da aniquilação completa do outro, do antagonismo declarado, da convivência tolerada, até a simbiose quase completa, desde que o saber médico seja hierarquicamente superior e controle as experiências dos terapeutas.

No segundo semestre de 2013, dois eventos se tornaram bastante emblemáticos dessa questão. O primeiro é denominado de Ato médico e consistiu na iniciativa do Conselho Federal de Medicina de normatizar as práticas médicas, atribuindo ao médico a responsabilidade e autonomia exclusiva em uma série de práticas usualmente realizadas por outros profissionais. O projeto de lei recebeu um conjunto de vetos da presidente da República, ocasionando um delicado equilíbrio de forças e, ao fazer justiça aos outros grupos, acabou por inflamar a classe médica.

O outro, ainda em curso, é denominado de Programa Mais Médicos que consistiu na medida emergencial de trazer médicos de Cuba para ocupar as cidades do interior do Brasil, que sofrem de uma carência estrutural de políticas públicas consistentes de saúde, incluindo a ausência de profissionais. A questão envolve uma série de aspectos que não nos cabe relacionar aqui. Importa-nos muito mais evidenciar a reação “agressiva” dos médicos brasileiros diante da proposta. E como tal reação está relacionada a certos fatores determinantes presentes na rotina dos médicos e na sua formação. Um relato será aqui evocado para ilustrar tal problemática.

Em suma, o que o ato médico e o programa Mais médicos nos revelam é que há uma crise no sistema moderno de saúde. Já não é mais o perito que erra (GIDDENS,) mas é o sistema como um todo que começa a apresentar sinais de fragilidade, quando já não mais responde eficientemente à confiança por nós depositada em sua perícia.

Um sintoma que cresce a medida em que notamos, via meios de comunicação de massa, a evidência da colonização do mundo sistêmico sobre o mundo-da-vida. Para usar a formulação de Habermas, o mundo sistêmico é aqui entendido como o conjunto de dispositivos do poderio político e econômico em que se privilegia o uso de uma razão instrumental e de seus derivados. Assim, tem sido comum denúncias ocasionais como ocorreu no dia 07 de outubro de 2013, no Jornal da Manhã, o caso de um médico que vendia receitas médicas por trinta Reais, sem consulta, de medicamentos tarja preta. Ora os fins econômicos sobrepujam o cuidado com a saúde da população. Se esse é um caso pontual em que mesmo os órgãos fiscalizadores da medicina oficial se posicionaram garantindo a punição do suposto médico, o que dizer das inúmeras denúncias envolvendo a indústria farmacêutica e sua busca gananciosa por lucro, desconsiderando a saúde dos usuários de seus serviços?

Questões como essas nortearam a realização do evento *Corpoética em debate: O ato médico e suas consequências*” realizado no Auditório Canto de Tudo, no Departamento de Ciências Humanas . O evento contou com a participação de um representante da Secretaria de Saúde do município, um professor da residência em Psicologia Clínica da UNIVASF e representantes da Horta Comunitária e do CETGIB. Tratou-se de uma iniciativa compreendida no projeto de extensão do Corpoética, no entendimento da comunicação como facilitadora de espaços de mediação, em que temas de interesse público são debatidos e evidenciados. O evento procurou levantar as seguintes questões: quem são os agentes do Ato Médico? O que intentam? Como garantir a legitimidade das práticas médicas complementares, das terapias naturais *latu senso*? Como garantir políticas de saúde pública mais amplas, que envolvam propostas de segurança alimentar, atividades preventivas, programas de comunicação que tematizem a saúde coletiva?

Um dos problemas com os quais deparamos nesse tipo de análise é a disparidade existente entre a posição do biomédico e o terapeuta holístico. Enquanto lócus de legitimação privilegiado, o saber médico também se impõe por meio da violência simbólica que o seu agente pode exercer sobre o conjunto de pacientes. Em um hospital

regional, no plantão de emergência, pude observar o comportamento hostil de um médico plantonista atendendo os que ali estavam em busca de alívio para suas dores. O médico lhes dirigia a palavra como se os tivesse em péssima conta, como se os pacientes estivessem irritando-o. Quando uma paciente reclamou da demora com que o soro lhe era aplicado, sentada como estava das 22h às 3h da madrugada, o doutor plantonista lhe admoestou: “ a senhora não estava sentindo dor? (pois agora, aguenta.) Não tem previsão de alta.” No entanto, qualquer pessoa mais sensível observaria que o desconforto da posição na qual a paciente se encontrava era pior do que se estivesse sido medicada e sido encaminhada para a residência. O médico não voltou para saber como a paciente estava, e mandou a técnica de enfermagem “despachá-la” quando tivesse acabado o soro. Durante tal expediente, o médico não poderia ser questionado, mesmo que estivesse agindo de modo insano, tal era sua autoridade e a violência de suas admoestações aos pacientes (que pareciam mesmo teme-lo). Seu poder era inquestionável. Mesmo que a técnica concordasse ali com o ritmo extremamente lento do soro, ela não poderia “desacatar” a indicação médica, que parecia perversamente querer que a paciente sofresse o desconforto desnecessário.

Em termos estruturais, verifica-se, entretanto, que o médico não faz mais que reproduzir, à sua maneira, o habitus de sua formação e rotina no hospital. Sua aparência cansada e algo irritativa parecia mesmo refletir as condições estruturais de seu trabalho. Ao trabalho de rotina, se somava um trabalho interno: o de eliminar qualquer forma de sensibilização à dor alheia, era preciso ser técnico, para sobreviver em meio aquele sofrimento permanente: pessoas chorando de dor física ou emocional com a perda de algum parente, pessoas dormindo nos corredores, estertores de dor e angústia durante todas as noites na emergência etc. A dureza do sofrimento alheio não lhe alimentava a compaixão, mas lhe endurecia o espírito. Embrutecido, era incapaz de uma escuta atenta a quem lhe dependia a esperança de cura ou de alívio. Resmungava, com um ar cansado, diante dos gemidos de uma senhora que sofria de dor no estômago e nas costas: “é normal, senhora. A dor do estômago se irradia, entendeu?” Este entendeu soava como a última gota de paciência que lhe restava contra aquela criatura que parecia exagerar a própria tormenta.

Por sua vez, a auxiliar de enfermagem movimentava-se com gestos rápidos e precisos. Exercia sua autoridade diante dos pacientes (sem a presença do médico), de modo menos ríspido. Em relação à senhora com dor de estômago, sua primeira atitude

era de concordância com as ordens do médico: “não posso passar por cima da ordem dele”. Por esse motivo, mantinha o ritmo de queda de cada gota de soro bastante lentamente, fazendo com que a senhora passasse a noite inteira sentada (não havia leito), quando na verdade, a dor já tinha passado por conta do medicamento, restando-lhe apenas a necessidade de hidratação e descanso. No entanto, à medida em que estabelecia um vínculo quase afetivo com a paciente, aumentou o ritmo do soro, de modo muito discreto e temeroso, mas sob a aprovação da senhora e de seu acompanhante. Quando o médico entrou naquela sala, sequer notou que sua ordem havia sido violada. Apenas ao ser questionado acerca do procedimento pelo acompanhante, vociferou: “ a senhora não chegou se acabando de dor? Pois não tem previsão de alta”. Ao perceber que sua inclemência era muito evidente, tentou refazer a fachada: “ a senhora só sai daqui boa.” Entretanto, nenhum medicamento adicional fora acrescentado. O médico não voltaria à sala e por insistência do acompanhante da paciente, permitiu que, quando aquele penúltimo volume de soro tivesse acabado, a senhora pudesse ser liberada. Assim, a auxiliar de enfermagem foi quem, generosamente, dispensou a paciente para a casa.

Registrar os ritos de urgência/emergência vivenciados pelos pacientes em um hospital público é acionar um duplo dilema metodológico: de um lado, a objetividade com que tal relato deve ser realizado, de outro, a inevitável “subjetividade” do enquadramento; além disso, o envolvimento com a dor do outro impede que a descrição seja primorosamente isenta de conteúdos afetivos. Para perceber as rotinizações, as atitudes, as vacilações, as mobilizações dos agentes de saúde ali presentes, será preciso desanuiar o olhar, e perceber agudamente o que se passa ali. Um outro investimento necessário, mas que não será levado à cabo nesse artigo, consiste em descrever o cenário, o ambiente, o espaço do hospital. Tal descrição minuciosa fornecerá pistas para uma compreensão abrangente das condições estruturais do trabalho dos agentes observados e de seus pacientes emergenciais, com suas situações mais ou menos trágicas.

.

Conclusões: por novos caminhos de investigação

Procurou-se neste artigo, inventariar as principais linhas de investigação e ação do projeto em curso. Algumas dimensões do estudo, entretanto, não foram aqui consideradas. Nesta conclusão, gostaríamos de, brevemente, aponta-las. Trata-se em boa

medida de derivações da experiência de pesquisa e extensão que esse grupo interdisciplinar – o Corpoética – empreendeu ao longo dos anos de 2013 a 2015, com descrições etnográficas, realização de oficinas e eventos educacionais, realização da primeira feira de saúde integral, e cujo desafio atual consiste em levar a cabo os objetivos da pesquisa.

Uma primeira dimensão que carece ser enfrentada consiste no que poderíamos chamar de representações das terapias naturais na mídia. Uma abordagem próxima à análise de discursos deverá ser considerada. Esta é, via de regra, a interface mais imediatamente vinculada à área de comunicação, sobretudo por aqueles que consideram a mídia como central nesses estudos.

Uma segunda dimensão consiste em continuar a investigar os relatos dos usuários do CETEGIB e das terapias naturais em geral. Uma questão importante aqui é o de precisar o que se quer dizer com “sentir-se bem”, ao fazer o tratamento, tomar os chás, e qual é a significação da saúde aí vivenciada. Uma abordagem de matiz fenomenológica certamente será solicitada para tal compreensão. É preciso, portanto, mergulhar nos processos de tratamento empreendidos, acompanhar esses ritos em seu fazer, em sua temporalidade. O que é esse “melhorou”, ou “sentir-se bem”, em termos fenomenológicos, a fim de compor um quadro mais detalhado de descrição do tratamento?

Uma terceira dimensão do problema consiste na apreciação das histórias de vida das terapeutas do centro. Certamente, para compreender o processo em curso, é preciso examinar as trajetórias, os modos de iniciação e aprendizagem, as escolhas e possibilidades existenciais que culminaram na adesão de Cleonice, Fátima, Eliete e Jane, além de Roosevelt e a irmã Teresa, as principais lideranças e terapeutas do CETEGIB. Essa será a tarefa para uma próxima abordagem.

Assim, o trabalho desse grupo que teve início em uma atividade de ensino demandará um fôlego teórico-metodológico que possibilite desentranhar tantas dimensões do fenômeno. A exigente demarcação de fronteiras e a especificidade do recorte é uma escolha metodológica que não nos é dado assumir. É preciso, ao dizer de Latour, percorrer as pistas do objeto, revelar as diversas conjunturas e pontos de intersecção das redes temáticas. Um deles está certamente nos vínculos entre saúde e religião. O que encontramos no CETGIB é um fenômeno social total que Marcel Mauss concebeu e que Laplantine nos faz lembrar. A modernização da medicina consistiu em

buscar demarcar fronteiras rígidas entre a medicina científica e a medicina popular, entre fé e cura. O que observamos nesse relato é que "não existem práticas puramente médicas ou puramente mágico-religiosas, mas no máximo recursos distintos"(Laplantine, 2011:214).



Foto: Lara Micol

REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Petrópolis, Vozes, 1986.
- ALVES, P.C. & RABELO, M. **Processos de interpretação na experiência da enfermidade**. Trabalho apresentado na XIX Reunião da ABA, Niterói, 1994.
- BARRETO, Alexandre Franca. (org.) **Integralidade e saúde: Epistemologia, Política e Práticas de Cuidado**. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2011.
- BORGES, João José de Santana. **Árvores e Budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Orientadora: Professora Doutora Miriam Marcilio Rabelo (FFCH- UFBA). Salvador: UFBA, 2011
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalinas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues.(org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense,1999.
- BRAGA, Ruy; BURAWOY, Michael. **Por uma sociologia pública**. São Paulo: Alameda, 2009.
- CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom: O terceiro paradigma**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CSORDAS, Thomas. A **corporeidade** como um Paradigma para a Antropologia. In: **Corpo, Significado, Cura**. Porto alegre: Ed. da UFRGRS, 2008.
- COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. 1 v.
- GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HERITAGE, John C. Etnometodologia. In: GIDDENS e TURNER, Anthony e Jonathan. **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- JONAS, Hans. **O princípio Vida: Fundamentos para uma biologia filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LAPLANTINE, François. **Antropologia da doença**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: Para uma nova cultura política.** São Paulo: Editora Cortez, 2006 (2ª edição).

